PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

Irinéia Leal Barbosa Batista

Formação Histórica de Boa Nova/BA em HQ para alunos no Ensino de História, do Ensino Fundamental II

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
ABRIL/2026

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória/Uesb

Irinéia Leal Barbosa Batista

Formação Histórica de Boa Nova/BA em HQ para alunos do Ensino de História no Ensino Fundamental II

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória/Uesb), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em diferentes espaços de memória.

Orientadores: Profa. Dra. Isnara Pereira Ivo (in Memoriam) e Belarmino De Jesus Souza.

Vitória da Conquista – Bahia
ABRIL/2026

B337f

Batista, Irinéia Leal Barbosa.
Formação histórica de Boa Nova/BA em HQ para alunos do ensino de história no ensino fundamental II / Irinéia Leal Barbosa Batista, 2026.
89 f.
Orientador (a): Dr. Belarmino De Jesus Souza.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória, Vitória da Conquista, 2026.
Inclui referências F. 85 - 89
1. Ensino de história. 2. Historiografia. 3. Boa Nova - História. 4. Histórias em Quadrinhos. I. Souza, Belarmino De Jesus. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Ensino de História. III. T.

CDD 907

Catalogação na fonte: ***Karolyne Alcântara Profeta – CRB 5/2134***
UESB – Campus Vitória da Conquista - BA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Mestrado Profissional e Ensino de História - ProfHistória/Uesb

Formação Histórica de Boa Nova/BA em HQ para alunos do Ensino de História no Ensino Fundamental II

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional e Ensino de História - ProfHistória/Uesb, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Data da aprovação: ---- de ---------- 2026

Banca Examinadora:

Profa. Dra. ---------- (Presidente) Ass.:_____

Instituição: ----------

Profa. Dra. ---------- Ass.:_____

Instituição: ----------

Profa. Dra. ---------- Ass.:_____

Instituição: ----------

Profa. Dra. ---------- Ass.:_____

Instituição: ----------

DEDICATÓRIA

A Deus, porque sem Ele nada seria possível;

À minha família, por seus cuidados e compreensão;

Ao meu esposo, Anderson Dias, por sua amorosidade, dedicação, companheirismo, doação e paciência;

Aos meus filhos, Adriel e Andrei, por terem me ensinado a perseverar.

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata a Deus, por estar aqui, por tudo que vivi até aqui, incluindo os momentos de dificuldade, perdas, aprendizado, bem como os períodos felizes e de contentamento, que me levaram a refletir sobre a importância de valorizar cada processo e que as pequenas coisas são importantes, porque demonstram o trabalhar de Deus em cada detalhe.

O que mais tenho a fazer é agradecer: muitas pessoas foram essenciais durante o desenvolvimento da escrita desta pesquisa, muitas foram as orações, as petições, as orientações, os conselhos, as conversas. O meu sincero e amoroso agradecimento e enorme brandura a estas pessoas excepcionais.

Agradecimento especial à minha família, em especial ao meu esposo Anderson Dias, por ser meu maior incentivador e aos meus filhos Adriel e Andrei, por sempre me apoiar e acreditar no meu desenvolvimento como pessoa e profissional e por tudo durante estes últimos dois anos; vocês foram os meus ajudadores, incentivadores e ao longo desta trajetória compartilharam comigo anseios, angústias, lágrimas e felicidade, sem soltar a minha mão.

Meus sinceros agradecimentos à minha primeira orientadora, a professora Doutora Isnara Pereira Ivo (in memoriam), ter aceitado me orientar foi muito importante, pelo respeito e confiança que demostrou sempre nestes dois anos de orientação, pelos ensinamentos, pelo profundo conhecimento e o compromisso com a pesquisa, pelo empenho e dedicação, por não ter desistido de mim. Sem suas orientações eu não teria conseguido. Ao meu atual orientador, o professor Dr. Belarmino de Jesus Souza, que com muito cuidado tem aceitado dar continuidade em me orientar, sou grata imensamente, por todo ensinamento e cuidado, meu muito obrigado!

Sou grata à professora e coordenadora do ProfHistória Dr. Grayce, por todo cuidado e carinho, por ter me incentivado nos momentos mais difíceis, que me deu forças para continuar.

A minha gratidão ao ex-prefeito Adonias Rocha e ao atual prefeito Lucas Meira e secretária municipal de Educação, Valdirene Ramos, que proporcionou o meu afastamento total da regência de classe, para poder me dedicar por completo à conclusão da pesquisa.

Não posso deixar de agradecer a minha irmã na fé e amiga, a Ana Claúdia Souza, que sempre me incentivou e acreditou no meu potencial, dizer que seu incentivo e orações deixaram a minha trajetória mais tranquila, gratidão por ser minha companheira de luta, por partilhar comigo, meus momentos mais alegres e mais difíceis.

De igual modo, agradeço aos meus colegas de turma do Profhistória, pelo acolhimento, trocas e por todos os momentos vivenciados, pelo apoio nos momentos de apresentações de trabalhos e nos eventos, por toda a cumplicidade e alegria que partilhamos juntos.

Quero agradecer especialmente aos colegas de programa, Diogo Nunes, Quedma Carvalho, Valdirene Guimarães e Aline Cabral, que estiveram ao meu lado durante a minha trajetória. Meu muito obrigado!

Com muito carinho e admiração, agradeço aos professores da banca de qualificação e defesa, ao Professor Dr. Ricardo Alexandre Santos de Souza e ao Professor Dr. Marcelo Fronza, meu sincero agradecimento por compartilharem e me orientarem neste momento de grande significado da minha vida.

Nestes três anos muitas foram os percalços, foram dias difíceis, as provações, as perdas foram imensuráveis, além da Professora Dr. Isnara (In Memoriam), perdi minha mãe Dilza Leal (In Memoriam) e a minha avó Cecilia Helena, duas grandes referências e meu porto seguro, mas Deus tem colocado pessoas maravilhosas em meu caminho, não tem sido fácil, porém tem ficado mais leve passar por tudo isto. Gratidão meu Deus, gratidão meu Deus!

RESUMO

Esta pesquisa investiga o processo de povoamento de Boa Nova, na Bahia, com foco nas histórias conectadas, sociais e culturais que moldaram a região, utilizando histórias em quadrinhos (HQs) como Fonte Histórica. O objetivo é analisar a historiografia sobre o Sertão, evidenciar a importância dessas narrativas para compreender a história de Boa Nova e explorar a formação do Arraial de Bocca do Matto, destacando espaços de memória e trajetórias marcantes. A metodologia combina pesquisa documental, análise historiográfica e produção de HQs como estratégia para reconstruir e divulgar a história local. O estudo é dividido em três capítulos: o primeiro aborda a relação entre história e consciência histórica, com destaque para a relevância da historiografia na construção da identidade local; o segundo explora o povoamento, desde o surgimento do território até a sua consolidação como cidade, ressaltando elementos culturais e sociais; e o terceiro analisa os impactos positivos da utilização de HQs no ensino de história, destacando sua eficácia na promoção da aprendizagem histórica e na valorização do patrimônio local. Conclui-se que as HQs constituem em fonte eficiente, capazes de engajar os alunos e fortalecer o vínculo com a história e a memória regional.

Palavras-chave: Ensino de História. Historiografia. Histórias Conectadas. Memória. Boa Nova. Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT

This search investigates the settlement process of Boa Nova, Bahia, focusing on Connected stories social, and cultural dimensions that shaped the region, using comics (HQs) as an educational tool. The objective is to analyze historiographies about the Sertão, highlight their importance for understanding the history of Boa Nova, and explore the formation of the Arraial de Bocca do Matto, emphasizing memory spaces and significant trajectories. The methodology combines documentary research, historiographical analysis, and the creation of comics as a strategy to reconstruct and disseminate local history. The study is divided into three chapters: the first addresses the relationship between history and historical consciousness, emphasizing the relevance of historiography in constructing local identity; the second explores the settlement process, from the emergence of the territory to its consolidation as a city, highlighting cultural and social elements; and the third examines the positive impacts of using comics in history teaching, emphasizing their effectiveness in promoting historical learning and valuing local heritage. The findings conclude that comics represent an innovative and effective source capable of engaging students and strengthening their connection to regional history and memory.

Keywords: History Teaching. Historiography. Connected Stories. Memory. Comics. Boa Nova.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10

2 MEMORIALÍSTICA DE BOA NOVA 15
2.1 HISTORIOGRAFIAS SOBRE O POVOAMENTO DO SERTÃO... 20
2.2 A FORMAÇÃO HISTÓRICA DE BOA NOVA 28
2.3 VISÃO PARCIAL SOBRE BOCCA DO MATTO 36

3 O ARRAIAL DOS POÇÕES E DE BOCCA DO MATTO 46
3.1 O POVOAMENTO DO TERRITÓRIO 50
3.2 DE VILA À CIDADE..... 58
3.3 ESPAÇOS, PRÁTICAS COLETIVAS DE CELEBRAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA EM BOA NOVA 64

4 OS EFEITOS POSITIVOS DA METODOLOGIA DO ESTUDO DE HISTÓRIA A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE HQ.....70
4.1 APRENDIZAGEM HISTÓRICA E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ'S).....74
4.2 BOA NOVA EM HQ E O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL..... 77
4.3 OS CAMINHOS E CONTORNOS DA SOLUÇÃO MEDIADORA..... 80

REFERÊNCIAS 85

1 INTRODUÇÃO

A opção pela temática pesquisada surgiu em decorrência dos 25 anos de atuação na Educação básica, porém houve hesitação, de início, pois não havia material disponível para abordar, de forma mais aprofundada, o processo histórico de construção da cidade de Boa Nova, e os materiais encontrados são de acesso negado ao público. O que é versado a respeito de Boa Nova/ BA resulta das pesquisas de Novaes (2007) e Silva (1999), as quais explicam a formação territorial e festejos do município.

O não reconhecimento dos próprios estudantes na condição de sujeitos históricos, aliado à enorme dificuldade em relacionar os conteúdos estudados da disciplina com o mundo em que vivem, justifica a necessidade de se criar estratégias didáticas e metodologias inovadoras de ensino. Nesta direção, o objetivo não é apenas motivá-los na busca pelo conhecimento, mas torná-los conscientes e críticos, capazes de compreender a complexidade do passado e suas repercussões no presente, a fim de se tornarem indivíduos reflexivos, bem como dotados de Consciência Histórica. Quanto a isto, Rüsen (2010) define como um processo social de um grupo com todas as suas experiências no tempo e no espaço, no intuito de que os seres humanos entendam a própria História, aprendendo quem eles são e quem são os seus ancestrais.

Diante da escassez de materiais didáticos acessíveis sobre a história local e do consequentemente distanciamento dos educandos de sua própria identidade histórica, emerge a problematização central desta pesquisa: Como a transposição didática da história da Formação de Boa Nova/BA para a linguagem de história em quadrinhos (HQ) pode ampliar a aprendizagem histórica de alunos do Ensino Fundamental II, auxiliando-os a compreenderem as conexões entre o local e global e a mobilizar sua consciência histórica a partir desta questão?

Esta pesquisa propõe a criação uma fonte histórica para o ensino de história centrado na realidade local do município de Boa Nova/BA, visando transpassar uma pesquisa histórica para uma linguagem mais acessível, utilizando a narrativa visual como fonte histórica.

"A investigação tem como Objetivo Geral: Elaborar uma revista HQ, intitulada" **A Formação Histórica de Boa Nova/BA, destinada a discentes do ensino Fundamental II anos finais**, para o alcance desta meta delineiam-se os seguintes objetivos específicos:

- Mobilizar para ampliação da Consciência Histórica dos discentes, sobre os sertões de Boa Nova, com destaque para as vivências coletivas, por exemplo, no Rio Uruba, nas ruas, no Cruzeirão, como espaços de memória do lugar;

- Compreender, identificar e explicar a formação do Povoado de Bocca do Matto na perspectiva das histórias conectadas; os indígenas as famílias, as fazendas e as práticas econômicas da Povoação de Bocca do Matto e suas influências para o processo de formação inicial da cidade de Boa Nova; relevância das fazendas Tarugo e Bezerro, Manga, Uruba e suas atividades com Arraial dos Poções e suas conexões com demais localidades.
- Criar, como proposta de reconstrução Histórica uma revista em quadrinhos (HQ), que atue como fonte Histórica para ação de conhecimento e reflexão sobre a história da formação de Boa Nova, a fim de que esse produto atue como fonte para o ensino de História no ensino Fundamental anos finais.
- Estruturar a revista em quadrinhos em um formato de 20 páginas, organizada em capítulos, que contemple a Formação Histórica de Boa Nova/BA, garantindo o equilíbrio entre o rigor histórico e adequação da linguagem visual e textual, para alunos do 6º ao 8 º ano do Ensino Fundamental anos finais da rede municipal.

Esta fonte visa suprir a lacuna de recursos didáticos que abordam a história local, promovendo aos estudantes se identificarem como partes integrantes deste meio, desta história.

A cidade de Boa Nova, localizada no sudoeste da Bahia e inserida no Território do Médio Rio de Contas, possui uma rica trajetória histórica que remonta aos primeiros povoadores da região de Bocca do Matto, que está conectada ao povoamento do Sertão da Ressaca, região que pertencia o Arraial de Poções, grosso modo, hoje município de Vitória da Conquista. A formação das primeiras famílias que chegaram em busca dos metais preciosos, a construção de fazendas, ao desenvolvimento de práticas econômicas e sociais, além do processo de migração e ocupação territorial, compõem um mosaico de experiências coletivas que moldaram a identidade local. Esses elementos históricos, quando traduzidos para o formato de HQ, ganham nova vida, permitindo que os alunos se aproximem das histórias dos seus antepassados de forma mais pessoal e significativa. Ademais, o recurso gráfico possibilita a imaginação de cenários, personagens e eventos, promovendo uma imersão que extrapola a leitura tradicional dos livros didáticos.

Para realização da pesquisa, a primeira etapa constituiu na seleção dos materiais utilizados, entre eles livros e artigos dos acadêmicos como: Isnara Pereira Ivo (Ivo 2012, 2017, 2019, 2020) (In Memoriam), (*Homens de Caminho: trânsitos, comércio e cores dos sertões da América portuguesa. Século XVIII), O Anjo da Morte contra o Santo Lenho -*

Poder, Vingança e Cotidiano no Sertão da Bahia, Memórias da escravidão em mundos ibero-americanos: séculos *XVI- XXI Memórias da Escravidão em Mundos Ibero-Americanos*. Maria de Fatima Novais Pires, Pires (2009) *Fios da Vida: tráfico interprovincial e alforrias nos Sertoins de Sima - BA (1860-1920).* Marcos Profeta Ribeiro, Ribeiro (2019) *Mulheres sertanistas: transmissão e sedimentação cultural do trabalho feminino na formação das primeiras fazendas de gado dos sertões baianos (1704-1838)*. Jörn Rüsen, (2001,2007, 2010, 2012), Serge Gruzinski (2004 e 2015) *Les quatre partis du monde: histori d'une mondialisation. A águia e o dragão Ambições europeias e mundialização no século XVI.* Sanjay Subrahmanyam *(1997) Connected histories: Notes towards a reconfiguration for Early modern Eurasia.* Maria Aparecida Silva de Sousa, Sousa (2001) *A Conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse de terra no interior da Bahia.* Paiva (2006) *Brasil-Portugal: sociedades, culturas e formas de governar no mundo português (século XVI – XVIII).*

Livro memorialistas como: Wied-Neuwied (194), *Viagem ao Brasil*. Tranquilino Leovigildo Torres, Torres (1996) *"O Município de Conquista, O município de Poções*". Tanajura (1997) *História de Conquista.* Erivaldo Fagundes Neves, Neves (1998, 2016) *Uma Comunidade Sertaneja Apegada ao Minifúndio: Um Estudo de História Regional e Local, Cônicas, memória e história: formação historiográfica dos sertões da Bahia.* Aníbal Lopes Viana, Vianna (1982) *Revista Histórica de Conquista, v. 1.* [1]Instituto Cultural Via Magia ***Valentim:*** *um passarinho me contou*. (2015). E Instituto Cultural Via Magia. ***Boa Nova:*** *um passarinho me contou* (2016).

Revisão Bibliográfica realizada mediante a pesquisa e o fichamento do material descrito acima, que foi escolhido, com o objetivo de embasar teoricamente o ensino de História e a relevância das Histórias Conectadas e o Sertão conectado para o desenvolvimento do Sertão da Ressaca. Compreender o desenvolvimento da Aprendizagem Histórica e como esta leva ao desenvolvimento da construção da Consciência Histórica, com destaque para importância das HQs como fonte histórica no Ensino de História, foi um dos passos seguintes. Esta etapa apresenta o referencial teórico, abordando conceitos sobre o uso de HQs no ensino

[1] Instituto Casa Via Magia com o Projeto me Conta – que é um programa de pesquisa e sistematização de patrimônio material e imaterial das comunidades (sejam bairros, municípios ou vilas) onde é inserido. Este projeto foi idealizado e organizado por Ruy César Silva (in Memoriam), que era ator, produtor e intelectual apaixonado e ativista da acultura. Em Boa Nova ele fez duas versões "Um passarinho me contou Valentim" e "Um passarinho me contou Boa Nova", que teve a participação de historiadores e biólogos da região como a pesquisa para o de Boa Nova pelo historiador Robison Oliveira (UESB). O projeto contou com o financiamento do Governo do Estado da Bahia, Fundo de Cultura do Estado da Bahia, Secretaria da Fazenda e Secretaria da Cultura.

de História, a importância da História mundializada e conectada no currículo escolar e as metodologias de ensino que favoreçam a aprendizagem histórica. Esta etapa correspondeu ao primeiro capítulo do trabalho, nomeado História e Consciência Histórica, no qual se analisou a importância do Ensino de História e seus impactos no processo da aprendizagem histórica, relacionado com a localidade, suas vantagens e desafios na prática, como este processo leva ao desenvolvimento de uma Consciência Histórica.

A segunda etapa envolveu a pesquisa documental sobre a Formação Histórica de Boa Nova, sendo utilizados documentos históricos como: Livro de Tombo da Igreja de Nossa Senhora da Boa Nova, Livros do Cartório de Poções, Centro Regional de Memória e História (Doravante, CEREMH), livros e periódicos dos historiadores da região para embasar teoricamente a formação da cidade de Boa Nova. Essa investigação resultou no segundo capítulo da dissertação, sob o título *O Arraial dos Poções e de Bocca do Matto*.[2] Esta parte dedica-se à análise da Formação Histórica da cidade de Boa Nova, destacando os processos de ocupação, as dinâmicas sociais e econômicas e o principal marco da história da região. Além do estudo das famílias pioneiras das principais atividades econômicas, como a questão da mineração, pecuária e agricultura e o comércio, também os espaços de memória, como Rio Uruba e o cruzeirão.

A terceira etapa correspondeu à elaboração do roteiro e produção da HQ, fundamentada nas informações coletadas nas fases anteriores e a fundamentação para o capítulo intitulado *Os efeitos positivos da metodologia do estudo de história a partir da utilização de HQ*. Foram consideradas técnicas de narrativas visuais, desenvolvimento dos personagens históricos e ambientação gráfica, mais educativa, buscando uma linguagem acessível e atrativa para os alunos do Ensino Fundamental II. Foram analisadas obras que discutem a construção de roteiros para HQs, voltadas para o ensino de História de Cícero Soares Varela (2020), Cristina Soares dos Santos (2021), Mateus Bertolino (2019), Marcelo Fronza (2007), Tulio Vilela (2004), Waldomiro Vergueiro (2010, 2011, 2018, 2021), para, então, elaborar as HQs e com base nos teóricos anteriormente citados fundamentar teoricamente e embasar o tema.

A proposta da dissertação, portanto, visa explorar não apenas o conteúdo histórico em si, mas também refletir sobre as potencialidades das HQs como fontes históricas. O ensino de História especialmente no Fundamental II enfrenta desafios relacionados à motivação dos alunos e à capacidade de contextualizar fatos passados com a realidade do presente. A HQ,

[2] Livros de Notas do Cartório de Poções Livro de Tombo da Igreja São Francisco em Boa Nova.

nesse sentido, surge como uma ponte entre o passado e o presente, conectando os estudantes às suas raízes históricas e culturais de forma mais significativa, desenvolvendo, assim, a consciência histórica. Pretende também que o aluno perceba que a região foi formada por mestiçagens culturais e biológicas, e que esta região esteve conectada a outros locais e também ao mundo, como grande fluxo de pessoas, mercadorias, culturas e informações. Como destaca Marcelo Fronza:

> As histórias em quadrinhos são compreendidas como artefatos narrativos da cultura juvenil que permitem aos jovens desenvolver uma relação de intersubjetividade com o conhecimento histórico. Por isso, é vital investigar o que, para os jovens, é plausível nas narrativas históricas gráficas e qual é a especificidade que a relação de intersubjetividade com a História fornece ao processo de formação de sua identidade. Entendo que a cultura juvenil, no âmbito da cultura escolar, manifesta, nos estudantes, uma determinada forma de operar historicamente com os quadrinhos (FRONZA, 2024, p. 228-229).

Dessa forma, propomos com esta dissertação contribuir tanto para o enriquecimento do Ensino de História no Ensino Fundamental II, quanto para a valorização da história de Boa Nova. A expectativa é que por meio dessa abordagem os alunos possam não apenas aprender sobre o passado, mas, reconhecer-se como parte ativa da construção da história da localidade, desenvolvendo uma consciência histórica.

2 MEMORIALÍSTICA DE BOA NOVA

Este capítulo tem como objetivo analisar a Formação histórica de Boa Nova/BA e do Sertão da Ressaca, estabelecendo um diálogo entre a historiografia regional, a memorialística e ensino de história. Para isto, o texto fundamenta-se nas concepções teóricas de John Rüsen e Schmidt e Cainelli sobre consciência e interpretação histórica, articulando-as às diretrizes nacionais vigentes como Base Nacional Comum Curricular (Doravante, BNCC), o Referencial Curricular do Município de Boa Nova/BA (Doravante, RCMBN), discutindo a importância da valorização da História Local como ponto de partida para a ampliação do pensamento crítico, para preencher as falhas deixadas por currículos de amplitude nacional.

Na sequência apresenta um resumo historiográfico sobre a invasão do Sertão da Ressaca, buscando desconstruir uma visão de sertão isolado, revelando que na verdade este sertão era movimentado, com o trânsito de inúmeras pessoas, um território dinâmico conectado, com atuação de múltiplos sujeitos, com destaque para a resistência e resiliência dos povos indígenas e o papel das mulheres nesta sociedade em constante movimento, que durante muito tempo foram invibilizadas.

Temos ainda os memorialistas que dedicaram seus dias em registrar, preservar e narrar o passado de uma comunidade, a partir de suas próprias vivências, memórias afetivas tradições orais e laços familiares, mas que muitas vezes tendem a ir por uma linha mais tradicionalista da história, tendendo a priorizar narrativas dos grandes eventos, dos heróis, das datas comemorativas.

A compreensão da formação histórica da região de Boa Nova pode ser profundamente enriquecida ao se considerar as perspectivas teóricas sobre consciência histórica e interpretação histórica desenvolvida por Jörn Rüsen. A primeira ele define como a "constituição sobre a experiência do tempo, no modo de uma memória que vai além dos limites de sua própria vida prática" (RÜSEN, 2010, p. 104). E a segunda, conforme o autor é assim descrita: "A interpretação histórica é um trabalho de síntese. Ela remete perspectivas teóricas ao passado, nas quais o passado se reveste do caráter histórico, com o conteúdo informativo das manifestações empíricas, mediante as quais este passado se faz perceptivelmente presente" (RÜSEN, 2007, p. 129). Diante disso, destaca-se o interesse em rememorar um fato histórico, analisando como e quando aconteceu – este interesse é o ponto de partida para se buscar uma explicação, que leva ao pensamento histórico. Entretanto, o pensar historicamente não constitui o conhecimento histórico em si, para que isto aconteça é preciso o contato e a experiência com o passado.

A maneira como se interpreta a história de Boa Nova é moldada pelas questões atuais que influenciam nosso entendimento do passado. Nessa direção, Rüsen (2010) enfatiza, ainda, que a consciência histórica é uma construção dinâmica que busca compreender o passado com base em perspectivas contemporâneas, permitindo-nos conectar as experiências históricas com as questões e desafios do presente.

Por sua vez, Schmidt e Cainelli (2004) indicam a importância das relações de poder e dos interesses econômicos na formação das colônias e povoações. As autoras argumentam que a história das colônias não pode ser separada das dinâmicas de poder e das interações econômicas que moldaram a ocupação territorial. No caso da região de Boa Nova, essas dinâmicas são evidentes na maneira como a invasão e as organizações das terras ocorreram.

Além disso, a região de Boa Nova estava integrada em redes de comércio e culturalmente interligada a outras localidades. As fazendas e povoações interagiam com centros urbanos mais desenvolvidos e com outras regiões do sertão, promovendo uma troca constante de produtos, ideias e práticas culturais. Essas trocas não só influenciavam a economia local, mas também contribuíam para a formação de uma identidade cultural regional. Nesse sentido, Schmidt e Cainelli discorrem sobre esta questão:

> [...] o ensino de História possibilita demonstrar e confirmar que nossa cultura nacional não possui uma única fonte, mas muitas; que nossa linguagem e nossos costumes não se desenvolveram isolados, imunes aos movimentos mundiais dos povos; que toda a sociedade, sempre que se trate de sobrevivência tem de responder e se adaptar a elementos sobre os quais não possui nenhum controle (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 27).

O ensino de história destaca a história como um campo a partir de qual se pode investigar as múltiplas possibilidades de realização humana, sendo um ambiente ideal para o estudo e criação de narrativas diversas em vez de narrativas unificadas a serem imaginadas, compreendidas e reproduzidas. O espaço escolar com esta vivência é que incentiva e torna possível a desconstrução dos sentidos unificadores, o sentido destes espaços que permitem o convívio mínimo entre diferenças pode ser uma consequência aumento na formação de memorias plurais. Segundo Rüsen (1994), a cultura histórica é uma categoria de análise que permite compreender a produção e usos da história no espaço público na sociedade atual.

A ideia de cultura é um ponto da teoria da consciência histórica de Rüsen, pois ele descreve a cultura como um procedimento integral e social da vida, rejeitando [3]visões onde a cultura é representada como simples e superestrutural, defendendo uma base relacional.

[3] Memorialista, segundo os principais dicionários: é o autor de memorias históricas ou literárias. É a pessoa que escreve, relata ou registra vivencias, acontecimentos e experiências pessoais ou de uma comunidade.

> [...] da consciência histórica há somente um pequeno passo à cultura histórica. Se se examina o papel que tem a consciência histórica na vida de uma sociedade, aparece como uma contribuição cultural fundamentalmente especifica que afeta e influi e quase todas as áreas da práxis da vida humana. Assim, a cultura histórica pode ser definida como a articulação prática e operante da consciência histórica na vida de uma sociedade. Como práxis da consciência tem a ver, fundamentalmente, com a subjetividade humana, como uma atividade da consciência, pela qual a subjetividade humana se realizada na prática, cria-se, por assim dizer. [...] A cultura histórica contempla as diferentes estratégias da investigação científico-acadêmica, da criação artística, da luta política pelo poder, da educação escolar e extraescolar, do ócio e de outros procedimentos da memória histórica pública (RÜSEN, 1994, p. 4).

Partindo desta premissa, a história local surge não apenas como um exercício de resgate do passado, mas como um elemento ativo na formação da cultura histórica da comunidade. Esta pesquisa sobre sua localidade contribui para a mobilização da consciência histórica, que irá se materializar como a preservação de patrimônios, celebração de tradições. A partir dai podemos analisar como as localidades e comunidades constroem sentido na busca pelo passado, firmam suas identidades no presente e como vão traçar o seu futuro.

Quanto à Educação e o ensino de História no município de Boa Nova, com marcos legais que amparam o ensino trabalha-se na perspectiva de acompanhar o alinhamento junto aos parâmetros nacionais. Vale mencionar que a cidade possui o Referencial Curricular Municipal de Boa Nova (doravante, RCMBN), que é um norteador para todas as modalidades do Ensino Infantil e Ensino Fundamental, e componentes curriculares, alinhado aos documentos nacionais e estaduais, como a Base Nacional Comum Curricular (doravante, BNCC) e o Documento Curricular referencial da Bahia (doravante, DCRB). O Referencial de Boa Nova foi criado pelos professores da rede juntamente com a Secretaria de Educação e a União dos Dirigentes Municipais da Educação da Bahia (doravante, UNDIME-BA), no ano de 2020, de modo que apresenta a realidade municipal por meio do Componente Curricular das Ciências humanas, que compreende História e Geografia. Em consonância com o documento,

> [...] estas áreas do conhecimento, na construção dos saberes, precisam respeitar, em primeiro lugar, a pluralidade de seus alunos e seus diferentes olhares sobre a realidade em que vivem. Considerando este princípio, a valorização das diferenças culturais dos envolvidos no processo de aquisição de conhecimento, dimensões da vida quanto à percepção do sujeito, das relações sociais e do meio ambiente que devem ser valorizadas na definição dos currículos. Dessa forma, o ponto de partida deve ser o sujeito em formação, desde suas relações sociais locais até se chegar às relações globais. (RCMBN, 2020, p. 182-183).

Em contrapartida, a Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC), ao estabelecer uma lista de conteúdos e habilidades de abrangência nacional, acaba por negligenciar e excluir as histórias regionais e locais, de forma explicita. Não reservando espaço necessário para o aprofundamento das vivencias históricas especificas de cada localidade.

Essas dimensões da história regional de Boa Nova, ao serem analisadas no Documento Curricular de Boa Nova e também sob a ótica das ideias de Rüsen (2010) e Schmidt e Cainelli (2004), revelam como a consciência histórica e a interpretação do passado é moldada por uma combinação de fatores econômicos, políticos e culturais, refletindo a complexidade das experiências históricas que definem uma região.

A história da localidade, quando empregada como parâmetro no ensino de História para a Educação Básica, promove interações singulares entre um corriqueiro aprendizado do passado, ou seja, uma ponte que permite entender o agora e antever o futuro. Consequentemente, favorece o desenvolvimento de identidades históricas, que precisam ser averiguadas, porque conectam as experiências da vida, direcionam o olhar de maneira consciente sobre o meio e torna o indivíduo um agente histórico, percebendo sua aptidão em assimilar e, assim, converter a sua verdade histórica. Para Schmidt e Cainelli,

> [...] a história local é concebida como uma "estratégia ou metodologia no processo de ensino-aprendizagem"; além disso, acreditam que ela estaria voltada para "[...] garantir uma melhor apropriação do conhecimento histórico baseado em recortes selecionados do conteúdo, os quais serão integrados no conjunto do conhecimento" (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 113).

Vale ressaltar que é de grande valia que a escola torne possível aos discentes uma aproximação dos conteúdos, levando em conta a experiência dos educandos, seus saberes prévios, para transformar o ensino de História mais semelhante às vivências do seu cotidiano.

> O conhecimento histórico não se limita a apresentar o fato no tempo e no espaço acompanhado por uma série de documentos que comprovam sua existência. É preciso ligar o fato a temas e aos sujeitos que o produziram para buscar uma explicação (BITTENCOURT, 2008, p. 183).

Um dos mais importantes focos do ensino de História e da história da localidade é transformar seus discentes em cidadãos críticos e conhecedores de sua realidade e também de sua identidade, devendo compreender a relevância da história da localidade e todas as suas conexões e interações, bem como tornar esse conhecimento algo significativo para o seu modo vida e de pensar. Desse modo, o estudante deve entender bem a sua função, a sua

responsabilidade enquanto agente histórico, porque a escola é o local onde ele passa boa parte de sua vida, logo deve ser reconhecida como lugar para sua evolução, desenvolvimento e formação como sujeitos, estando envolvido em uma comunidade e por ela motivado. Percebe-se também no RCBN a preocupação com o cotidiano, com as experiências, uma vez que,

> [...] as propostas curriculares foram influenciadas pelas novas tendências historiográficas, passando-se à valorização de questões ligadas à história social, cultural e do cotidiano, sugerindo possibilidades de rever o formalismo das abordagens históricas. Outra preocupação foi a de desenvolver pesquisas históricas, desmitificadas das ideologias da sociedade de consumo e meios de comunicação de massa (RCMBN, 2020, p. 183).

Ao analisar os educandos, na condição de indivíduos ativos, o ensino de história deve colaborar para o desenvolvimento da consciência histórica, a fim de capacitá-los a entender a sua função na sociedade. Observa-se que

> [...] um fator muito importante nesse processo foi às reflexões sobre os processos de ensino e de aprendizagem e de que forma os alunos se tornam sujeitos do processo de construção do conhecimento. A História passou a ser compreendida como movimento social e memória difundida socialmente (RCMBN, 2020, p. 183).

Portanto, em alinhamento com Rüsen (2010), no que tange ao papel dos discentes em seu aprendizado histórico, tomamos como base o conceito de consciência: "[...] a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência de evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo" (RÜSEN, 2010, p. 57).

Ao narrar o passado o homem o faz por uma consciência histórica, que se desenvolve através da capacidade de pensar criticamente, analisando fontes, fatos e narrativas históricas, compreendendo e situando-se no tempo e no espaço. Quando se entende as relações entre o passado, o presente e o futuro utiliza-se toda esta vasta compreensão para construir uma identidade individual na comunidade e perceber-se parte fundamental de uma identidade coletiva da nação e da humanidade como um todo. Como descrito acima, para Rüsen,

> [...] a consciência histórica não se caracteriza apenas pela lembrança, mas sempre também pelo esquecimento: somente o jogo do lembrar e do esquecer fornece as referências temporais que o passado tem de assumir, a fim de poder produzir uma representação de continuidade instituidora de identidade (RÜSEN, 2001, p. 84).

A condição de rememorar pertence a todos os indivíduos, assim como esquecer também faz parte destas ações que estão ligadas aos parâmetros que temos, como as

lembranças da história da cidade. Trata-se de referências de um determinado tempo que tornam a narrativa do passado significativa e que têm o objetivo de dar identidade aos sujeitos a partir de suas experiências individuais e coletivas. Segundo Schmidt e Garcia (2005), "portanto, a consciência histórica tem uma função prática de dar identidade aos sujeitos e fornecer à realidade em que eles vivem uma dimensão temporal, uma orientação que pode guiar a ação, intencionalmente, por meio da mediação da memória histórica".

2.1 HISTORIOGRAFIAS SOBRE O POVOAMENTO DO SERTÃO

A propensão para conhecer o passado sempre esteve presente na sociedade humana, seja este conhecimento usado para subjugar, libertar, moldar ou para o autoconhecimento, seja por qualquer um destes ou por todos estes motivos, conhecer a História sempre foi algo necessário ao ser humano. Por isso, no que se refere aos Sertões e ao Sertão da Ressaca, é importante destacar que há uma vasta historiografia que descreve o modo de ocupação da região e como todo este processo foi decisivo para que se consolidasse uma identidade regional sertaneja.

Vários estudiosos e escritores memorialistas tratam deste tema e, assim, constituem um marco fundamental para a historiografia da região, sendo referências de grande valor para aqueles que buscam compreender a trajetória histórica de Vitória da Conquista, Bahia e regiões circunvizinhas e sua importância no contexto regional, estadual, federal e mundial. A historiografia dos Sertões brasileiros tem sido enriquecida por diversas obras que buscam explicar a complexidade e a riqueza deste vasto território. Cada um, a sua maneira, contribui de forma significativa para a construção de uma narrativa mais abrangente e complexa sobre os Sertões, superando estereótipos e oferecendo novas perspectivas sobre a história dessa região. Entre estes memorialistas e estudiosos estão: Vianna (1982), Tanajura (1992), Torres (1996), estes são os trabalhos acadêmicos como; Durval Viera de Aguiar (1979), o cronista Neves (1998, 2016), Pires (2009), Ivo (2012, 2016) e Ribeiro (2019), Souza (2001), Idelma Aparecida Ferreira Novais, Novais (2021). Tácio Luís de Andrade Conceição (2020).

A importância do papel da escola na formação da consciência histórica dos discentes revela-se a partir da busca pela historicidade, humana bem como a memória individual e coletiva que serve de referência para a formação dos estudantes tendo a oportunidade de estudar o seu passado e da sua cidade, contribui para o desenvolvimento de habilidades como: pensamento crítico, análise de fontes, sendo ponte para a construção de argumentos. Logo, esta historiografia e os estudos sobre o Sertão e o Sertão da Ressaca contribuem para a

construção de uma consciência histórica que desconstrua a ideia de um Sertão simplista, romantizado e estereotipado pela pobreza e miséria, mas forma-se uma narrativa de um sertão complexo e forte, em constante movimento, marcado por profundas transformações sociais, políticas, econômicas, culturais.

A obra de Aguiar (1979) constitui-se num importante documento, porque ajuda na compreensão da realidade social, econômica e política da Bahia do século XIX, oferecendo uma visão detalhada da província, com foco nas condições de vida da população e na infraestrutura, na produção agrícola e na organização administrativa. Seu relato mostra muito sobre a época, o que possui valor documental, fornecendo informações importantes para os pesquisadores das diversas áreas. O pesquisador descreve, de forma minuciosa, as condições de vida da população rural, marcada pela pobreza, pela falta de acesso às condições mínimas para a sobrevivência e pela submissão aos grandes latifundiários. Escancara a desigualdade social presente na província, denunciando muitas das mazelas, como a exploração da mão de obra e concentração de terras nas mãos de poucos. Sobre o Arraial dos Poções, ele salienta que surgiu como um aglomerado populacional em contraste com a luta pela sobrevivência em meio à falta de infraestrutura básica, dependência da agricultura de subsistência, que eram características marcantes da região. Aguiar descreve que,

> o município, inclusive a freguesia dos Poções, hoje vila, conta com uma população de umas 20 mil almas; recenseadas apenas 18.836 das quais 15 mil analfabetas; tendi por limites 14 léguas ao sul, o povoado do Verruga, junto ao rio Pardo, 20 ao norte o Areião, estendendo-se a mais 31 léguas para o lado dos Brejos e 30 para os gerais (AGUIAR, 1979, p. 199).

Vianna (1982) é grande memorialista que contribui para o estudo da região do Sertão da Ressaca, destacando a relevância desta localidade e daquelas a ele pertencentes para o desenvolvimento da região. Estas localidades, embora integradas ao município de Vitória da Conquista, possuem histórias próprias e marcantes e entrelaçadas com a formação da região, revelando a complexidade e a diversidade do sertão baiano, ao expor a resistência de seus habitantes e as particularidades de suas culturas. Descortinam-se, então, conflitos e disputas pelas terras, mostrando a importância da luta pela posse de terras para a identidade e sobrevivência das comunidades locais.

Tanajura (1992) reafirma as memórias sobre a formação e desenvolvimento a partir das memórias da cidade de Vitória da Conquista e regiões vizinhas, destacando detalhes sobre a trajetória de Conquista; de forma mais abrangente, mostra a história dos primeiros povoadores da região. Analisa, ainda, diversos aspectos da região, entre eles: economia,

política e o cotidiano. Faz um resgate da memória e da identidade de um povo sertanejo, bem como destaca a importância da agricultura e do comércio para o crescimento da cidade e da região, com abordagens também sobre os aspectos culturais e sociais, dando ênfase às principais famílias de Conquista.

Contestando a narrativa tradicional colonizadora, os povos indígenas como os Pataxós, Kamakãs e Aimorés, habitaram a região do sertão da Ressaca, por milhares de anos antes da chegada europeia. Sendo inegavelmente os primeiros habitantes e os primeiros povoadores, eles não apenas habitavam eles moldaram o território, com a história da forte resistência, sendo fundamental para a formação regional.

Torres (1996) oferece a partir de suas memórias detalhes sobre a formação e o desenvolvimento da cidade e das localidades com circunvizinhas que se iniciam com o povoamento, abordando a questão geográfica. Também faz uma análise do cenário da ocupação do território, da formação da sociedade e do desenvolvimento econômico da região, salientando a importância da busca por metais preciosos e da pecuária, que tiveram papel relevante, moldando as paisagens e as relações sociais da região. Aborda também a importância da agricultura e do comércio para a economia local e apresenta relatos sobre as terras que hoje pertencem a Boa Nova, as quais pertenciam inicialmente a Vitória e depois ao Arraial dos Poções.

O cronista Neves (1998) proporciona uma análise detalhada da dinâmica social, econômica e cultural da comunidade sertaneja, revelando todas as dificuldades da vida no campo e a relevância do minifúndio para a sobrevivência e identidade dos sertanejos, dando ênfase à comunidade local, ao mostrar sua organização, vida social e econômica e como esta comunidade se relacionava com as comunidades próximas, com destaque, também, para os laços sanguíneos, que desempenharam papel importante na luta pela sobrevivência, em um ambiente marcado pela escassez e pela adversidade. Esses aspectos são de grande importância para a compreensão da história e cultura dos sertões baianos.

Observa-se que a construção do povoamento no sertão brasileiro teve grande influência dos minifúndios, por meio das relações estabelecidas pelos povos que ali viviam. É importante salientar também o valor e o esforço destes para a abertura das passagens e estradas, o que contribuiu para o progresso, tanto econômico como social da região. Vale destacar, ainda, que estas dinâmicas servem também de contexto para o desenvolvimento inicial de Boa Nova.

Souza (2001) oferece uma obra substancial para o estudo sobre o sertão, corroborando para a compreensão do processo de povoamento e apropriação de terras, uma história marcada

por conflitos e violência. A chegada dos colonos não representou um simples ato de ocupação, mas sim um ato de expropriação que dizimou os povos originários, que mudou profundamente as estruturas dos povos originários dando espaço para as propriedades privadas, da terra tem data no Brasil de 1850, com a Lei de terras, recurso a ser explorado para o lucro. O poder então se concentrou nas mãos dos grandes fazendeiros. "Além dos instintos intrépidos, o sucesso alcançado por estes homens na conquista e ocupação territorial da colônia foi considerado a partir de vitoriosas campanhas que destruíram completamente, outro importante obstáculo às suas investidas os 'negros da terra'" (SOUZA, 2001, p. 28).

Pires (2009) demonstra um Sertão dinâmico onde às relações sociais, a economia e as culturas se entrelaçavam e que, apesar de aparentemente isolado, era intensamente conectado a outros lugares do Brasil, mostrando como a movimentação de pessoas colaborou para a formação de redes complexas que extrapolavam os limites entre as fazendas e os municípios. Além disso, as relações pessoais na vida dos escravos revelam também desde os laços de parentesco, compadrio e amizade, importantes para construção de redes de apoio e resistência.

> [...] muitos dos negócios realizados nas fazendas se desdobravam nas cidades. As cidades eram indispensáveis a expedientes mais burocráticos das transações comerciais, a exemplo de pagamento de impostos de exportação para a coletoria provincial ou estadual; articulação com outros fazendeiros para envio de tropas, boiadas e dinheiro – para o recôncavo, capital da província (PIRES, 2009, p. 170).

Ivo (2012) discorre sobre os caminhos terrestres e fluviais que interligavam as regiões e promoviam um intercâmbio cultural e comercial, consequentemente resultando numa sociedade mestiça e diversa. Destaca ainda a importância destes caminhos terrestres e fluviais que não eram meras rotas geográficas e comerciais, e sim verdadeiras ramificações onde aconteciam variadas trocas culturais, comerciais e sociais. Através destes caminhos circulavam pessoas de diversas origens étnicas e sociais, além de mercadorias. Ivo (2012) assinala que "A ideia de movimento nos permite analisar o ir e vir de pessoas que propagaram em espaços distantes, maneiras de fazer, conhecimentos e costumes, que releram reviram e modificaram as práticas culturais encontradas" (IVO, 2012, p. 122).

Ivo (2012) também apresenta a dinâmica das relações econômicas e culturais que moldavam o dia a dia nos sertões, desvendando um universo marcado por fluxos de pessoas, trocas comerciais e culturais e as transformações proporcionadas por tudo isto. Todas estas movimentações de pessoas, bens e ideias, neste espaço que constituía o sertão, formavam uma complexa rede de relações estabelecidas entre os diversos agentes sociais que habitavam essas regiões, como tropeiros, boiadeiros, comerciantes e viajantes. Retrata uma sociedade em

movimento, marcada pela diversidade cultural e pela constante transformação, e como através de suas viagens e trocas contribuíram para a integração de diferentes regiões e para a formação de uma identidade cultural sertaneja. A autora expõe, com riqueza de detalhes, as diversas regiões que compunham os sertões. Segundo Ivo,

> A iniciativa das autoridades coloniais de sedimentar a instalação de famílias de pequenos agricultores ao longo do trajeto objetivou a preservação e a manutenção dos caminhos, e foi uma iniciativa de fomento do abastecimento das áreas de mineração, especialmente das Minas Gerais num projeto claro de interiorização e de integração econômica dos sertões da Bahia à economia colonial (IVO, 2012, p. 92).

O cronista Neves (2016) empreende uma investigação sobre a construção histórica da identidade dos sertões baianos, utilizando-se de uma abordagem que mescla elementos da história, da literatura, e busca desvendar as nuances da formação histórica dessa região. Demonstra o Sertão em sua diversidade geográfica, cultural e social, compreendendo a dinâmica histórica dessa região e suas relações com outras partes do Brasil e do mundo. Colabora, de forma valiosa, para o entendimento e compreensão dos sertões, incluindo o Sertão da Ressaca em específico. Conforme Neves,

> [...] sob o comando do Coronel André da Rocha Pinto, "desinfetou-se" parte do sertão do rio das Contas do gentio bravo, onde já haveria ali mais de 100 fazendas de gado e pequenos focos de população, núcleos originários de futuras vilas e cidades, geralmente desenvolvidas a partir de aldeias indígenas ou sede de fazendas (NEVES, 2016, p. 105).

Ivo (2016) reflete sobre a dinâmica política e social do sertão baiano, mais especificamente do Sertão da Ressaca, onde, hoje, localizam-se Vitória da Conquista, Planalto, Poções e Boa Nova, com foco nas relações de poder, analisando como as famílias importantes construíram e mantiveram seus domínios. Revela como os líderes locais mantiveram seus domínios através de uma complexa rede de relações baseadas no mandonismo, clientelismo e religiosidade. Reconstrói a história da região, com destaque para as rivalidades e os conflitos entre as famílias, que marcaram as vidas dos sertanejos.

Ribeiro (2019), além de abordar o Sertão de forma compreensível, discorre sobre o protagonismo da mulher, neste sertão, fazendo uma análise sobre o universo feminino a partir da trajetória de quatro gerações e de um tronco familiar específico, que começa em Pernambuco e termina no sertão baiano, na fazenda Campo Seco, localizada no atual município de Brumado-BA. Nesse contexto, evidencia o papel importante das mulheres na

construção e manutenção das primeiras fazendas de gado, revelando as diversas dimensões do trabalho feminino e sua relevância na formação da cultura sertaneja.

Apesar dos estudos sobre o Sertão da Ressaca do século XIX apresentar a predominância do masculino, as mulheres sertanejas foram participantes ativas na construção desta sociedade rural. Para o autor, as mulheres conseguiram forjar uma identidade própria, baseada na autonomia, na resiliência, com muito trabalho duro, e numa luta constante pela sobrevivência tudo isto foi fundamental para a afirmação do seu papel na sociedade sertaneja. Realça-se, assim, a importância do trabalho feminino na formação da sociedade rural, mas também resgatando a memória das mulheres, que durante muitos anos foram invisibilizadas pela história. Vale destacar, também, as mulheres de caminhos, ou seja, mulheres fortes que responsáveis por carregar diversas mercadorias no sertão, demonstrando o importante protagonismo feminino. A esse respeito, Ivo assim acrescenta:

> [...] a significativa presença feminina transitando nos caminhos de terra e de águas, levando e trazendo, por exemplo, toneladas de peixe ou dezenas de surrões de sal para os sertões, nos conduz a reflexão sobre o grau de mobilidade espacial e social alcançados por elas. Essas "mulheres de caminhos se diferenciavam muito das que, por exemplo, exerciam atividades sob vigilância" (IVO, 2012, p. 270).

Como discorre Ribeiro (2019), "constitui-se como objetivo de estudo detalhar a saga destas mulheres e evidenciar suas atividades de trabalhos como primordiais para tornar a vida possível em situações conflituosas resultantes do projeto de colonização Portuguesa, com a incorporação do trabalho indígena e africano" (RIBEIRO, 2019, p. 26). No que se refere à história local, é fundamental que seja ensinada de forma crítica e reflexiva, incentivando os estudantes a questionar as narrativas dominantes e contribuir com interpretações sobre o passado. Desse modo, eles se perceberão como seres individuais que fazem parte do coletivo.

Em outro contexto Novais (2020) explica que no Sertão da Ressaca, as mulheres aparecem de forma muito secundária, percebe-se a predominância da figura masculina tendo sempre um homem ou seu marido que era seu representante ou fiador, ela cita que falar sobre mulheres neste período é complicado, por que era uma sociedade patriarcal.

> Até o momento, os estudos sobre o sertão da Ressaca, no século XIX, apresentam uma prevalência do masculino. Os homens são apontados como desbravadores, conquistadores, agentes das atividades econômicas, controladores dos cargos administrativos e jurídicos. A mulher está sempre à sua obra, atuando na administração da casa e nos cuidados dos filhos, condições que ocorre desde o período de povoação da região (NOVAIS, 2020, p. 62).

É necessário apontar que, apesar deste cenário patriarcal, muitas mulheres neste período atuaram como importantes chefes de famílias, bem como sua influência na sociedade e na economia. Mediante a apreensão deste legado, que é a história da localidade, os alunos desenvolverão, de forma mais completa, a sua consciência história através de conhecimento, no caso específico sobre o espaço do Sertão da Ressaca, o qual estava situado entre as fronteiras da capitania de Minas e o interior da Bahia, um espaço em constante transformação e com intensas trocas e movimento de pessoas, possibilitando a conversação frequente dos sujeitos das mais diferentes gentes.

Trata-se de um importante ponto que entrelaçava e conectava várias regiões da América Portuguesa e que por meio de suas rotas comerciais estabeleciam um fluxo incessante de pessoas e mercadorias, promovendo a circulação de ideias, costumes e crenças. Ivo (2012) ressalta que o Sertão, além de ser um espaço onde aconteciam trocas de produtos, também proporcionava encontros de sociabilidades, por meio das quais se podia obter informações, notícias e criar/manter relações sociais.

Com o passar do tempo, a região começou a se consolidar e a formar uma elite local composta por fazendeiros, comerciantes de destaque e autoridades civis e religiosas. Estes desempenharam um importante papel no intenso fluxo de pessoas, produtos e culturas que caracterizavam a região, atuando como grandes mediadores entre o mundo rural e os grandes centros urbanos. De acordo com Ivo (2017), as famílias que compunham esta elite derivavam do tronco familiar que conquistou a região. As elites locais desempenharam um papel fundamental para o crescimento e transformação, mediação de conflitos, uso das terras na manutenção de relações de poder, além da integração entre as localidades, estabelecendo conexões com o mundo exterior. Em meio a essa elite encontravam-se os homens sertanejos que eram responsáveis por transitar, buscar e trazer produtos, ouro. Como discorre Ivo:

> [...] as atividades comerciais neste universo multifacetado e dinâmico dilataram-se para vivências de circulações múltiplas de produtos e pessoas das mais distintas origens, com os mais diversos gostos, cores, crenças e costumes. [...] essa diversidade é comprovada no fenótipo daqueles homens que estavam circulando entre os sertões e que as autoridades denominavam homens de caminho (IVO, 2012, p. 240).

Neste sentido, especificamente a respeito dos Sertões, propõe-se uma reflexão baseada numa perspectiva da consciência histórica genética, que, segundo Rüsen (2007, p. 58), "é a constituição de narrativa de sentido que aparece nas formas *topoi* historiográficas que põem o momento da mudança temporal no centro do trabalho de interpretação histórica", analisando o

desenvolvimento da mesma, para que sejam percebidas as complexidades e as diversidades das relações humanas dentro do seu tempo.

As narrativas dominantes são reproduzidas e partilhadas na sociedade através de várias instituições sociais e culturais, tais como escolas, igrejas, clubes, os quais podem ser definidas como práticas culturais majoritárias de uma sociedade, sendo apoiadas por grupos que sempre estiveram no poder e privilegiados. Nessa direção, vale questionar por quem e para quem o saber é produzido, uma vez que estas narrativas eram e, muitas vezes, são reproduzidas nas igrejas por seus dirigentes, nos clubes por seus sócios majoritários e nas escolas pelos alunos e professores, porque constituem os modelos de formação de professores que têm predominado historicamente no ocidente. Saviani lembra-nos que

> A necessidade da formação docente já fora preconizada por Comenius, no século XVII, [...] mas a questão da formação de professores exigiu uma resposta institucional apenas no século XIX, quando, após a Revolução Francesa, foi colocado o problema da instrução popular. É daí que deriva o processo de criação de Escolas Normais como instituições encarregadas de preparar professores (SAVIANI, 2009, p. 143).

Os modelos estabelecidos pelas universidades e pelas instituições formadoras na preparação de professores para ensinar nos espaços escolares foram destinados à formação de uma elite privilegiada. Saviani ainda destaca que na história da formação de professores constata-se que,

> [...] o primeiro modelo predominou nas universidades e demais instituições de ensino superior que se encarregaram da formação dos professores secundários, ao passo que o segundo tendeu a prevalecer nas Escolas Normais, encarregadas da formação dos professores primários (SAVIANI, 2009, p. 150).

As mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, logo após a Segunda Guerra Mundial, são visíveis em vários aspectos, pois esta tem se tornado mais complexa e exigente, o que repercute na formação de profissionais de várias áreas e na educação básica. Em decorrência, presenciamos, nas últimas décadas, um amplo movimento de reformulação curricular em grande número de países, que vem normatizando e estabelecendo diretrizes para formação de profissionais de várias áreas, especialmente para a formação de professores da educação básica, o nível de ensino se encontra em processo de reestruturação curricular. A história nova nasceu como uma reação à história tradicional metódica ou erroneamente chamada positivista, ela surgiu para romper com a Historiografia Tradicional, que estava

presa a certos dogmas, como Nação, políticas dos grandes nomes e datas. A Nova História propõe incorporar às histórias sensíveis os povos silenciados, por meio de novos métodos.

Ao conceber os sertões, é preciso entendê-los como espaços múltiplos de movimentações de pessoas, de circulações de produtos. É importante destacar os homens e mulheres de caminho, os quais geralmente transitavam por vias terrestres ou fluviais, estes faziam circular pelos sertões, de um lugar a outro, todos os tipos de mercadorias e principalmente o ouro.

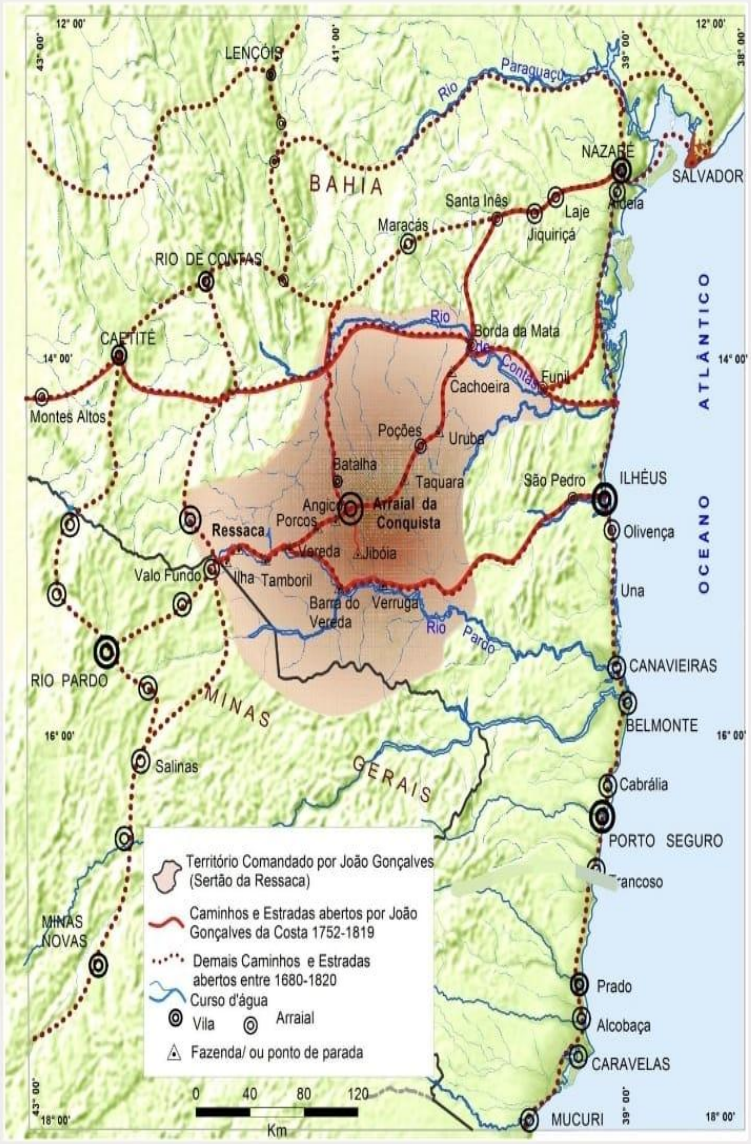
Portanto, reconhecer as diversidades dos sujeitos históricos faz parte desta nova historiografia e permite afirmar que as relações construídas estão permeadas de subjetividades. Para Rüsen (2012, p. 155), "a cultura histórica é o esforço de uma sociedade de assegurar, por meio das recordações coletivas, uma autocompreensão aceitável, de preservar sua identidade histórica". Revela, assim, as estruturas dos pensamentos construídas ao longo do tempo, as quais servem de "reflexão" e apropriação das experiências do tempo vivido a fim de aplicá-lo como elemento transformador.

2.2 A FORMAÇÃO HISTÓRICA DE BOA NOVA

O município de Boa Nova está localizado no sudoeste da Bahia, outrora conhecido como Sertão da Ressaca, inserido atualmente no Território do Médio Rio de Contas, 720 metros de altitude em relação ao nível do mar, distante 438 km de Salvador; o município é cortado pela rodovia federal BR 030.

O espaço geográfico do município compreende em seu território zonas convergentes de mata atlântica, mata de cipó e caatinga, possuindo um ecossistema diversificado, como ilustram os mapas representados nas Figuras 1 e 2.

Figura 1 - Mapa corresponde à outrora região do Sertão da Ressaca



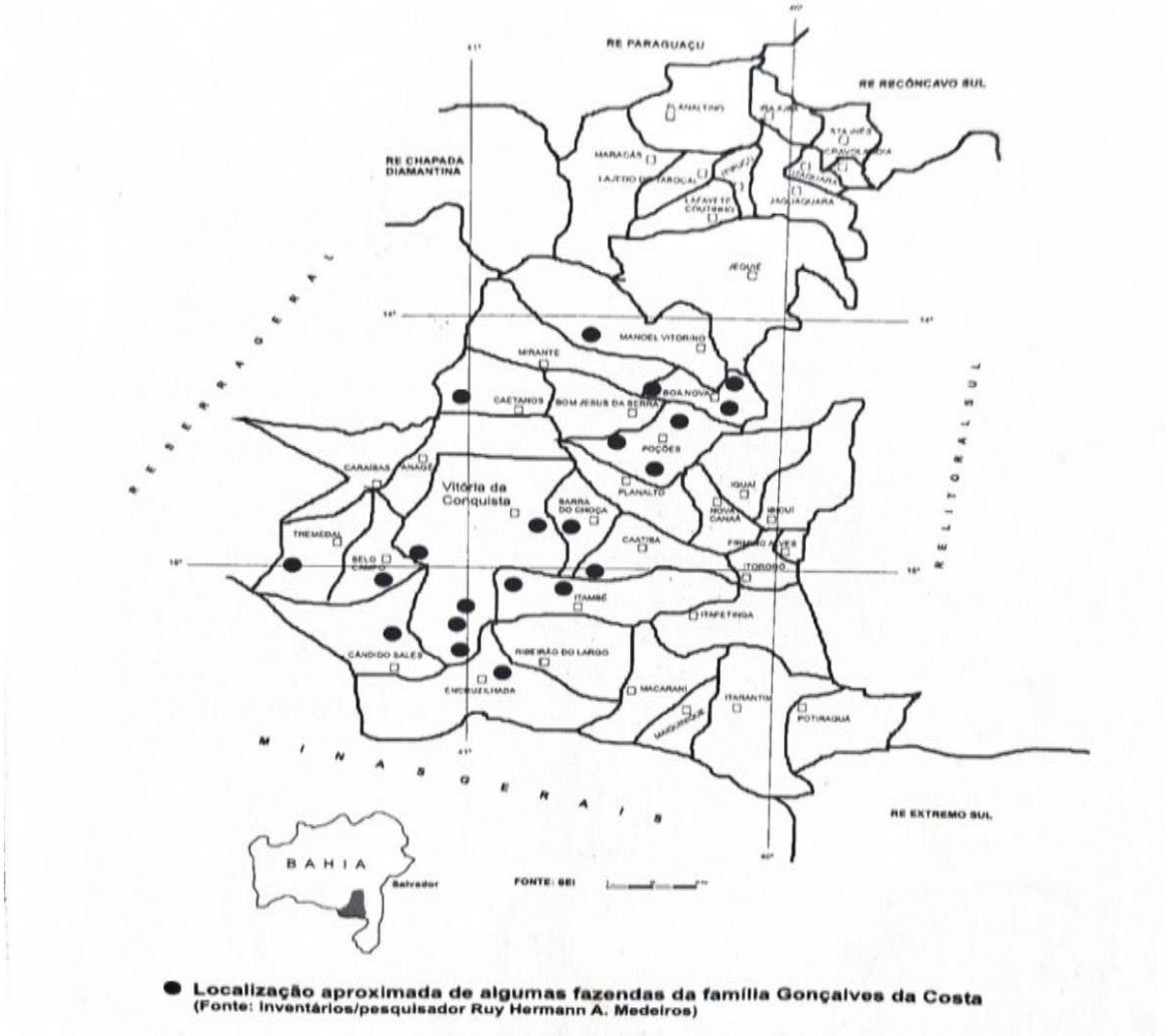
Mapa 3

Território do Sertão da Ressaca - Centro Sul da Bahia: estradas e aldeamentos criados por João Gonçalves da Costa entre 1750 e 1819.

Elaborado pelo autor com base em informações documentais do Arquivo Historico ultramarino – Biblioteca Nacional – Brasil (2013) e do livro Viagem ao Brasil de Maximiliano – 1817 (1940), e do Atlas Geografico de Vitória da Conquista (2015)

Fonte: Rocha (2018).

Figura 1 - Região Sudoeste da Bahia



Fonte: Sousa (2001).

A história de uma cidade é mundo com várias interações, movimentações e encontros. Com isto em mente, a busca para entender o passado dessa sociedade evoca um sentimento único de orgulho e nostalgia. Nogueira (2001) afirma que "a valorização da memória do município favorece o surgimento de um espírito crítico e comprometido com o bem comum".

No caminho para investigar toda esta história, na busca por estas gentes, identifica-se toda esta sociedade mestiça que se formou pela aglomeração de pessoas, que passaram e acabaram ficando ou levando algumas características do povo e do lugar e deixando um pouco de si, de modo que todos que por ali passaram contribuíram para formar esta sociedade tão diversificada. E nesta busca pelos antepassados percebe-se que todos ajudaram a criar a riquíssima história deste município centenário. Sobre as origens de Boa Nova, podemos citar:

> Sobre o Rio Uruba, Uruba ou como os mais antigos Urubá uma palavra que se refere a uma planta aquática que fica em terrenos brejosos em beira de rios chama, Uruba, Urubá, Caetê, que a parente mais próxima é a araruta, que os antigos também faziam biscoitinhos com a raiz desta planta. Esse nome provavelmente foi dado pelos índios Mongóios que foram os primeiros habitantes aqui da nossa área, são chamados também de Camacãs.
> Essa região foi desbravada digamos assim por um bandeirante vindo de Vitória da Conquista que é o[4] João Gonçalves da Costa ele instalou aqui no rio Uruba, chamada Fazenda Uruba, em que ele deixou para seu filho Antonio Dias de Miranda.[5]

Diante de tais informações, observa-se que a invasão "colonização" do Sertão da Ressaca e a exploração da região de Boa Nova datam de meados dos séculos XVIII e XIX. A ocupação se deu por conta das expedições e suas investidas pelo interior da colônia, cujo principal objetivo era encontrar metais preciosos e pedras preciosas, porém muitos acabaram se fixando na região, e então se instalaram as primeiras fazendas. Nas palavras do memorialista Vianna,

> [...] os primeiros desbravadores de Boa-Nova, no período de 1744 a 1790, foram Antonio da Rocha Pinto, João da Silva Guimarães e seu genro, o Capitão-Mór João Gonçalves da Costa. Explorando o curso do Rio de Contas, internam-se por suas terras marginais, desbaratando as tribos indígenas dos Mongóios Imborés e fixando-se finalmente em Conquista, 12 léguas do local onde hoje está situada a cidade de Poções. Já por esta época, e, Poções a 5 léguas da atual cidade de Boa Nova (VIANNA, 1982, p. 62).

A priori, percebe-se que os primeiros habitantes portugueses da região de Bocca do Matto, hoje cidade de Boa Nova, foram os filhos e descendentes de João Gonçalves da Costa, o bandeirante. Vale mencionar que o principal propósito de interesse foram as possíveis minas auríferas na localidade conhecida como Serra do Tiromante, como destaca Vianna:

> [...] que André da Rocha Pinto explorou por algum tempo, extraindo grande quantidade de ouro, que novamente enterrou por motivo de segurança, enquanto aguardava a volta do seu filho que foi a Ilhéus a procura de mantimento. Morreu André da Rocha Pinto (no espaço de tempo da viagem do filho) deixando apenas um enigmático roteiro sobre o ouro enterrado, em que dizia: - "Do cemitério à Passagem, nem prá lá, nem prá cá, pedra do norte a sul, da estradame verá" (VIANNA, 1982, p. 63).

Outra obra de grande importância para o estudo do Sertão da Ressaca, da historiadora Maria Aparecida Silva de Sousa (2001), descreve a ação dos invasores das terras sertanejas.

---

[4] Segundo Ivo, era português e preto forro, sendo o mais importante pioneiro nas imersões portuguesas nos sertões da Bahia, principalmente no Sertão da Ressaca. Nascido na cidade de Chaves, em Trás-os-Montes, provavelmente por volta de 1720.

4 BN Cult. As vozes e o canto. YouTube, 24/11/2024. Disponível em: https://youtu.be/qSgeSuLbKil?feature=shared. Acesso em: 30 nov. 2024.

> Ao lado do Coronel André da Rocha Pinto, instruído pelo superintendente das Minas para explorara região do Rio de Contas, surge a figura de João da Silva Guimarães, que foi designado para percorrer o rio São Mateus e que, por longos anos, dedicou-se integralmente ao movimento de reconhecimento de uma imensa faixa do sertão baiano (SOUSA, 2001, p. 36).

Na região de Boa Nova muitas fazendas fazem parte destas terras e territórios e já pertenceram a muitos donos. Por exemplo, as terras que foram vendidas para construção da Igreja Matriz Nossa Senhora da Boa Nova permitem sabermos a quem pertencia, pois há a transcrição de uma escritura que comprova que José Coelho Sampaio, um dos fazendeiros destas terras, era o proprietário, conforme descrito no Primeiro Livro de Tombo que está na Igreja de São Francisco, isto é:

> Primeiro Translado da Escriptura publica se compra e venda de terrenos legitmos que fazem os Herdeiros de José Coelho Sampaio e sua mulher, ao reverendíssimo Conego Pascoal dos Santos Valle, como representante da Egreja de Nossa Senhora da Bôa Nova, como abaixo se declara.
> Saibam quantos esta escriptura de compra e venda de terrenos legitmos virem que aos vinte e um dias do mez de Novembro de do anno de mil novecentos e vinte e trêz, nesta cidade de Boa Nova, Município e termo de igual nome da comarca de Jequié do Estado da Bahia, em meu cartório compareceram presentes: - como outorgantes vendedores; Américo Coelho de Sá, Claudemiro Coelho de Sá, Fabricio de Sá barros, e suas mulheres Donas Domitilla de Sá, Ernestina Aurelina de Sá, Hermelina de Sá Barros e as viúvas Donas Rufina de Sá Magalhães e Anna Aurelina de Sá Nunes.[6]

No processo de apropriação das terras de Poções e Boa Nova, pode-se observar uma fusão de povos que delineou a construção do povo poçoense e boa-novense, desde os primeiros habitantes os indígenas o aparecimento dos primeiros portugueses e africanos aqui chegados para trabalhar nas fazendas e nas terras do Sertão da Ressaca. O encontro destes com os povos indígenas, esta mescla de culturas e conhecimentos, crenças e saberes se manifestaram, resultando nas mais diversas cores e gentes, tudo isto efeito desta mestiçagem cultural e biológica, dando origem à sociedade poçoense e boanovense. Como define Ivo,

> Amálgamas, misturas e mesclas moldaram a formação da sociedade brasileira desde as primeiras chegadas dos europeus e africanos que protagonizaram encontros inéditos com indígenas na América. As circulações de saberes e técnicas, abrigadas naqueles que, também, conduziam diferentes crenças, fisionomias e sentimentos, deram tons às gentes resultantes das misturas culturais e biológicas que há muitos séculos já se verificavam nos demais continentes (IVO, 2023, p. 133).

Com a chegada dos portugueses, no final do século XVI e início do século XVII, a dinâmica territorial começou a se alterar, oferecendo uma ideia sobre as relações pessoais e as

[6] Arquivo da Igreja São Francisco, 1º Livro de Tombo da Paroquia de Nossa Senhora da Boa nova, p. 9.

dinâmicas sociais, econômicas e culturais dos sertões brasileiros e revela a questão da mestiçagem cultural e biológica que resulta na formação desta sociedade sertaneja, sendo também uma forma de resistência e de construção de novas identidades. As relações entre colonizadores, africanos escravizados, indígenas e outros povos que por aqui passaram geraram uma diversidade genética e cultural que moldou a identidade da população sertaneja.

Os colonos, em sua maioria de origem portuguesa e mestiça, passaram a se estabelecer na região atraídos pelas potencialidades econômicas oferecidas pelas terras férteis, pela pecuária e pelo acesso a rotas comerciais entre o litoral e o sertão. Nesse contexto, a interação com os indígenas nem sempre foi pacífica, resultando em conflitos, resistência e, muitas vezes, na migração forçada dos povos originários para outras áreas do sertão. Para Mattoso,

> [...] a busca do ouro, da prata e de pedras preciosas, as expedições militares para exterminar os índios e a condução de gado em imensas boiadas que exigiam novas pastagens, todas estas incursões foram, de algum modo, responsáveis pela ocupação do interior baiano (MATTOSO, 1992, p. 75).

Desse modo, a formação do território de Boa Nova, localizada no sertão da Bahia, é marcada por um complexo processo social que envolve a interação entre diversos povos e fatores históricos, econômicos, culturais e geográficos. Esse processo começou no período colonial e se estendeu ao longo dos séculos, sendo moldado pelas dinâmicas de ocupação e exploração das terras do interior do Brasil, particularmente durante o ciclo do ouro e gado e da agricultura de abastecimento. Para melhor compreender este processo existe uma vasta historiografia que, de forma muito clara e peculiar, discorre sobre o tema, da qual é preciso apropriar-se, em virtude da abrangência que a historiografia agrega ao refletir sobre a história de Boa Nova, sobre quais e como as informações são estabelecidas e analisadas.

> [...] agricultura de abastecimento no Sertão da Ressaca e analisar a sua influência no desenvolvimento desse território nos séculos XVIII e XIX. Esse modelo de agricultura, não direcionado a exportação, ou troca de mercadorias, e praticado em fazendas que associavam a criação de gado com o policultivo, constituía-se em uma fundamental retaguarda alimentar para as regiões litorâneas especializadas no cultivo de cana-de-açúcar, em especial, as vilas de Ilhéus, Canavieiras, Nazaré, Jaguaripe e Cachoeira. (CONCEIÇÃO, 2020, p. 15).

A agricultura de abastecimento no Sertão da Ressaca nos séculos XVIII e XIX está ligada as necessidades e a dinâmica de invasão colonial. Ao utilizar o policultivo esse modelo não só assegurou a sobrevivência das comunidades sertanejas como também organizou o comércio e movimentação de pessoas neste espaço.

Revela-se essencial, nesse percurso, perceber que os pensamentos históricos construídos foram submetidos a critérios cognitivos da razão da história. Rüsen (2001) argumenta que a ciência da História possui uma racionalidade própria, mas de base cognoscível, conjunto de lógica aceitável de base científica, que garante a análise dos discursos históricos.

Aguiar (1979) lembra-nos que Wied-Newied (1940) fez um relato cuidadoso do passado originário do país, com uma abordagem grotesca no que se refere ao povo, quando, por dois anos, o viajante obteve uma imensidão de elementos acerca da fauna, da flora e da sociedade brasileira, com muitos detalhes sobre os povos indígenas. O príncipe percorreu o vasto território brasileiro descrevendo, com detalhes, cada local em que passava, em 1817. Passando pelo Sertão da Ressaca, ele, de forma precisa, mostrou os indígenas que aqui moravam, também relatou sobre as pequenas povoações e arraiais que por aqui se formaram, com O Arraial da Conquista, o Arraial dos Poções e descreveu as terras que hoje pertencem a Boa Nova. O príncipe Wied-Newied, em 1817, quando por aqui passou, assim mencionou, com bastante clareza,

> Chegamos à noite à fazenda de Ladeira, situada num vale muito profundo, no seio duma região extremamente montanhosa: pertence também à familia do capitão-mor. A descida, pela floresta monótona que cobre todas as redondezas, foi penosíssima para os animais; e uma chuva abundante, que durou toda a tarde, ainda veio aumentar os aborrecimentos da viagem (WIED-NEWIED, 1940, p. 428).

Torres (1996), um exemplo de memorialista, descreve a história de Vitória da Conquista no intuito de desvendar a sua gênese, a sua formação histórica, analisando aspectos como a fundação, desenvolvimento econômico, vida social e política, com a formulação de um panorama amplo da história da cidade, desde os primórdios até os meados do século XX. Contribui de forma significativa para a valorização da história da localidade, colaborando para a construção de uma narrativa identitária e fortalecendo o resgate da memória coletiva. Com seus estudos sobre a localidade e suas comunidades, colaborou para o desenvolvimento da historiografia regional.

Seus escritos, apesar de destacarem uma história tradicional, contribuíram de forma positiva para compreender a História da formação do Arraial dos Poções e também a povoação de Bocca do Matto, atual Boa Nova. A formação da região de Boa Nova é um exemplo claro dessas interações históricas. A região, situada no interior da Bahia, começou a se desenvolver a partir do século XVIII. O processo de ocupação começou com a divisão de terras entre os herdeiros de João Gonçalves da Costa, importante figura do período colonial.

De acordo com Torres (1996), “a povoação de Bocca do Matto foi estabelecida a aproximadamente 5 léguas ao norte da Villa dos Poções e, ao longo do tempo, passou a desempenhar um papel significativo na região”.

Com uma visão de um memorialista, Tanajura (1992) também se constitui como um marco fundamental para o estudo de Vitória da Conquista e regiões circunvizinhas, pois traça um cenário bem amplo sobre a história da cidade, desde suas origens até os tempos modernos, se aprofundando nas raízes culturais, sociais e econômicas, descortinando um rico mosaico de identidades e vivências. Analisa também as interações com as outras cidades e povoações da região, fornecendo um melhor entendimento dos processos históricos e as dinâmicas de poder na Bahia, revelando como aconteceu o processo de povoamento de outras localidades, entre elas O Arraial dos Poções e da Povoação de Bocca do Matto.

Em consenso com Ivo (2017), destacam-se elementos históricos, sociais e culturais que revelam como funcionavam as dinâmicas de poder, as práticas de vingança e os desafios da vida cotidiana nessa região, buscando compreender e analisar as relações de poder e como estas práticas moldavam a vida no sertão baiano. A autora destaca as complexas relações apresentando um retrato vívido da comunidade sertaneja, que era marcada por hierarquias sociais rígidas: as disputas por terras e recursos eram práticas culturais arraigadas. Faz também uma análise sobre as relações entre o homem e o meio, de modo que mostra também como se deu o processo de povoamento deste sertão, quais foram as principais famílias e qual a importância destes primeiros povoadores para o desenvolvimento e povoamento da região.

Atualmente, Ivo (2023) complementa essa visão ao analisar a formação da sociedade sertaneja e o impacto das fazendas na região. Para estes, as fazendas de gado e os pequenos estabelecimentos rurais foram fundamentais para a construção da identidade cultural sertaneja, marcada por uma rica tradição oral, religiosidade popular e festividades locais. As fazendas não eram apenas núcleos produtivos, mas também centros sociais e culturais onde se realizavam importantes festas religiosas, como as de São João e São Sebastião. Esse ambiente proporcionou um espaço para a troca cultural e o fortalecimento dos laços comunitários. A formação da Povoação da Boa Nova está intimamente ligada à fundação da Povoação de Bocca do Matto, no século XVIII. Esse povoado surgiu como um ponto de passagem e descanso para tropeiros que transitavam entre o litoral e o interior, transportando mercadorias e gado. Ivo e Guedes (2023) mencionam que as trilhas de tropeiros desempenharam um papel crucial na fixação da população, uma vez que facilitaram o comércio e a troca de produtos agrícolas e manufaturados.

Em suma, todos os documentos históricos citados são valiosos e permitem vislumbrar os séculos XVIII e XIX, visto que narram a vida em diferentes regiões, demostram as dificuldades enfrentadas pelos habitantes de áreas mais remotas, como a escassez de recursos, as doenças e as distâncias. Apresentam, ainda, o processo de povoamento, as interações e a movimentação dos povos, fornecendo pistas sobre as relações entre os colonizadores e os habitantes originais da terra, de pessoas e mercadorias e trocas culturais.

Em face disso, promover a valorização da história da localidade contribui para a construção de identidades coletivas mais fortes, podendo ser utilizada como instrumento educacional, estimulando o interesse dos discentes pela sua história e da sua comunidade. Cerri (2011, p. 7) afirma que a história é que nos possibilita "[...] colher esses exemplos, uma vez que suas conexões com o nosso cotidiano são mais frequentes e significativas. Mas também os exemplos em nossas vidas pessoais podem ser muito mais interessantes para pensar essa articulação entre passado, presente e futuro".

A proposta deste estudo como elemento articulador para aprendizagem histórica decorre da carência na compreensão e de orientação dos estudantes de Boa Nova como espaço de interações de sujeitos diversos e conexões com outros territórios. Como expõe Rüsen (2001, p. 31): "Se as carências de orientação no tempo são dirigidas ao pensamento sobre o passado, então são enriquecidas de critérios de sentido. São estes que regulam o trato reflexivo dos homens com seu mundo e consigo mesmos".

2.3 VISÃO PARCIAL SOBRE BOCCA DO MATTO

A região da antiga Bocca do Matto, hoje Boa Nova, na Bahia, possui uma história rica e conectada ao período colonial brasileiro, uma vez que a tomada desta área é marcada pela expansão territorial e pela busca por metais preciosos, escravização e morte de indígenas, dando origem à instalação de fazendas que moldaram a paisagem e a sociedade. Nos séculos XVIII e XIX, a Coroa Portuguesa com muita ambição iniciou o apoderamento do interior do Brasil, a fim de expandir o território colonial e garantir o controle sobre as riquezas naturais. A busca por metais preciosos encontrados na região impulsionou a exploração e a instalação das primeiras fazendas na localidade.

As primeiras fazendas na região de Bocca do Matto foram instaladas por herdeiros do europeu João Gonçalves da Costa: Sousa descreve quem era seus filhos.

> Do seu casamento com Josefa Gonçalves da Costa, João Gonçalves da Costa teve oito filhos: Antônio Dias de Miranda, João Dias de Miranda, Lourença Gonçalves Castello, Joana Gonçalves da Costa, José Gonçalves da Costa, Faustina Gonçalves da Costa,, Manoel Gonçalves da Costa, e Maria Gonçalves da Costa. Além destes, teve um filho natural: Raymundo Gonçalves da Costa (SOUZA, 2001, p. 125).

Sendo que Antonio Dias de Miranda, que fundou a Fazenda Uruba; João Dias de Miranda, que estabeleceu a fazenda Manga; Antonio Coelho Sampaio.

> Chegando ao meu conhecimento sendo falecido o Cap. Antonio Coêlho Sampaio deixando herdeiros menores e bens, notifique-se por carta a viúva D. Josepha Dias de Miranda para ser-lhe deferido documento de inventariante farei as normais declarações dos bens e inventario e partilha para o que fica designado 21 de Julho próximo as 10 horas em casa de sua residência no lugar denominado Manga, com ciência do curador Geral dos órphãos e preenchidas as formalidades legaes. Cumpra-se, Imperial Villa da Victoria, 30 de Junho de 1879. O juiz de órfãos, José cardosa da Cunha.[7]

Um trecho de outro testamento, o de João Dias de Miranda, no qual consta como inventariante Antonio Coelho, deixa claro que o falecido é seu tio, ou seja: "Antonio Coêlho Sampaio a bem de seu dir^{to} precisa que o Ex^{mo}, Chaves, lhe de a certidão de Theor e o testamento assim que faleceo seu Tio o Cap^{ao} João Dias de Miranda//".[8]

No século XVIII, a Coroa Portuguesa, visando riquezas, iniciou uma incursão no interior do Brasil para expandir o território e assegurar o controle sobre as riquezas naturais. Esta busca por metais preciosos impulsionou a expansão para o sertão baiano. Os filhos de João Gonçalves da Costa foram os pioneiros europeus na ocupação da região de Boa Nova, sendo que junto com os indígenas e os escravizados tiveram grande relevância para a formação do povoado, que mais tarde se transformaria na cidade de Boa Nova. Entre as fazendas que faziam parte do território do Arraial dos Poções são mencionadas as áreas de Bocca do Matto, a Fazenda Tarugo, como registrado no documento transcrito a seguir:

> Escriptura pública de compra e venda paga e quitação que fazem como vendedor Manoel Gonçalves da Costa e como comprador Carlos Auerne de uma Manga cercada, com plantações de pasto no lugar denominado Tarugo deste termo pelo preço e quantia de duzentos mil reis como abaixo de declara. [...] sendo no anno de mil oito centos e noventa e nove, do anno primeiro da Republica dos Estados Unidos do Brazil, aos dezenove do mez de setembro do dito anno, nesta Villa dos Poções.[9]

---

[7] Centro Regional de Memória e História/UESB (Doravante, CEREMH) Caixa 24, maço 01, Doc. 17. Inventário de bens de Antonio Coêlho Sampaio.

[8] Centro Regional de Memória e História/UESB (Doravante, CEREMH) Caixa 09, maço 01, Doc13. Inventário de bens de João Dias de Miranda.

[9] Escritura Pública de Compra e venda, do Tabelionato de Notas, de Poções, Livro de Notas nº 7, p. 71.

Em consonância com Torres, sobre a Fazenda e a região, pode-se destacar que "o rio 'Tarugo', que nasce na Serra da Sapucaia como nome de Tarugo, passa três léguas distantes da Villa, toma mais adiante o riacho dos Bois e desemboca no dos Morrinhos, com a extensão de seis léguas no logar chamado Tarugo. Chamão-n'o também rio dos Bois" (TORRES, 1996, p. 86).

A formação da sociedade mestiça no Brasil é um processo complexo, que se inicia com a chegada dos portugueses no século XVI, de modo que a interação entre os europeus, africanos e indígenas resultou nesta mestiçagem cultural e biológica que temos. Da união entre os diversos indivíduos que transitavam e se movimentavam por estas terras deu origem a essa mestiçagem cultural e biológica, haja vista a presença dos indígenas que aqui já habitavam (os Kamakãs, os Amborés e os Pataxós), os negros vindos da África para serem escravos e trabalharem nas fazendas, e os portugueses que aqui chegaram à procura de metais preciosos; estes eram mestiços, como João Gonçalves da Costa, que era preto forro[10] vindo de Chaves, em Portugal. Como destaca Freyre,

> [...] é só a partir do meado do século XVI que pode considerar-se formada, diz Basílio de Magalhães, "a primeira geração de mamelucos"; os mestiços de portugueses com índios, com definido valor demogênico e social. Os formados pelos primeiros coitos não oferecem senão o interesse, que já destacamos, de terem servido de calço ou de forro para a grande sociedade híbrida que ia constituir-se (FREYRE, 2003, p. 81).

Assim, pensar e ensinar a história da localidade e diferenciar relatos de lembranças constituem ações que se baseiam em critérios científicos, em que a história passa a ser entendida e manuseada pelos critérios científicos pertencentes à parte do entendimento da História. Neste caso, ressalta-se que conferir à História o status de ciência permite direcioná-la a análises contundentes e criteriosas das narrativas históricas. Jenkins (2001) propõe que as interpretações dos fatos históricos sejam específicas, que contenham epistemologias, metodologias e ideologia, já que estas possibilitarão ao historiador explanar sobre uma história e não um passado.

A História local pode ser entendida como espaços mundanizados. Estes espaços podem ser uma determinada região ou localidade, onde se buscam as particularidades e especificidades deste lugar, ao analisar vários aspectos, como: transformações sociais, políticas econômicas e culturais, na passagem do tempo. Esta abordagem valoriza as experiências coletivas e individuais das pessoas que vivem ou viveram nesta localidade,

[10] Conforme Ivo, João Gonçalves da Costa, português preto forro (2012, p. 28).

resgatando suas memórias e, muitas vezes, dando voz aos que foram silenciados. Pode-se, ainda, descrever a mundialização dos espaços como um processo histórico e socioeconômico de integração dos diferentes espaços, como Boa Nova conectada a Poções, que estava conectada à Imperial Villa da Conquista, que também estava interligada à Bahia, ao Brasil e ao mundo. Paiva descreve que,

> [...] a globalização do mundo ou mundialização, foi possível desde o século XV, a partir do desenvolvimento técnico, das trocas materiais, do comércio, das mediações e dos trânsitos culturais, dos intentos de tornar o mundo mais conhecido e, também, mais parecido pelo menos em alguns aspectos (PAIVA, 2006, p. 100).

Estes agentes colonizadores, que deram início ao processo de interiorização do interior baiano, conectaram os sertões ao mundo ultramarino, desencadeando a mundialização realizada pelos portugueses e espanhóis, o que resultou na junção intercontinental, provocando um intenso fluxo e circulação de pessoas, mercadorias, culturas e saberes. Como destaca Ivo,

> [...] além de permitir a conexão entre universos culturais diferentes, a mobilização de homens circulando nas diversas partes do mundo pertencentes ao Império marítimo português sedimentou os alicerces da dominação lusitana em espaços longínquos, como aqueles de Mariz, Guimarães e Costa (IVO, 2012, p. 29).

Este foi um período de transformações na história da humanidade, quando as potências europeias se lançaram em grandes expedições transoceânicas, conectando continentes e culturas, em busca de rotas comerciais alternativas, com o objetivo de expandir seus territórios e com a ambição pelo acúmulo de riquezas, inaugurando uma nova era de interconexões globais. Esses espaços mundializados, caracterizados pela intensificação das interconexões em escala global, transcendiam as fronteiras geográficas e políticas, moldando paisagens econômicas, sociais e culturais. Na concepção de Gruzinski,

> A progressão da mundialização está a ponto de modificar as estruturas habituais de nosso pensamento. São nossos modos de revisitar o passado que se acham inexoravelmente abalados. Intercâmbios de todos os tipos desenvolvem-se entre as diferentes partes do globo e questionam radicalmente a centralidade de nosso Velho Mundo e de suas concepções (GRUZINSKI, 2014, p. 41).

Vale destacar, ainda, que os impérios não eram isolados e sim existia uma conexão entre eles, uma constante interação. Desse modo, por meio das redes comerciais, alianças políticas, os impérios se influenciavam mutuamente, moldando a história local e global de

forma muito complexa, impulsionando a expansão territorial e a transformação das sociedades. Este argumento demostra que a História não pode ser compreendida apenas com base em uma única perspectiva. Como argumenta Subramanyan, “isto conduz-nos ao terceiro degrau da nossa construção, a relação político-comercial entre o mar Vermelho (em mãos otomanas) e a Índia ocidental, e a relação entre as velhas e novas rotas entre a Ásia e a Europa” (2012, p. 168).

A origem de Bocca do Matto remonta ao início colonização portuguesa no Brasil e fez parte desta mundialização dos espaços, quando portugueses, missionários e sertanistas penetraram o interior à procura de riquezas, principalmente ouro, prata e pedras preciosas. A região onde hoje se localiza Boa Nova era, nesse período, era uma vasta área de sertão, marcada pela presença de povos indígenas. O príncipe Wied-Newied (1940), ao passar por estas bandas, assinalou:

> [...] todas essas redondezas eram outrora cobertas pela mata. Um “conquistador”, isto é, um “capitão” aventureiro, tendo vindo de Portugal com um bando de homens armados, fez a guerra aos primitivos habitantes do território; estes eram os índios “Camacans”, cujo domínio, segundo diz, se estendia até as proximidades da posição atualmente ocupada pela Vila da Cachoeira de Paragaussú, ou até os pontos ocupados pela tribo dos “Cariris”, ou “Kariris” (WIED-NEWIED, 1940, p. 410).

O nome “Povoação de Bocca do Matto” remete a um período em que a região era coberta por uma densa vegetação, caracterizada por matas e capoeiras. As primeiras famílias estrangeiras a se estabelecerem na área, vindas de outras partes do sertão e do Recôncavo baiano, dedicaram-se principalmente à agricultura de abastecimento e ao comércio de gado. A interação entre essas famílias aliadas a outros povos que por aqui já viviam, criou uma rede de sociabilidade que foi fundamental para o desenvolvimento da povoação. De acordo com Boa Nova (2016), “retomemos então ao século XVIII, período em que o nome de Boa Nova ainda não existia, e este lugar era conhecido como Bocca do Matto, fazendo parte da região então chamada de Sertão da Ressaca, atual planalto da Conquista” (BOA NOVA, 2016, p. 38).

Com a exposição de todas estas informações em sala de aula, por meio das HQs como fontes históricas, espera-se mobilizar a consciência histórica que propicia o progresso da identidade do discente, ao mesmo tempo em que movimenta um elo temporal com a vida prática entre as experiências do passado, presente e futuro. Rüsen descreve que “a consciência histórica é, assim, o modo pelo qual a relação dinâmica entre a experiência do tempo e intenção no tempo se realiza no processo da vida humana” (2001, p. 58). Por outro lado, Schmidt e Garcia informam que o “ensino de história defende a ideia da aula como o

momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode oferecer ao seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de um esforço e de uma atividade que edificou este conhecimento" (2005, p. 57). Ainda de acordo com Cerri, nesse conjunto de tarefas, "o ensino de história participa do trabalho socializador da escola, tirando o sujeito do egocentrismo e introduzindo-o na vida pública" (2011, p. 113). Nessa direção, a história deve ser compreendida como um processo de construção e interpretação do passado, superando a visão de que a história é apenas um conjunto de fatos a serem memorizados, sendo o professor muito importante no papel de mediador do conhecimento histórico. Segundo Bittencourt (2008, p. 18), "o trabalho do docente está impregnado de intencionalidade, pois visa à formação humana por meio de conteúdos e habilidades, de pensamento e ação, o que implica escolhas, valores, compromissos éticos".

No que tange à região pesquisada, após a busca de minerais e a expansão da pecuária, a partir do século XVII, iniciou-se a invasão efetiva da área. Os portugueses, auxiliados e explorando os mestiços e escravos e indígenas, começaram a estabelecer grandes fazendas de gado. Essas fazendas serviram como núcleos iniciais de povoamento, atraindo mão de obra escrava e livre. Especialmente sobre Bocca do Matto,

> a abundância e a fertilidade das terras da região de Boa Nova contribuíram muito para a economia colonial, tornando o lugar referência nas fazendas de criação de gado, cultivo das lavouras de subsistência e lugar de repouso para as boiadas e tropas que por ali passavam. As primeiras fazendas se estendiam por diversas léguas (BOA NOVA, 2016, p. 46).

As primeiras fazendas da região foram estabelecidas em terras de Poções, porque as terras que hoje pertencem a Boa Nova, antes denominada Bocca do Matto, pertenceram ao Arraial dos Poções, sendo as seguintes, de acordo com Ivo (2017, p. 69): Fazenda Morrinhos e Sant'Anna, cujo proprietário era Raymundo Gonçalves da Costa; em terras na região da Bocca do Matto temos a Fazenda Uruba, que pertencia a Antonio Dias Miranda, filho do conquistador; a Fazenda Manga, que pertencia a João Dias Miranda, também filho do conquistador. Como discorre Ivo,

> [...] a Antonio Dias de Miranda coube a localidade denominada Uruba, no atual município de Poções, localidade próxima ao Arraial da Conquista, onde também [...] foi casado com Lucinda Gonçalves, que por suas grandes propriedades era conhecida, após a morte do seu marido em 3 de julho de 1831, como Lucinda de Uruba (IVO, 2017, p. 68-69).

A partir do século XVIII, Boa Nova começou a se destacar como ponto de passagem para tropeiros e comerciantes que atravessavam a região, ligando o litoral às áreas de

mineração e outros povoados do sertão. O surgimento de trilhas e caminhos consolidou Boa Nova como um ponto estratégico para descanso e abastecimento. Como destaca Boa Nova[11], "Posteriormente, os tropeiros vieram a ampliar as rotas e caminhos do território boanovense em função de suas necessidades de dinamizar os vínculos comerciais com a região até então isolada" (2016, p. 48). Desta forma, Boa Nova reitera:

> [...] o território de Boa Nova fazia parte do roteiro da estrada geral que ligava a Vila do Rio pardo (Minas Gerais) até os portos de Valença (litoral da Bahia). Este roteiro foi determinado em 1846, através de ofício enviado pelo Conselho da Imperial Villa da Conquista ao governo da Província da Bahia (BOA NOVA, 2016, p. 50).

Durante o século XIX, o crescimento econômico de Bocca do Matto ocorreu por meio de atividades agrícolas, como o cultivo de café, milho, mandioca e feijão. A economia local passou a se diversificar, embora a pecuária continuasse a ter um papel central. As fazendas, que eram unidades produtivas, também funcionavam como centros de convivência, onde se davam festas religiosas e populares, fortalecendo a identidade local. De acordo com a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1958, p. 73),

> [...] a exuberante fertilidade dos terrenos de Boa Nova muito concorreu, também para que se fizesse a primeira aglomeração humana no local Bocca do Matto, circundado de fazendas, cujo proprietário passou a explorar, com ótimos resultados, a agricultura e a pecuária.[12]

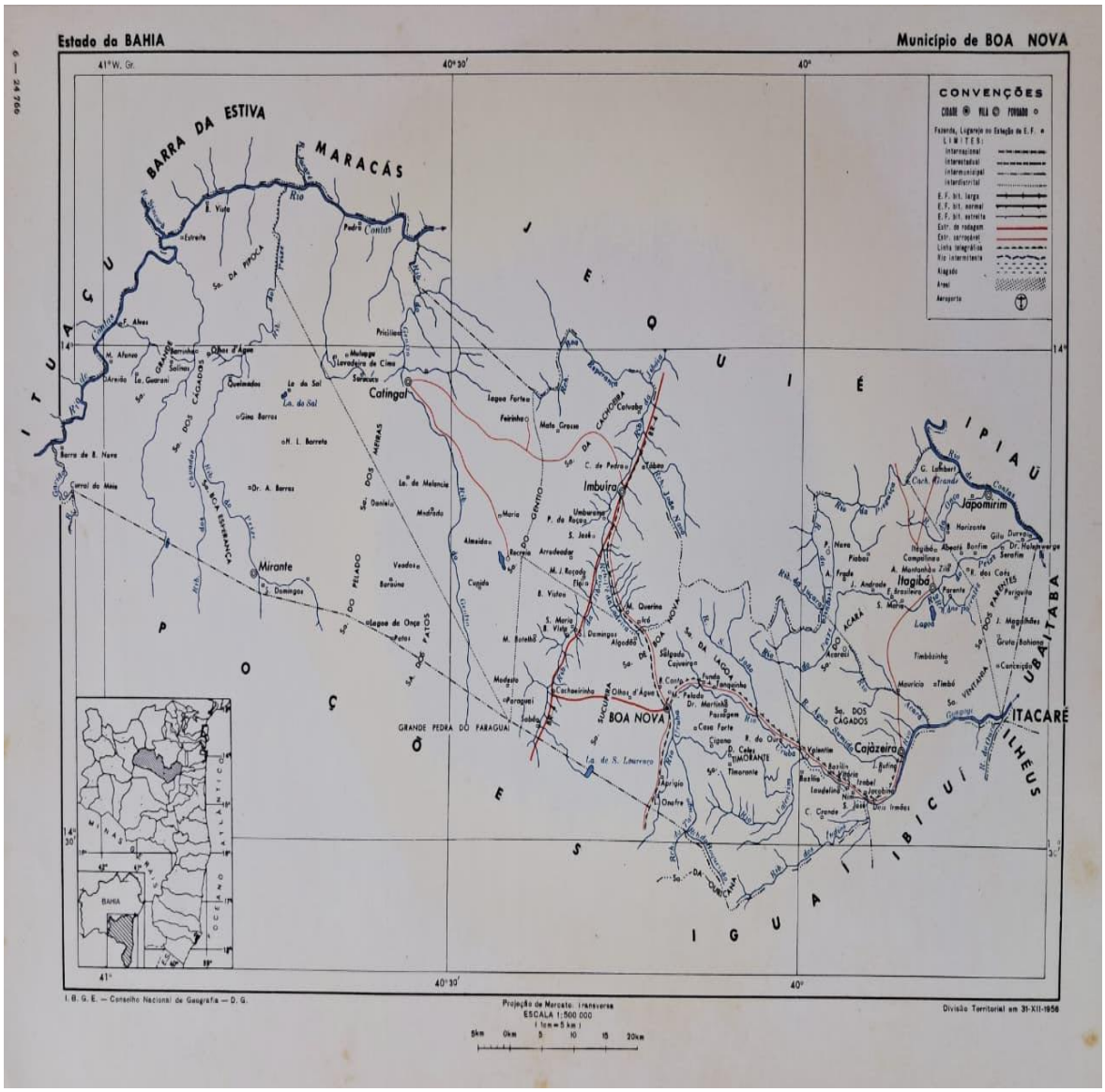
Com o aumento da produção e a necessidade de escoar produtos para os mercados consumidores, especialmente para cidades maiores, como Feira de Santana e Salvador, houve um incentivo ao desenvolvimento de estradas e rotas comerciais. Essa expansão das vias de comunicação foi crucial para integrar a região ao mercado estadual e facilitar a chegada de novos moradores, mercadores e comerciantes, contribuindo para o aumento da população e complexidade das relações. Destaca-se, assim, que,

> [...] como foi visto anteriormente, o território de Boa Nova está situado estrategicamente em um ponto que servia de ligação entre o litoral sul, a região de Minas Gerais, a Bacia do rio de Contas e o Recôncavo Baiano. Desta forma, pode-se compreender o fato do município ser cruzado perpendicularmente por duas importantes rodovias federais, sendo a principal delas a BR 116, no sentido Norte/Sul, cujo roteiro foi em parte aproveitado de uma antiga rota de tropeiros do século XX, que passava que passava pela sede do município, correspondendo as atuais estradas da Goiabeira e do Pé da Ladeira (BOA NOVA, 2016, p. 49).

[11] INSTITUTO CULTURAL VIA MAGIA (Org.). Boa Nova*:* um passarinho me contou... Salvador: Casa Via Magia, 2016.
[12] Enciclopédia dos Municípios brasileiros. Rio de Janeiro, p. 73, Vol., 1958.

Desse modo, verifica-se que a antiga Bocca do Matto (atual Boa Nova) faz conexões com vários municípios por meio dos seus caminhos e pela extensão do seu território os quais foram criados há muito tempo, pelo esforço e trabalho pesado dos povos indígenas, anteriores à chegada dos europeus. Como se sabe, em Boa Nova, "a outra rodovia federal que cruza o município é a BR 030, no sentido Leste/Oeste, tendo seu ponto inicial na cidade de Brasília (DF), passando pelos Estados de Goiás, Minas Gerais, e Bahia, finalizando no município de Maraú" (2016, p. 49). Como mostra a Figura 3, a seguir.

Figura 3 - Mapa da divisão do município de Boa Nova em 31 de dezembro de 1956



Fonte: IBGE - Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, v. VII.

Todos os requisitos citados acima mostram este importante movimento de pessoas e mercadorias, bem como da cultura na região de Bocca do Matto, porém este intenso fluxo está

conectado a movimentos comerciais de todo o Sertão baiano. Ao analisar o Sertão baiano, pode-se inferir sobre algumas das principais atividades econômicas do século XVIII, como a mineração e criação de gado, que foi uma atividade de extrema importância, porque demandava a comercialização de produtos como couro, carne seca e outros derivados, também outros produtos eram vendidos, quais sejam: algodão, açúcar e manufaturados, que eram negociados na região impulsionando os movimentos comerciais do Sertão. Além de identificar as principais rotas que atravessavam o sertão, os quais ligavam as fazendas às cidades litorâneas e aos grandes centros urbanos. Como discorre Ribeiro,

> [...] evidenciar o pioneirismo dos currais e das fazendas, no processo de expansão nos importa pelo fato de que, embora espaçadas e com notória rarefação demográfica, as fazendas possuíam uma dinâmica própria, marcada pela circulação de produtos e pessoas além de intricada rede de relações (RIBEIRO, 2019, p. 108).

Assim como Ribeiro (2019), Ivo (2012) pondera sobre a importância dos caminhos e dos homens que os percorriam e sobre as mercadorias que neles circulavam, destacando um quadro vivo das relações sociais, culturais e econômicas, que se estabeleciam ao longo destes caminhos. Os movimentos comerciais tiveram um grande impacto na formação da sociedade colonial, impulsionando o crescimento de vilas e cidades, transformando as paisagens dos sertões e gerando novas oportunidades econômicas. Como indica Ivo,

> [...] desde o século XVI, a abertura do caminho da Bahia ou Currais do Sertão, fomentou as explorações pelos rios Jequitinhonha, Orado, Das Contas e São Francisco e a criação de gado por baianos as margens desses rios. O comércio de víveres entre essa região e a Bahia foi intensificado a partir do século XVIII (IVO, 2012, p. 142).

Os caminhos sertanejos eram meios importantes para a circulação de produtos, de pessoas, de culturas, de relações sociais e econômicas, revelando o protagonismo dos homens e mulheres que percorriam estes caminhos, como: tropeiros, comerciantes, indígenas e africanos; os tropeiros, por sua vez, com suas longas jornadas, transportavam gado, produtos manufaturados, conectando as regiões mais remotas. Os comerciantes e os homens e mulheres de caminho atuavam como intermediários e estabeleciam as redes de contatos, desvelando a importância dos caminhos sertanejos na formação da identidade brasileira. “No ensino de História, proporcionar uma experiência histórica mais concreta e pessoal contribui, de forma muito significativa, para o desenvolvimento da consciência histórica, conforme proposto por Rüsen” (2011).

Um dos aspectos estudados por Ivo (2012) é a mobilidade dos homens e mulheres de caminhos. Esses indivíduos, muitas vezes escravizados, libertos, ou livres, percorriam longas distâncias pelos sertões, estabelecendo rotas comerciais que conectavam vilas, fazendas e aldeias indígenas. Esse movimento, com uma intensa circulação de pessoas e principalmente mercadorias, contribuiu para a construção de uma sociedade mais dinâmica. O comércio não representava as simples mercadorias, mas carregavam consigo significados culturais e sociais e todo este movimento comercial proporcionavam ao povo sertanejo acesso a novos produtos, tecnologias, ideias, saberes, que contribuíram para a transformação de seus modos de vida.

Novais (2021) apresenta um estudo que destrincha a atuação feminina em vários locais, inclusive aqui no Sertão baiano, vivenciado num contexto historicamente dominado por uma estrutura patriarcal. Este estudo serve para desmitificar aquela imagem passada de mulher passiva e submissa ao seu marido e contribuem para mostrar a nova imagem da mulher na sociedade do século XIX. Revela um protagonismo, mostrado que a mulher sertaneja é resiliente que mesmo inviabilizadas tiveram papel de grande importância para o desenvolvimento das comunidades sertanejas. “Nos testamentos, inventários e petições da Imperial Vila da Vitória, essa imagem se reforça e contribui para a construção de uma nova história local, na qual se destaca a importância das mulheres” (NOVAIS 2021, p. 65).

Muitas mulheres descendentes de João Gonçalves da Costa desempenharam papéis ativos nas redes do poder local na região onde, hoje, se localiza Boa Nova, antiga Bocca do Matto, região do Sertão. Vale destacar a presença de Lucinda Gonçalves da Costa, que foi casada com Antonio Dias Miranda, filho de João Gonçalves da Costa; após o falecimento do seu esposo, passou a ser chamada Lucinda de Uruba, porquanto lhe deixara uma riqueza imensa, mostrando seu protagonismo na região, fazendo parte da elite, bem como a presença feminina forte no sertão. Nas palavras de Ivo (2017, p. 69), “Pode-se medir sua riqueza pelo auto de partilha do inventário de seu esposo, que totalizou, possivelmente no mesmo ano da sua morte, um Monte Mor de 26.732$328 (vinte e seis contos, setecentos e trinta e dois mil trezentos e vinte e oito réis)”. Para a época era uma quantia muito significativa.

Ribeiro (2019) apresenta grande contribuição à historiografia brasileira, especialmente por fazer uma provocação sobre as redes de trocas e relações nos Sertões brasileiros, dando protagonismo às mulheres sertanistas nas atividades comerciais dos sertões, desconstruindo estereótipos de gênero. Demonstra como as mulheres desempenharam papel importante e fundamental nas redes comerciais dos sertões, revelando que não eram apenas consumidoras passivas, mas agentes ativas, estabelecendo relações comerciais, negociando produtos e participando da circulação de bens e serviços.

3 O ARRAIAL DOS POÇÕES E DE BOCCA DO MATTO

O processo de invasão das regiões de Poções e Bocca do Matto reflete uma estratégia mais ampla de expansão territorial promovida pela Coroa Portuguesa, que visava consolidar o domínio sobre áreas ainda pouco exploradas e garantir a sustentabilidade econômica da colônia. Esse movimento foi especialmente intenso nos sertões da Bahia, como aponta o memorialista Torres (1996, p. 45): "os sertões da Bahia, especialmente as áreas ao sul, começaram a ser povoados no século XVIII, em resposta à busca por terras para a pecuária e à interiorização das rotas comerciais". Torres ainda descreve:

> Com a redução das atividades mineradoras e a diminuição do ouro enviado à metrópole, a colônia passou a reorganizar sua economia, fortalecendo atividades como a pecuária e a agricultura, que ganharam destaque nas regiões do sertão, especialmente no interior da Bahia (TORRES, 1996, p. 52).

Em vista deste contexto, é possível verificar que a tomada do interior baiano no século XVIII está diretamente ligada às transformações econômicas e sociais que ocorriam na colônia. A mineração, que até então havia sido o principal motor econômico, entrou em declínio, após a exaustão de muitos depósitos de ouro e a redução das remessas para Portugal. Isso fez com que a economia colonial se diversificasse, voltando-se para atividades como a agropecuária e o cultivo de alimentos a fim de abastecer as áreas mineradoras remanescentes e os grandes centros urbanos, como Salvador.

A tomada das terras e o surgimento do Arraial dos Poções, localizado no Sertão da Ressaca, foi marcado por diversos fatores, como a busca pelos metais preciosos, estando ligada intrinsicamente à dinâmica de colonização portuguesa, porquanto bandeirantes e exploradores adentraram a região em busca de ouro, aprisionando e matando indígenas, abrindo caminhos e estabelecendo povoações. Como destaca o memorialista Tanajura,

> [...] o capitão-mor Raymundo Gonçalves da Costa foi residir em Santo Antonio dos Morrinhos, distante oito quilômetros de Poções, onde estabeleceu seus domínios territoriais. Ali não ficou inativo, transpôs as caatingas, fez entrada na mata, bateu-se os índios e chegou até Rio Novo em 1818, após transpor a serra da Visão. Em 1858 seu filho Constantino Gonçalves da Costa fez o registro das terras denominadas Matas do Tarugo, havidas por herança do seu pai, situadas na freguesia de Nossa senhora da Vitória (TANAJURA, 1992).

A narrativa descrita acima se concentra em glorificar o colonizador e acaba inviabilizando a violência contra os habitantes originais do território que eram os indígenas,

uma verdadeira guerra de extermínio e um esbulho territorial contra os povos nativos que aqui viviam há milhares de anos.

Nos documentos do Tabelionato de Notas em Poções, no Livro de Notas nº 5, páginas 58,59 verso, encontra-se registrado o testamento de Rogerio Gonçalves da Costa, o qual comprova que ele é filho de Constantino Gonçalves da Costa, que era filho de Raymundo Gonçalves da Costa, sendo assim neto de João Gonçalves da Costa[13] – o mesmo mantinha laços estreitos com Bocca do Matto. Verifica-se, adiante, um trecho do testamento:

> Aos vinte e seis dias do mez de Outubro de mil e oito centos e noventa e quatro, nesta Villa dos Poções, em meu Cartorio me foi apresentado para registro o testamento seguinte: Testamento cerrado que faz Rogerio Gonsalves da Costa como abaixo se declara: Em Nome da Santissima trindade Padre Filho Espirito Santo, em que eu Rogerio Gonsalves da Costa, Chistão Chatolico, Romano, firmamento e em que cuja fé protesto sem mesmo, faço meu testamento e disposição de minha inteira vontade. Declaro sou natural desta freguesia do Divino espirito santo dos Poções, filho legitimo de Constantino Gonsalves da Costa. Declaro que sou casado com Senhorinha Urcina de Grissalda, com quem nunca tive filhos. Declaro que falecendo neste districto, seja meu corpo sepultado no Cemiterio publico, sem compra, somente pelo legitimo estabelecido no lugar, guardado as conveniencias necessarias e adaptadas as minhas posses. Declaro que meus testameritos mandarão dizer vinte e cinco missas por minha alma. Deixo para Nossa Senhora da Bôa Nova a todo tempo que quizerem edificar a sua Egreja, na Bocca do Matto, a quantia de vinte mil reis.[14]

Diante disso, a formação do território de Boa Nova, que pertencia inicialmente aos povos indígenas que aqui viviam e posteriormente apropriada pelos europeus, dando início ao Arraial dos Poções, hoje, grosso modo, Município de Vitória da Conquista, revela um processo histórico complexo que reflete a luta pela terra, a posse destas terras foi obtida por meio de conflitos e grilagem e então pela integração de famílias a uma sociedade que, aos poucos, foi se consolidando através violência e o extermínio dos povos originários. Ambas estão conectadas à história do Arraial da Conquista, de modo que para entender este processo é necessário considerar uma reflexão sobre a constituição do espaço Sertão da Ressaca, onde se inserem Planalto e os Arraiais de Poções e Bocca do Mato, ambos fundamentais para a compreensão do território de Boa Nova. Nas palavras de Ivo: "a incorporação dos territórios indígenas aos bens do colonizador foi confirmada no processo de conquista implementado por Costa e sua família, que dividiram entre si as terras conquistadas" (2012, p. 106).

[13] Em conformidade com Ivo, João Gonçalves da Costa nasceu em Chaves, na região de Trás-os-Montes, em Portugal, e migrou para os sertões de Minas Gerais, possivelmente ainda aos 16 anos de idade. Costa foi descrito como preto forro, em 1744, em carta "patente do posto de capitão-mor do terço de Henrique Dias" (2012, p. 17).

[14] Trecho retirado do Livro de Notas nº 5 do tabelionato de Notas de Poções-BA.

A exploração e tomada do território do Sertão da Ressaca, incluindo Poções e Bocca do Matto, iniciou-se pelos europeus, que data da segunda metade do século XVIII, prosseguindo por todo o século XIX, como uso da violência no intuito de expandir o sistema colonial português, a mineração e a pecuária, com seu trabalho forçado, foram elementos propulsores do processo de expansão dos domínios da área mineradora das Minas de Rio de Contas, na Bahia, resultando, inclusive, da decadência das atividades mineradoras dessa região, como mencionamos anteriormente. Sobre a exploração do território onde hoje se encontra Poções, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (doravante, IBGE) descreve:

> Por volta de 1732, iniciaram-se as explorações do território, por bandeirantes à procura de minas auríferas. Dentre eles destacou-se o coronel André da Rocha Pinto, a quem os historiadores atribuem a primazia da penetração na região. Continuaram as explorações por aproximadamente um século. Formou-se o povoado de Poções sob a orientação de Thimóteo Gonçalves da Costa, descendente de um dos bandeirantes. Entre 1830 e 1842, edificou-se a capela do Divino Espírito Santo, criando-se a freguesia, em 1880. A denominação Poções liga-se à existência de poços (IBGE, 2023, on-line).[15]

O apossamento das terras pertencentes a Poções e sua dominação pelo europeu aconteceu como efeito da exploração portuguesa e sua busca por metais preciosos, que foi fator primordial para o processo de domínio desta área. Os arraiais de Poções e Bocca do Mato, ao serem criados, não apenas indica o começo de novas organizações urbanas, mas mostra afastando os poucos indígenas que ainda existiam, e a morte de muitos outros, tudo isto reflete a continuidade de um processo que visou a exploração da terra e a formação de famílias no modelo patriarcal que, ao se estabelecerem, foram gradualmente se integrando à sociedade local. Esse processo de tomada foi marcado por uma ganância intensa de tomar e dominar espaço e a natureza, desmatamento em prol do desenvolvimento econômico e social que esteve diretamente ligado à guerra pelo território. De acordo com a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros[16]:

> Corria o ano de 1782. Governava a capitania da Bahia D. Afonso Miguel Gonçalves, Marquês de Valença, quando surgiu João Gonçalves da Costa. Descobriu êste os campos da Conquista e rechassou os índios que infestavam a zona. Fundou a povoação, depois de ter feito uma estrada entre Ilhéus e aquela região, tão cheia de feras que num só mês, o sertanista matou 24 onças.

[15] Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/pocoes/historico. Acesso em: 06 jan. 2025.
[16] Enciclopédia dos Municípios brasileiros. Rio de Janeiro, p. 123, Vol. XI 1958.

Muitos foram os conflitos enfrentados para adestramento e exploração desse território, ocorreram muitas mortes de indígenas, também muitos resistiram de diversas maneiras para que este processo acontecesse. Ao analisarmos também a formação do território dos arraiais de Poções e Bocca do Mato, verificamos que foi um laboratório de resistência e adaptação, pois essas pequenas povoações também viveram as tragédias humanas, como as secas, os conflitos agrários e as dificuldades de transporte e comunicação, que fizeram parte da realidade dos sertanejos, como mostra Aguiar:

> Na Várzea da Joana termo dos Poções, ainda hoje desta comarca, em um encontro de índios, foi o sargento-mor batido e capturado pelo chefe da tribo, índios não menos selvagem, e inferior em valor ao que se falou há pouco; então, vendo-se irremediavelmente perdido, lança o sargento-mor mão da faca de ponta, que no jacá (espécie de mala de cipó) levava o índio a tiracolo, e com ela mata-o, ferindo pelas costas na ocasião em que seu povo vinha auxiliá-lo (AGUIAR, 1979, p. 197).

Neste mesmo território do Arraial dos Poções havia também terras pertencentes à povoação de Bocca do Matto. Ainda sobre a história destas povoações, a luta pela terra e mortes fez parte do processo histórico de integração das famílias e de todas as gentes do território. Tudo isto é fundamental para entendermos como esses arraiais se transformaram em elementos importantes para a integração destes povos e todas as pessoas que fizeram parte deste processo, ao criar vínculos com a terra, permitindo que essas pequenas povoações se consolidassem como parte de um processo maior de formação do Sertão da Ressaca. O IBGE define como aconteceu este processo:

> No período de 1744 a 1790, os bandeirantes André da Rocha Pinto, João da Silva Guimarães e João Gonçalves da Costa iniciaram o desbravamento da região, em busca das lendárias minas auríferas existentes na serra do Timorante. A fertilidade das terras concorreu para a fixação dos descendentes de João Gonçalves da Costa no local Boca do Mato. Formou-se o povoado (IBGE, 2023, on-line).[17]

Portanto, a história Sertão da Ressaca deve ser vista não como um palco de desbravamento, mas sim como um território incluindo os arraiais de Poções e Bocca do Mato, de encontros, conflitos e resistência, onde a busca por ouro e a fixação em terras férteis resultaram em profundas mudanças, violência e exclusão para os verdadeiros donos e gestores das terras. É uma chave para compreendermos o processo de ocupação e tomada e a construção do território de Boa Nova. Essa história, marcada pela luta e pela resistência, é

[17] Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/boa-nova/historico. Acesso em: 06 jan. 2025.

essencial para entender não apenas a formação territorial, mas também a identidade da região e sua integração ao conjunto mais amplo da história do Brasil.

O Ensino de História pode desempenhar papel importante na construção da identidade dos sujeitos, partindo da preocupação em estudar as realidades locais, na perspectiva de visualizar o homem como agente social, econômico e político, mostrando-se importante por discutir e possibilitar a compreensão dos arredores dos alunos e por vincular o passado e o presente no cotidiano desse indivíduo. Para Schmidt, a história local foi tomada "como um dos eixos temáticos dos conteúdos de todas as séries iniciais da escola fundamental e como perspectiva metodológica em todas as séries da escola básica" (SCHMIDT, 2007, p. 189).

A importância de estudar e, consequentemente, ensinar a História das nossas origens para indivíduos de uma sociedade coaduna com a busca constante do ser humano de encontrar e reconhecer a sua identidade histórica, cultural e social no tempo-espaço. Rüsen destaca que "a consciência histórica não está atrelada tão somente ao passado, constituindo uma relação estrutural com o presente e as expectativas para o futuro com uma lógica de continuidade" (RÜSEN, 2001, p. 65).

A história não se resume a fatos isolados, ela é um processo contínuo de construção e reconstrução do conhecimento, que nos permite compreender as raízes dos problemas sociais, políticos e econômicos que enfrentamos atualmente. Ao analisar o passado, os alunos podem identificar padrões, erros e acertos, aprendendo com as experiências de seus antepassados. Desta forma, conforme Fermiano e Santos (2014, p. 10), "ensinar História para uma criança no ensino fundamental pode ajudá-la a pensar sobre a sua própria história, ao descobrir quem é e de onde veio, ela tem condições de projetar para onde vai".

3.1 O POVOAMENTO DO TERRITÓRIO

O processo de invasão do território de Boa Nova revela uma história de resistência e adaptação às condições adversas do sertão, moldada pela interação entre diferentes atores sociais, econômicos e culturais. Entender este processo de formação do povo boanovense promove uma nostalgia, como quando se mergulha em uma revista em quadrinhos ou em uma cena de uma novela de época, com uma cidade pequena, interiorana, charmosa e acolhedora e com uma biodiversidade imensa, o que possibilita imaginar como era essa região antes dos primeiros colonizadores chegarem, lá pelo século XVIII.

O projeto de ocupação deste território se insere no movimento de interiorização promovido pela Coroa Portuguesa no século XVIII, que visava à ocupação e consolidação

territorial nas áreas mais remotas do Brasil Colônia. Segundo o memorialista Vianna (1996, p. 28), “o avanço sobre os sertões baianos foi impulsionado pela necessidade de explorar novas áreas para a agropecuária e garantir a presença portuguesa em regiões estratégicas”.

Então, rememoremos este período que por estas bandas era conhecida como Arraial dos Poções e Bocca do Matto, que estavam anexadas ao Sertão da Ressaca. Para efetivar o seu plano de dominação e subjugação, os propósitos da coroa portuguesa nessa região foram praticados atos destruidores, dizimadores contra os indígenas nativos, além de escravizar estes e negros vindouros, práticas econômicas foram adotadas, o latifúndio foi estabelecido visando o lucro etc. Muitas mudanças ocorreram. Inicialmente viviam aqui como em toda a América e por toda região centenas de indígenas. Conforme as informações organizadas pelo Instituto Cultural Via Magia, que é uma organização não governamental sediada em Salvador-BA, com mais de 30 anos de trabalho e fundamentados na cultura, educação e ecologia, com objetivos pautados pela economia criativa e o desenvolvimento sustentável.

> Os primeiros habitantes dessa região foram os indígenas, particularmente as nações Aymoré, Kamakã e Pataxó. Nessa época, a exuberância das matas virgens, rios e espécies de animais existentes possibilitavam uma vida sem maiores dificuldades para os nativos do lugar (INSTITUTO CULTURAL VIA MAGIA, 2016, p. 38).

As populações indígenas viviam em locais específicos e se dividiam em grupos que se estendiam pela região – cada povo possuía seu modo de viver. Nesse período, as florestas eram densas e de aparência incrível, com abundância de água em vários rios e diversas espécies de animais, terras férteis, o que favorecia a vivência dos indígenas por aqui. Aguiar destaca que a região do Sertão da Ressaca era “ocupada por uma numerosa e aguerrida tribo de botocudos (beiços furados e com rodelas) que se dividiam pelas margens dos rios e riachos. Sempre em guerras com outras tribos e europeus, que traziam aqueles em completas correrias e devastações até o ano de 1803” (1978, p. 190). Sobre o povoamento dos sertões temos uma vasta historiografia: Neves (2016), Pires (2003), Ribeiro (2019).

Pires (2003) desvenda o dia a dia da escravidão no sertão de cima, que abarcava Rio de Contas e Caetité, áreas que viviam do comércio, sendo importantes para o abastecimento. Aborda, com distinção, como os escravizados se ocupavam de diversas maneiras, frequentemente nas roças, onde realizavam as mais diversas tarefas, e as relações entre os forros. A autora foca nos crimes cometidos por escravos e forros, desvendando as tensões e conflitos que marcaram este período, ao mencionar que não eram atos isolados, mas como expressão de um conjunto de relações de poder e desigualdade. Não deixa de abordar o

processo de povoamento do sertão e como teve importante papel na configuração das relações sociais e na construção da identidade regional do sertanejo, envolvendo diversos grupos sociais: colonizadores, indígenas, africanos e seus descendentes. Em consonância com Pires,

> Através dos processos buscou-se proceder a análise não somente das relações entre os proprietários e seus escravos, mas compreender as variadas inter-relações que cativos e forros mantiveram com os demais segmentos da sociedade local para compor, a partir daí, as suas estratégias de resistência e acomodação, que visavam à criação de espaços de mobilidade e relativa autonomia (PIRES, 2003, p. 27).

O cronista Neves (2016) analisa como a história do sertão foi contada por cronistas, memorialistas e historiadores; ele se mune de numerosas referências historiográficas e destaca que o processo de povoamento dos sertões baianos foi longo e complexo. O cronista assinala a importância da figura dos portugueses, enfatizando o papel destes aventureiros na exploração e na ocupação do território, em busca dos metais preciosos e de índios para serem escravos, de modo que penetraram profundamente os sertões brasileiros, abrindo caminhos e estabelecendo núcleos de povoamento. A partir disso, ocorreu a busca por terras férteis para a agricultura e a criação de gado, bem como a busca por novas oportunidades, impulsionando a ocupação do interior. Neves cita que:

> Talvez coubesse alguma digressão sobre a ideia de sertão expressa na dupla concepção espacial de interior e social de semiárido, com transcendência de qualquer delimitação. Seu imaginário fora concebido por viajantes, missionários e cronistas, em oposição a litoral e em contraste como conceito de região colonial (NEVES, 2016, p. 35).

A narrativa apresentada pelo cronista peca pelo seu foco unilateral e por sua perspectiva eurocêntrica, que enfatiza o papel dos portugueses como agentes primários e, implicitamente, civilizadores da ocupação. O papel dos povos indígenas é relegado à categoria de objetos para serem escravizados, não menciona a resistência ou os sistemas de vida preexistente o conhecimento local crucial para a sobrevivência do colono.

Ribeiro (2019) discute o trabalho feminino no processo de expansão da colonização e na formação das primeiras fazendas de gado nos sertões baianos do século XVIII. Desvela o papel ativo das mulheres nesse processo, visto que as narrativas tradicionais inviabilizaram a contribuição feminina para a construção da sociedade brasileira. Destaca que as mulheres desempenharam papel importante nesse processo, não apenas como acompanhantes de seus maridos, mas também como produtoras, administradoras e transmissoras de conhecimento.

Demonstra o quanto as mulheres estavam envolvidas em uma gama de atividades, desde a produção de alimentos, criação de animais e a educação dos filhos até a gestão da casa.

Holanda (1975) destaca que o povoamento foi um processo complexo e impulsionado por diversos fatores, entre eles a busca por metais preciosos e a escravização de índios, levando os colonos a se adentrarem pelo interior do país. Descreve também sobre os portugueses, destacando a importância dos mesmos, explorando a figura do aventureiro, quais suas motivações e os impactos na formação do território brasileiro. Demonstra ainda a relevância dos indígenas no processo de povoamento, dando destaque ao profundo conhecimento do território, das plantas e dos animais, pois já habitavam a região há milênios.

No entanto, Abreu (1998) procura compreender toda a complexidade da formação do Brasil, com foco na importância do povoamento do sertão brasileiro. Ele dá notoriedade ao interior, faz uma análise das expedições, que procuravam ouro, prata e pedras preciosas e escravizar índios. Tais expedições eram violentas, porém contribuiu para o conhecimento que os indígenas e os quilombolas compartilhavam porque já conheciam o território, facilitando a abertura de caminhos. O autor reconhece a importância da participação dos indígenas no povoamento do sertão, pois tinham conhecimento do território, dominavam técnicas de sobrevivência, de modo que estabeleceram relações com os colonizadores, influenciando a cultura e a região. Descreve, ainda, a formação de núcleos de povoamento do sertão, como vilas e arraiais.

Em contrapartida, Freyre (2003) mostra a movimentação da sociedade brasileira e escravocrata, em especial o patriarcalismo vigorante no país, as grandes propriedades e a escravidão. Faz uma análise da interação entre os portugueses, indígenas e africanos no período colonial, destacando a importância da casa-grande e da senzala como espaços de poder e intercâmbio cultural. Descreve como era o cotidiano, detalhando a lida no dia a dia, como funcionava a organização social, que era uma consequência do sistema de produção. Destaca como estavam organizadas as bases sociais e econômicas. Discorre com clareza sobre as organizações sociais do período ao introduzir a vida cotidiana, não somente em relação à parte pública da vida, mas também a divisão das funções sociais, com destaque para a vida privada. Sua obra valoriza a vida cotidiana, os costumes, as relações afetivas, revelando a riqueza da formação da família brasileira. Nesse contexto, revela, de maneira bastante forte, a crueldade dos senhores, demonstrando como os negros penavam nos campos. Sua análise sobre a formação da família, a miscigenação, bem como a cultura brasileira contribui para o entendimento das raízes de muitos problemas da atualidade.

Vale lembrar que a “colonização” portuguesa iniciou-se no litoral, com a exploração do pau-brasil e, posteriormente, com a cana-de-açúcar. Nos sertões, de forma gradual, os portugueses desempenharam um papel importante na expansão territorial, motivados pela busca de metais preciosos, indígenas para escravizar e novas terras – assim penetraram os sertões abrindo caminhos e estabelecendo os primeiros núcleos de povoamento. Como destaca Ivo, “as lendas sobre a existência de grandes quantidades de ouro, prata e pedras preciosas foram um dos principais agentes impulsionadores da interiorização dos sertões neste momento” (2012, p. 62). Prado também discorre sobre esse ponto,

> [...] além disto, portuguêses e espanhóis, particularmente êstes últimos, encontraram nas suas colônias, indígenas que se puderam aproveitar como trabalhadores. Finalmente, os portuguêses tinham sido os precursores, nisto também, desta feição particular do mundo moderno: a escravidão de negros africanos; e dominavam os territórios que os forneciam (PRADO, 1961, p. 24).

O povoamento dos sertões brasileiros foi um processo que durou muitos séculos, sendo impulsionado por vários fatores, que visavam o lucro entre eles as expedições que buscavam riquezas naturais, principalmente ouro e pedras preciosas e indígenas para escravizar. Dessa maneira, iam abrindo caminhos, construindo estradas, aproveitando as trilhas dos índios, criando as primeiras fazendas e, consequentemente, povoando.

> A pouca largura desses caminhos, que se adaptavam particularmente ao sistema de marcha característico dos índios, não constituiu sério obstáculo a que fossem mais tarde utilizados pelos adventícios. O que sucedeu em outros lugares da América, onde as picadas abertas pelos naturais da terra serviram mais tarde aos europeus, permitindo sua expansão através do continente, ocorreu igualmente, e em maior escala, entre nós. Há testemunhos desse aproveitamento e é significativo que em textos coloniais a presença de alguma antiga trilha indígena se presta, não raro, para determinar a localização de datas de terras (HOLANDA, 1975, p. 34).

Uma região formada por amplas paisagens de clima semiárido traz em sua trajetória uma forte memória e história de povos que inúmeras vezes foram invisibilizados e silenciados, como os da origem dos povos indígenas. Mas combatendo à visão de um Sertão vazio ou que fora habitado de forma exclusiva por povos europeus, a verdade é que nações indígenas que habitaram estas terras deixaram marcas profundas que moldaram a identidade do povo sertanejo. Oliveira destaca que, pode-se apontar como foi construída a narrativa da presença indígena neste território, onde suas histórias e memórias coletivas se fazem presentes até esses dias (2022, p. 45). O passado, nesse lugar do sertão, foi desenhado por marcas e

raízes profundamente indígenas que eram das seguintes nações: Aymoré, Kamakã e Pataxó, cada nação com características próprias. De acordo com o Instituto Cultural Via Magia,

> [...] os Aymorés , como eram conhecidos originalmente [...] este grupo ocupou uma extensa faixa territorial que se estendia do norte de Minas ao litoral de Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo. Sabe-se que levavam uma vida nômade, alimentando-se da caça, pesca e coleta de frutos e raízes e possivelmente da agricultura em pequena escala.
> Os Pataxós eram nômades e ocupavam o que seguia do Rio Cachoeira ao Rio Pardo até a encosta do Planalto, eram mais desconfiados e viviam da caça e coleta, dando pouca importância à pesca. Andavam nus e utilizavam talos de bambus nos lábios e orelhas.
> Os Kamakãs eram denominados pelos portugueses de Mongóios e ocupavam a área entre os Rios Colônia, Pardo e Jequitinhonha e das Contas. Viviam da caça, pesca e coleta, porém diferente dos grupos anteriores possuíam uma agricultura sistematizada onde cultivavam batata-doce, feijão, caju, banana, milho, algodão, melancia e abacaxi (INSTITUTO CULTURAL VIA MAGIA, 2016 p. 38-39).

Percebemos em vários textos a insistência no termo "nômade", classificação imprecisa e equivocada, pois simplifica e descaracteriza a complexa relação dos povos indígenas com espaço e os recursos naturais. É uma herança colonial que serviu para justificar a expropriação de terras, alegando que os indígenas não possuíam um vinculo fixo com a terra. É necessário entender que os povos originários exerciam uma mobilidade territorial sazonal.

> Os modernos estudos craniológicos têm distinguido entre os Tapuias e Apuabetos pelo menos três raças: primeiro a dos Tupis, a mais numerosa, a mais importante, a menos bárbara, geralmente localizada no litoral e nas margens dos rios, e que parece ter vindo do norte, dos Galibis e Caraíbas; segundo a dos Botocudos ou Aimorés, terror das capitanias que hoje formam a província da Bahia, ainda agora encantonados em Espírito Santo e Minas (ABREU, 2014, p. 88).

A citação descrita é um exemplo clássico e problemático do pensamento cientifico do século XIX, marcado pelo determinismo biológico e pela ideologia colonial baseiam-se na premissa falaciosa de que características morais , intelectuais de civilidade poderiam ser medidas pela forma, tamanhos e proporções do crânio. Ao classificar como "mais importante" e "menos Barbara" estabelece uma escala de valor que legitima a superioridade de um grupo em detrimento de outros. Ainda conforme o Instituto Cultural Via Magia (2016), Tanajura também descreve sobre os indígenas da região do Sertão da Ressaca:

> [...] continuando com as explorações, a tropa de João da Silva Guimarães, chega ao atual território do município de Conquista, onde deu combate aos índios Mongóios e Imborés, após ter vencido, nos sertões do Rio Pardo, os Pataxós e Botocudos, que ofereceram forte resistência à conquista (INSTITUTO CULTURAL VIA MAGIA, 1992, p. 34).

No entanto, a invasão do Sertão da Ressaca – e a formação e demarcação deste território onde se localiza Vitória da Conquista, Planalto, Poções, Boa Nova e outras localidades – configurou-se com base na expulsão dos indígenas de suas terras e desfazimento das etnias então existentes. Essa nova situação obrigava os indígenas a abandonar os territórios, os túmulos dos seus antepassados, os lugares de festas e orações para recomeçarem em terras estranhas, com homens e costumes estranhos. Porém esta foi a realidade dos indígenas da região, uma vez que acabaram se deslocando para regiões mais distantes, adentrando nas matas e se acomodando ou resistindo aos embates com os colonizadores.

Quanto à invasão e formação do território da região, pode-se constatar que, desde o início da colonização, essas terras, tão vastas, começaram a ser penetradas por homens aventureiros, na ânsia pelo ouro e metais preciosos, bem como pelas atividades voltadas para o apresamento indígena. O apossamento da região está ligado a subjugação dos indígenas por João Gonçalves da Costa[18], João da Silva Guimarães[19] e Pedro Leolino[20], os quais, após organizarem suas entradas, saíram do sertão de Minas Gerais em sentido ao sertão da Bahia. Nas palavras de Tanajura,

> O ouro, com força econômica, foi o primeiro motivo que levou os bandeirantes a penetrar a região, enfrentando índios antropófagos e animais selvagens que infestavam as florestas. Amostra de pedras preciosas e algumas pepitas encontradas nos leitos dos rios e ribeirões foram suficientes foram o suficiente para acender a imaginação fértil dos exploradores, ávidos por riqueza e poder (TANAJURA, 1992, p. 35).

A usurpação desta região foi o resultado de um processo conexo em busca de ouro, da expansão da pecuária, bem como a tomada dessas das terras, o que possibilitou a formação de um caminho entre o litoral e o sertão e o aprisionamento da população nativa. Vale mencionar, ainda, André da Rocha Pinto, também responsável por demarcar este território da Bocca do Mato. Em relação ao

> [...] território que corresponde à região das terras boanaovenses, coube ao Mestre de Campo André da Rocha Pinto a primeira investida, em 1732, vindo acampar-se no lugar denominado Passagem da Conquista onde teria saído para explorar as serras do Timorante e lá encontrado uma mina de ouro a qual explorou por muito tempo (INSTITUTO CULTURAL VIA MAGIA, 2016, p. 41).

[18] Conforme Ivo, João Gonçalves da Costa, português preto forro, foi o mais importante pioneiro das imersões portuguesas nos sertões da Bahia, principalmente no Sertão da Ressaca (2012, p. 28).
[19] Segundo Ivo, João da Silva Guimarães era filho de portugueses, sesmeiro morador da Villa do Carmo (Atual cidade de Mariana) (2012, p. 27).
[20] Consoante Ivo, Pedro Leolino, nascido em Roma, foi o responsável pela organização do empreendimento de conquista dos sertões da Bahia (2012, p. 27).

Este caso é bastante curioso, especialmente porque ele não conseguiu usufruir do ouro encontrado nessa localidade. A esse respeito,

> Consta-se que na necessidade de adquirir ferramentas e munição, o bandeirante enviou seu filho até Ilhéus, onde deveria abastecer-se com os produtos do ouro que levaram. Entretanto isso não aconteceu, pois o filho do bandeirante não seguiu suas ordens e permaneceu no lugar em total orgia por aproximadamente dois anos, retomando as terras boanovense após ser avisado da morte do pai (INSTITUTO CULTURAL VIA MAGIA, 2016, p. 41).

Porém, antes de falecer, seu pai dispensou os funcionários e enterrou o ouro, deixando um mistério conhecido como o Enigma do Timorante: “do cemitério para baixo, da passagem para cima, pedra do norte a sul nem a mais, para trás da estrada para cima me verás” (INSTITUTO CULTURAL VIA MAGIA, 2016, p. 41). Diante do exposto, percebem-se as conexões entre os povos da época e também que aos herdeiros do Capitão-Mor João Gonçalves da Costa, invasor desta região, ficaram divididas as terras para quem a conquistou, ou seja, seus filhos. Como destaca Vianna (1982, p. 68), “Antonio Dias de Miranda fixou sua residência na Uruba, quatro e meia léguas, distante da vila de Poções”, que faz parte do território de Boa nova, e seu outro filho, chamado João Dias de Miranda, “foi residir na fazenda Manga perto de Boa Nova”. A formação territorial de Poções e Boa Nova está ligada diretamente aos herdeiros de João Gonçalves da Costa.

Neste sentido, vale lembrar que todos estes herdeiros fixaram moradas em terras boa-novenses. As terras férteis da região favoreceram a formação de aglomeração humana, os proprietários de terras passaram a explorar a agricultura e a pecuária, fazendo necessária mão de obra, ainda que muitos destes fazendeiros já possuíssem escravos para trabalhar em suas terras. A trajetória do arraial de Poções e Bocca do Matto, por exemplo, revela o processo de fixação humana em uma região do Sertão da Ressaca que, sendo um espaço árido, foi lentamente ocupado por famílias, viajantes, indígenas e escravos, que, ao mesmo tempo, lutavam para dominar o território e sobreviver às adversidades impostas pelo ambiente.

Outro fator importante para interiorização das rotas comerciais, sendo um aspecto determinante nesse processo. Poções e Bocca do Matto localizavam-se em pontos estratégicos que conectavam o litoral ao sertão. Essas rotas, feitas pelos indígenas foram utilizadas pelos bandeirantes e tropeiros, tornaram-se fundamentais para o escoamento de gado e outros produtos, além de garantir o abastecimento das regiões mineradoras. Segundo Torres, as povoações que surgiram ao longo dessas rotas “serviam como pontos de apoio para os

viajantes e para o comércio de mercadorias, promovendo a fixação de famílias e o desenvolvimento local" (TORRES, 1996, p. 45). Ainda sobre as estradas, Torres descreve:

> Os habitantes de salto-Grande e Cachoeirinha de Jequitinhonha e as câmaras municipais de Belmonte e Canavieiras representaram ao governo imperial a conveniência de abrir uma estrada que ligue o arraial do Salto-Grande à estrada geral do sertão da Bahia, junto a fazenda Bocca do Matto, a 18 léguas de Vitória da Conquista e a 15 de Santo Antônio da Barra (TORRES, 1996, p. 58).

Boa Nova é um município que possui uma rica e diversificada herança cultural, fruto de um longo processo de ocupação e povoamento que se iniciou bem antes do período colonial. A formação cultural e social de Boa Nova é marcada pela confluência de diferentes grupos étnicos e sociais, como indígenas, africanos, portugueses, sertanejos e tropeiros, cujas interações moldaram a identidade local e influenciaram a configuração do território ao longo dos séculos.

3.2 DE VILA À CIDADE

A historiografia e as memórias que descrevem a formação do território de Boa Nova oferece um panorama interessante sobre as dinâmicas que moldaram o desenvolvimento deste território. Desde a sua ocupação, a exploração dos recursos naturais e humanos, as relações sociais e as transformações culturais são elementos que moldaram a identidade da cidade. Ao estudar a história de Boa Nova, podemos compreender um pouco a dinâmica de ocupação do Sertão da Ressaca conectada à construção da história nacional. Dentre os historiadores e memorialistas que buscam estudar a região, destacam-se: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1958), os memorialistas, Vianna (1982), Tanajura (1992), Torres (1996), Valentim (2015) e Boa Nova (2016).

A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, em seu volume XX, de 1958, oferece uma rica descrição da realidade municipal da época. Ao dedicar um verbete à Bahia, proporciona um valioso registro histórico, permitindo-nos vislumbrar as principais características e desafios enfrentados pelas cidades baianas em meados do século XX, sendo um marco que proporciona uma visão panorâmica dos quadros da organização municipal. O volume XX refere-se à Bahia e traça um estudo sistematizado da história, da geografia, da economia e da sociologia. No que se refere à Boa Nova, descreve a formação histórica do território e povoamento, desde os primeiros povoadores, passando para arraial, vila e depois município, com destaque para os aspectos geográficos e culturais. A Enciclopédia de 1958 registra:

> A cidade de Boa Nova está edificada num planalto com excelentes condições topográficas. As ruas são largas e planas. Possui nove logradouros, sendo dois pavimentados, dois arborizados e oito iluminados com luz elétrica. Existem 326 prédios, dos quais, 186 são servidos de luz elétrica. O principal logradouro é a Rua Nossa Senhora de Boa Nova onde estão localizadas a matriz e a Prefeitura Municipal. Funcionam duas pensões com capacidade para doze hóspedes. Existe na sede um cinema com lotação para 200 pessoas (1958, p. 76).

Em contrapartida, o memorialista Vianna (1982), na Revista Histórica de Conquista, em seu volume 1, que representa um importante documento para a pesquisa e valorização da história regional, especialmente do que tange à Vitória da Conquista e região, oferece um excelente cenário histórico da localidade e desvenda as origens da formação histórica do município de Vitória da Conquista, desde os primeiros habitantes até a criação do arraial da Vitória; posteriormente, sua elevação para Vila até sua emancipação política. Há, ainda, um espaço significativo dedicado à cidade de Boa Nova, contribuindo para a construção da História da cidade. Dessa maneira, por meio de documentos ele esmiúça as origens da antiga Bocca do Matto, desde os indígenas aos invasores , assim como os primeiros povoadores europeus da região, as primeiras famílias a se instalarem, as primeiras fazendas. Na citação abaixo João Gonçalves da Costa é descrito como mulato, entretanto Ivo (2012) comprova que João Gonçalves da Costa era português e preto forro (2012, p. 28).

> os nossos antepassados lutaram arduamente para que esta Terra se tornasse essa grandeza atual. É sua bonita história que fala através dos fatos. O Coronel de Milícia, João Gonçalves da Costa, português de nascimento, mulato, e seus filhos, foram os primeiros povoadores da vasta região conquistense, outrora pouco maior que o Estado de Sergipe (VIANNA, 1982, p. 63).

Entretanto este trecho apresenta uma história escrita de cima para baixo, que exalta o pioneirismo e romantiza a luta, apesar de focar num individuo racialmente miscigenado, a sociedade da época era tinha uma estrutura racial opressora. O poder e a riqueza de João Gonçalves da Costa foram construídos sobre a exploração do trabalho escravo e o domínio violento sobre os indígenas. A historiografia moderna caminha que essa antiga narrativa seja desconstruída para incluir as vozes silenciadas.

Os memorialistas, tanto Vianna (1982), quanto Tanajura (1992) compartilham de objetivo comum ao registrar e descrever as memórias do município baiano de Vitória da Conquista, ambas as obras buscam preservar a memória coletiva e fortalecer a identidade da comunidade conquistense, só que por uma ótica seletista focada nos “grandes homens” e no progresso inevitável, esta narrativa linear mascara a exclusão e a violência, apresentando a

ordem social como algo natural, e não como uma imposição de forças. No que diz respeito às diferenças, o primeiro explora aspectos particulares da história da cidade, pontuando eventos e personagens, enquanto o outro traça uma narrativa mais linear da história da cidade, demonstrando preocupação com a sequência dos eventos e a construção de um relato contínuo sobre a evolução urbana, social, econômica, que ignora os conflitos, as resistências que não se encaixa no mito do progresso pacifico.

Sendo um memorialista, Tanajura (1992) contribui para o estudo do Sertão da Ressaca, para compreensão da história de Vitória da Conquista e regiões que compunham o Sertão da Ressaca, como Boa Nova, especialmente porque descrevem a região de Vitória da Conquista com detalhes, destacando a geografia, suas belezas naturais, a história de sua exploração, primeiras famílias de descendência europeia que estabeleceram as primeiras fazendas instaladas na região, os nativos da região. Sobre Boa Nova, ele narra como as terras invadidas foram divididas entres os herdeiros de João Gonçalves da Costa, haja vista que dois de seus filhos ficaram com terras do arraial dos Poções e Boa Nova pertencia a este arraial. O problema nas narrativas das memórias destaca os personagens ilustres e eventos isolados que reforçam o brio das famílias fundadoras, e tratando o crescimento da cidade como um destino manifesto e glorioso. Segundo Tanajura,

> O capitão-mor Antonio Dias de Miranda, sabidamente, filho de João Gonçalves da Costa, apesar de não ter o sobrenome do pai, fixou residência em Uruba, quatro léguas e meia de Poções. João Dias estabeleceu-se num lugar denominado Manga, também próximo a Poções distando daquela vila, hoje cidade, cinco léguas (TANAJURA, 1992, p. 51).

Nesse caminhar, com base nas memorias de Torres (1996), pode-se compreender, com detalhes, a formação e o desenvolvimento do município de Poções, isto é, a vida rural, as primeiras fazendas e os exploradores da região. Há, em seu estudo, descrição de toda a geografia do lugar, um breve histórico de como se formou a localidade, suas riquezas minerais, seus aspectos gerais e limites; menciona que a localidade de Bocca do Matto, atual Boa Nova, era conectada ao arraial dos Poções. Como destaca Torres,

> Este povoado fica 5 léguas distante da Villa dos Poções, ao norte do município: foi em suas imediações que o Coronel João Gonçalves da Costa encontrou a André da Rocha Pinto, antigo escrivão do Rio de Contas, que abandonou o cargo por haver incendiado o cartório, achando-se então processado vivia ali este escrivão acoitado, longe da justiça em estado de completa selvageria (TORRES, 1996, p. 91).

Entretanto, há em Boa Nova (2016) uma análise detalhada de todo o processo de expansão e invasão deste território, descrição da história de Boa Nova, desde os primórdios com as tribos indígenas que aqui viviam. A obra descreve os aventureiros que aqui chegaram à procura de ouro e pedras preciosas, os exploradores em busca também de metais preciosos e indígenas para escravizar, bem como detalha como aconteceu o nascimento do lugar, como ocorreu à usurpação dos territórios com a chegada das bandeiras, como foi acontecendo às aglomerações destes povos, os primeiros habitantes os indígenas, os usurpadores e os africanos que transitavam por estas matas, os caminhos indígenas e os caminhos abertos pelos bandeirantes com a ajuda dos indígenas, e como existia uma movimentação de pessoas e mercadorias por estes caminhos até a criação da Villa e posteriormente do Município. Faz uma bela descrição de todas as riquezas naturais que o município possui, desde as cachoeiras até as belas aves, e de sua maior riqueza: sua gente.

Com base em Valentim (2015), pode-se observar que é feito um mapeamento das riquezas naturais da região do Valentim (distrito de Boa Nova) e da Caatinga e a arte da mata-de-cipó. Destacam-se os relatos sobre os saberes como a sabedoria de benzer ou os chás e banhos prescritos com plantas medicinais e conhecimento das parteiras, desde a questão espiritual até os educadores da região, além de mencionar a origem da localidade onde se encontra a Serra do Timorante, com seus enigmas como do Timorante e mistérios sobre o romãozinho, menino muito levado de origem pobre, condenado pela mãe a não ir nem para o céu ou inferno. Sobre o ouro, e histórias sobre a feira do Valentim, esta muito antiga e conhecida na região por exibir muitas artes e também muita alegria, local onde as pessoas se encontram e compartilham mercadorias, informações e saberes.

A transição de Boa Nova de vila a cidade, embora esteja intimamente ligada a uma mudança política e administrativa, deve ser entendida também como parte do processo de integração à estrutura urbana da época. A mudança de uma vila para cidade, como ocorreu em Boa Nova, é um fenômeno que reflete a transformação das condições econômicas e sociais de uma localidade. A constituição da cidade de Boa Nova se encaixa neste contexto, por estar conectado aos processos históricos de exploração que deram origem à Região Sudoeste da Bahia, dantes chamada Sertão da Ressaca, bem como pelo abarcamento político-administrativo atual.

Historicamente, esse processo foi marcado por um crescimento populacional, pela melhoria nas infraestruturas básicas e pela transformação da economia local, que passou a ter um caráter mais comercial e urbano, em oposição ao antigo modelo rural. A mudança do *status* de vila para cidade está diretamente ligada ao aumento do comércio e à expansão das

atividades agrícolas, que se tornaram mais organizadas e voltadas para a produção em larga escala. De acordo com o IBGE (2023, on-line),

> o nome Boa Nova surgiu por volta de 1860. Certo frade que se perdera nas selvas, socorrido pelos moradores da região, lhes ofereceu uma figura de Nossa Senhora da Boa Nova, pedindo que edificassem no local uma capela dedicada à santa, o que se efetivou em 1870. Elevou-se a povoação à vila, em 1903. A freguesia foi criada em 1918.[21]

A capela foi construída bem antes da freguesia ser criada, erguida por moradores e fiéis da região. Sobre a edificação da capela para invocação de Nossa Senhora da Boa Nova, a obra organizada pelo Instituto Cultural Via Magia explica que:

> [...] a capela foi construída no período de 1860 a 1870, com a valiosa contribuição do fazendeiro Antonio Coelho da Sampaio, genro de um dos filhos do Capitão João Gonçalves da Costa. Posteriormente remodelada e ampliada, tornou-se a matriz da sede da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Nova (INSTITUTO CULTURAL VIA MAGIA, 2015, p. 56).

Após a edificação da capela, houve um crescimento de fiéis, o que desencadeou o crescimento econômico e gerou uma necessidade de estruturação administrativa e de serviços públicos, elementos essenciais para a constituição de uma cidade. Com isso, Boa Nova se aproximou de outros municípios da região, como Vitória da Conquista, que já viviam esse processo de urbanização. Os aumentos da população, o desenvolvimento de novas atividades econômicas e a presença crescente do Estado, através de suas políticas públicas, também contribuíram para a elevação do status de Boa Nova de uma simples vila a uma cidade. A transformação de uma vila em cidade, em termos administrativos e políticos, é respaldada pela história brasileira, em que o reconhecimento de uma população, o desenvolvimento de suas infraestruturas e a existência de um comércio dinâmico são fatores determinantes para a obtenção do título de cidade.

No que se refere à emancipação política de Boa Nova, não há registro exato de datas. Na época em questão, quando da elevação de uma localidade à condição de Vila, prevaleciam as datas iniciais da criação destes municípios. A história de Boa Nova está atrelada ao município de Poções, donde teria se originada por ato de desmembramento. Com base em informações do IBGE (2023, on-line), em 16/09/1878 criou-se um distrito denominado Poções, pela lei provincial 1848, elevada à categoria de vila com a denominação de Poções, pela lei provincial nº 1986, de 22-06-1880, desmembrado de Vitória (mais tarde

[21] Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/boa-nova/historico. Acesso em: 07 jan. 2025.

Vitória da Conquista).[22] A complicada história administrativa da região que compreende os atuais municípios de Poções e Boa Nova, no final do século XIX, revela uma dinâmica e, por vezes, a instabilidade da organização territorial no interior do Brasil. Uma sequência de leis provinciais e estaduais demostra um processo de criação, elevação, transferência e até mesmo a extinção de entidades administrativas em um curto período, refletindo as complexas relações políticas e socioeconômicas da época. De acordo com o IBGE (2023, on-line), a Sede no Arraial de Poções foi instalada em 25-04-1885. Pela lei estadual nº 522, de 17-09-1903, a sede da vila foi transferida do município de Poções para Boa Nova.

Contudo, a dinâmica territorial da região teve uma reviravolta com a lei Estadual, que transferiu a sede da vila de poções para o Arraial de Boa Nova, ainda dentro do município de Poções; essa mudança sugere uma possível ascensão de Boa Nova em termos de desenvolvimento econômico ou demográfico, tornando-se o polo mais relevante da vila. A divisão administrativa de 1911 confirma esta nova configuração, com a vila constituída unicamente pelo distrito sede, agora localizada em Boa Nova. Consoante informações do IBGE (2023, on-line), "em divisão administrativa referente ao ano de 1911, a vila é constituída do distrito sede".

A instabilidade administrativa atingiu um novo patamar com a Lei Estadual nº 1238, de 20 de maio de 1918, que decretou a extinção da vila de Boa Nova, reintegrando seu território ao município de Vitória da Conquista. A autonomia foi restabelecida pela Lei Estadual nº 1468, de 14 de maio de 1921, que a elevou à condição de vila novamente, e em 06 de agosto de 1921 elevou a vila de Boa Nova à condição de cidade.

Juntando as peças deste quebra-cabeça, e para compreender melhor os fatos, iremos desvelar todo o processo. Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, primeiro um distrito foi criado por uma Lei provincial n. 0 1 848, de 16 de setembro de 1878, seguido pela Lei provincial n. 0 1 986, de 26 de junho de 1880; assim, criou-se o município de Poções, tendo como sede o Arraial dos Poções, desmantelando-se do então município de Vitória, porém sua sede foi mudada para a então povoação de Boa Nova, e elevada à categoria de vila pela Lei estadual nº 522, de 17 de setembro de 1903. Em contrapartida, criou-se o município de mesmo nome e extinguiu-se o de Poções. Em 1911, o município de Boa Nova era composto de um distrito: o da sede, quando, em 1918, uma nova mudança administrativa aconteceu, sendo suprimido o município pela Lei estadual de nº

[22] Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/boa-nova/panorama. Acesso em: 07 jan. 2025.

1238, de 20 de maio, que transferiu a sede do município novamente para Poções. Entretanto, no ano de 1921, o município de Boa Nova foi restaurado pela Lei estadual nº 1468, de 14 de maio, com sua sede na vila de mesmo nome, sendo elevada à categoria de cidade pela Lei estadual de nº 1506, de 6 de agosto de 1921, tornando-se atualmente uma cidade centenária.

Apresentada toda a relevância e todo o embate político que acontecera até a formação do município de Boa Nova, é significativo salientar como ficou organizado o território, suas divisas iniciais e as mudanças que aconteceram ao longo dos anos. A mudança de categoria não representa apenas uma nomenclatura, mas reflete a integração de uma sociedade local à estrutura política e econômica do Estado, o que, no caso de Boa Nova, esteve relacionado ao seu crescimento social, econômico e demográfico. Como salienta o Instituto Cultural Via Magia,

> O primeiro distrito criado por lei e anexado ao município de Boa Nova só vem a surgir a partir de 1923, quando as pendências políticos-administrativas com os municípios de Poções e Vitória da Conquista deixaram de existir. Assim, a lei municipal nº 4, de 19 de abril de 1923, é aprovada pela lei estadual nº 1723, de 11 de agosto de 1924, é criado o distrito de Barra da Preguiça e anexado ao município de Boa Nova. Apenas 10 anos mais tarde apareceria outro distrito em sua divisão administrativa, o distrito de Cajazeiras (INSTITUTO CULTURAL VIA MAGIA, 2016, p. 64).

O processo mostra que a maior parte de seus habitantes estava na Zona Rural, situação comum não só em Boa Nova, como também em outros municípios baianos. A mudança de vila para cidade, portanto, está intimamente ligada ao processo de desenvolvimento local e regional, e as questões político-administrativas à dinâmica social e à economia que se consolidavam ao longo do tempo. No caso de Boa Nova, o crescimento da agricultura, o surgimento de novas famílias e a criação de vínculos com o comércio regional contribuíram para o avanço de seu status.

A extensão do território com certeza não deve ter facilitado a administração do município, com muitas terras e alguns distritos bem distantes da sede da administração, o que colaborou para a formação de grupos políticos que, com o passar do tempo, se organizaram em suas comunidades na luta pela emancipação. Estes ganharam força política nas esferas estaduais e federais, resultando no desmembramento de alguns territórios, como: Itagibá, Manoel Vitorino, Mirante e Dário Meira, por exemplo.

3.3 ESPAÇOS, PRÁTICAS COLETIVAS DE CELEBRAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA EM BOA NOVA

A memória é um dos mais significativos acontecimentos componentes da cultura, tendo papel importante na formação dos indivíduos, visto que somos espectadores do hoje, do agora, do que se vivencia. A memória é a capacidade que os sujeitos possuem de guardar os acontecimentos, sejam eles individuais ou coletivos, e é a junção desta memória com História que colabora para a construção da identidade de um povo. No entendimento de Le Goff,

> [...] memória pode ser entendida como um registro recuperado (lembrança) e propriedade de conservar e recuperar registros. Este último sentido remete a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1994, p. 423-425).

A memória tem origem no consciente ou no inconsciente e está continuamente relacionada à informação, a condutas passadas que dão sentido a um ser ou sociedade. Segundo Foucault (2004), "a memória é conceito que funda ao longo do tempo sua relação íntima com a prática humana de produzir cultura". A memória é uma produção humana que está no tempo presente, ela pode ser individual ou coletiva. De acordo com Le Goff,

> [...] pesquisa, salvamento, exaltação da memória coletiva não mais nos acontecimentos, mas ao longo do tempo, busca dessa memória menos nos textos do que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas; é uma conversão do olhar histórico. Conversão partilhada pelo grande público, obcecado pelo medo de uma perda de memória, de uma amnésia coletiva, que se exprime desajeitadamente na moda retro, explorada sem vergonha pelos mercadores de memória que se tornou um dos objetos da sociedade de consumo que se vendem bem (LE GOFF, 1990, p. 407).

A memória é um conjunto, pois entende a partilha entre o indivíduo e o meio e entre o homem e a sociedade. Ela pode ser lembrada como um lugar, o qual se torna cristalizado e, assim, rememoramos com saudosismo. Um lugar de memória pode ser definido como lugares materiais onde a memória social se apoia e pode ser apropriada pelos sentidos, sendo estes a base das memórias coletivas. Nessa direção, Nora destaca que

> [...] o lugar de memória supõe, para início de jogo, a justaposição de duas ordens de realidades: uma realidade tangível e apreensível, às vezes material, às vezes menos, inscrita no espaço, no tempo, na linguagem, na tradição, e uma realidade puramente simbólica, portadora de uma história. [...] Lugar de memória, então: toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer (NORA, 1997, p. 2226).

Boa Nova é um lugar bastante rico – por sua História, por sua gente e por ter um ecossistema abundante e diverso. Um universo denominado Boa Nova, basicamente uma

celebração à memória, não apenas aquela memória individual que cada pessoa carrega consigo, mas uma reverência à memória coletiva de uma cidade. A cidade de Boa Nova, com suas raízes históricas profundas, continua a se desenvolver e a manter vivas as tradições e memórias de seu povo, consolidando-se como um espaço de identidade para seus habitantes. Essa narrativa mostra como o passado influencia o presente e como os habitantes de Boa Nova continuam a construir ativamente a história e a memória de sua comunidade. No que tange à beleza natural de Boa Nova, o texto intitulado Parque Nacional coloca Boa Nova em Evidência, publicado no Jornal Gamboa[23], afirma que:

> A assinatura do decreto presidencial, em 10 de junho deste ano, criando o Parque Nacional de Boa Nova e o Refúgio de Vida Silvestre de Boa Nova coloca mais uma vez o município em evidência positiva no Brasil. Com 27.089 hectares (12.065 pertencentes ao Parque e 15.024 ao Refúgio), a área total de conservação vai do limite de Boa Nova com o município de Dário Meira, na Mata, até o limite com o município de Manoel Vitorino, na Caatinga (GAMBOA, 2010, p. 1).

A cidade abriga diferentes características e manifestações culturais, que possibilitam várias leituras, cuja fixação na memória se transforma no decorrer do tempo concomitante às mudanças produzidas no espaço e na sociedade. Sobre esse olhar, a herança cultural aproxima o universo do sensível ao do ambiente urbano, o que torna a arquitetura e a paisagem um acervo de símbolos mnemônicos.

Assim se concretizam os lugares de memória como heranças culturais, as quais, inseridas em espaços físicos ou mentais, retratam a identidade do local. Grande parte dos lugares de memória se estabelece naturalmente, ficando marcados nas memórias, como: paisagens construídas, paisagens naturais, terno de reis, pastorinhas, presépios, festejos de Nossa Senhora da Boa Nova, utilizados como marco cultural, e para a memorização de um fato histórico do local ou da cidade. Conforme noticia o Jornal Gamboa:

> Os pedidos pela formação de um novo Terno de Reis começaram a surgir e a empolgar Lourdes e João, que em 1967 atenderam ao pedido do povo e saíram mais uma vez com o terno criado por Germínio. O grupo visitava as casas e os presépios, cantando sambas de roda com versos que agradavam os donos da casa. Estes, em recompensa, serviam bolos, biscoitos, sucos e pinga para os "reiseiros". Muitas vezes os populares contribuíam com algum valor em dinheiro para a organização da festa de encerramento, sempre em 6 de janeiro, dia dos Santos Reis. Além do Terno de Reis, o alto astral e a alegria de Lourdes e João se traduziam nas festas juninas, no carnaval e em outros eventos (GAMBOA, 2013, p. 4).

[23] GAMBOA (Grupo de Amigos de Boa Nova). Parque Nacional coloca Boa Nova em Evidência. Jornal Virtual GAMBOA [on-line], Boa Nova, junho/julho/2010. Disponível em: https://www.facebook.com/jornal.gamboa?mibextid=ZbWKwL. acesso em: 06 jan. 2025.

Esta festa bastante antiga e tradicional exerce um papel importante na formação da identidade cultural da cidade, garantindo lugares para o diálogo contínuo e aprofundamento dos saberes sobre o que o passado deixou como legado, em termos de tradições e fundamentos populares. A cidade encontrada no campo do imaginário revela mais do que um lugar no tempo, uma vez que desperta poéticas de novos espaços e significados urbanos. Assim, a cidade, como lugar de memórias, configura infinitas possibilidades de conexão e olhares sobre a história, individual e coletiva, vivida ou imaginada.

Ao longo de sua formação, Boa Nova preservou elementos culturais únicos que refletem a sua história e os processos sociais que a constituíram. As manifestações culturais, como festas religiosas, danças e a culinária local, revelam um rico patrimônio imaterial que continua a ser transmitido de geração em geração. O Rio Uruba, as ruas históricas e o Cruzeirão, os festejos representam não apenas espaços físicos, mas também "lugares de memória", essenciais para a identidade e a construção da consciência histórica de seus habitantes. Messeder, em uma de suas memórias, evoca: dezembro de 1958 envolvia a cidade em manto de expectativa e preparativos para a celebração do Natal, a atmosfera festiva, brotava semanas antes, todos impulsionados por explorar em busca dos elementos naturais que adornariam os inúmeros presépios espalhados pela cidade. A beleza da paisagem, contrastando com o cotidiano urbano, e o cheiro que exalava ao passar pela Rua da Tubatinga, na saída da cidade, ao passar observando as fazendas, eram memoráveis.

Muitas tradições chegaram ao Brasil por meio dos europeus e outros povos, jesuítas, dos escravizados e dos índios que aqui já estavam. Os jesuítas tinham como objetivo catequizar os índios e os próprios portugueses e, nesse ínterim, à medida que os povoamentos se expandiram, as manifestações populares se difundiram e sofreram, gradativamente, influências locais. Logo, não se trata apenas uma história de ocupação de terra, mas uma história de luta, de resistência, de encontros e de construção de uma identidade coletiva que se articula com as grandes narrativas das tragédias humanas, de festejos, de muita celebração. Ainda sobre os festejos, Messeder (2018, p. 79-80) destaca: rememorar as festividades de setembro em Boa Nova da década de 1960 significa viajar no tempo para uma época vibrante, quando os preparativos mudavam toda a rotina da cidade e de seus moradores. Observava-se muita euforia, desde a instalação das primeiras barraquinhas, na Avenida Nossa Senhora da Boa Nova e Travessa Dois de Julho, mostrando a interação cotidiana entre vizinhos e amigos, o que constrói um retrato de uma comunidade unida em torno da celebração religiosa.

Para compreender melhor o contexto, a festa da padroeira ocorre em Boa Nova; os festejos religiosos acontecem de 31 de agosto a 8 de setembro, chamado de Novenário. Este

tem abertura com a Alvorada, marcada por uma carreata e muitos folguedos; há, também, a chamada Festa de Largo, que acontece nos dias 6, 7 e 8 de setembro, com muitas atrações, logo após a missa, além de muitas barracas, parque e muita diversão. Os antigos recordam com saudosismo das aventuras de adolescente, quando desfrutavam da pureza das águas contagiantes do Rio Uruba, eram águas tranquilas, limpinhas, mas muito muito frias. Estas águas que, durante muito tempo, serviram de diversão e "ganha pão", eram águas tão cristalinas e fresquinhas, saudade é o que resta, de quando o povo descia para o rio a fim de se divertir e também de lavar roupas. Messeder recorda com saudosismo de tais fatos,

> [...] no começo da tarde me juntei a um grupo de camaradas e fomos contemplar o fenômeno nas proximidades da ponte. O ruído era impressionante tanto quanto a torrente que levava com eles os galhos, troncos de árvores, animais e tudo que ia encontrando no seu caminho. As águas cobriam uma grande parte da vegetação marginal, como dos piris, das juremas, víamos apenas alguns galhos dos ingazeiros. Era impressionante o espetáculo se nos oferecia aos olhos. Era assim o Rio Uruba. Misterioso, fascinante e surpreendente. Não havia um só boanovense que fosse indiferente aos seus encantos. Todos tiveram contato com ele um dia ou outro: banho, pesca, passeio, piquenique, lavagem de roupa, batismo e etc. (MESSEDER, 2018, p. 95-96).

Sobre as belezas naturais deste pequeno paraíso chamado Boa Nova, que atualmente é reputado como Paraíso das Aves, esta pequena cidade é conhecida nacionalmente e internacionalmente pelos grupos apaixonados pela observação de aves, haja vista a existência na cidade, presentemente, de um local chamado Lajedo do Beija Flor, iniciativa privada para a observação de aves, visitado e conhecido por muitos. Nos últimos anos, 442 espécies de aves foram encontradas em Boa Nova.

O potencial hídrico da região é muito grande, que oferece uma imensa beleza através das lindas cachoeiras, corredeiras e rios, que são base para toda esta exuberância da mata, somando cerca de 40 pelo município, além dos lajedos, como o famoso Cruzeirão e a Pioneira, onde se pode observar um belíssimo pôr do sol. Estas são algumas das paisagens que este município encantador oferece, muito rica em recursos naturais, sendo uma cidade muito bela e acolhedora. Em contraste com tanta beleza pode-se verificar, ainda, a zona da Caatinga, com toda resistência e grandiosidade e aspecto único. Tudo isto pode ser contemplado neste município.

É neste emaranhado de memórias que a História e o Ensino de História entram em cena para legitimar a memória de um povo, tendo grande significado na construção de uma identidade social de cada indivíduo, sendo individual ou coletiva. Neste contexto, o estudo histórico do lugar onde se vive desempenha um papel de extrema importância, desenvolvendo

conhecimentos necessários acerca da sua realidade e localidade, porém sobre si também, construindo experiências e vivências coletivas, bem como a própria identidade.

Neste sentido, o ensino de história possibilitará aos discentes a apreensão de noções sobre valores e condições para análise de suas práticas cotidianas para, então, relacioná-las ao seu grupo de convívio, a sua localidade, refletindo sobre onde vivem e também relacionando tudo ao nacional e ao global. Le Goff explica que a memória se encontra "[...] onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens" (LE GOFF, 1990, p. 477).

A relação entre memória e ensino de história e consciência histórica configura-se em um tripé de relevância para a formação de sujeito questionador na sociedade atual. A memória, por ser um reservatório de experiências individuais e coletivas, é um componente essencial para a construção do conhecimento histórico, que alimenta a consciência história, a capacidade de compreender o passado, interpretar o presente e projetar o futuro.

A memória se apresenta de diversas formas (individual, coletiva e social), é o ponto de partida para a produção do conhecimento histórico. Logo, o ensino de história, ao valorizar a memória, permite que os alunos se conectem com o passado, compreendendo causas e consequências dos acontecimentos. O estímulo aos alunos, em sala de aula, contribui para promover o debate e a reflexão.

Assim,

> [...] a cultura histórica contempla as diferentes estratégias de investigação científico-acadêmica, da criação artística, da luta política pelo poder, da educação escolar e extraescolar, do lazer e de outros procedimentos da memória histórica pública, como concretudes e expressões de uma única potência mental (RÜSEN, 2016, p. 56).

Desse modo, a "cultura histórica" integra a universidade, o museu e a escola, administração, meios e outras instituições culturais são consideradas um conjunto de espaços de memoria coletiva, incorporando as funções do ensino, do entretenimento, legitimação, critica, distração, ilustração e/ou formas de recordação, englobando a memória histórica global unificada.

4 OS EFEITOS POSITIVOS DA METODOLOGIA DO ESTUDO DE HISTÓRIA A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE HQ

A utilização de fontes históricas no ensino de história tem se mostrado uma estratégia eficaz para despertar o interesse e a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem. A escolha do formato HQ não se limita apenas a uma abordagem lúdica do conteúdo: ela também representa uma forma de conectar o discente às fontes históricas e ao conhecimento histórico de maneira visual, dinâmica e interativa, facilitando a compreensão de processos complexos por meio de narrativas acessíveis e ilustrações que contextualizem o tempo e o espaço de forma mais tangível.

No que diz respeito à origem, percebe-se que ela surgiu juntamente com outras formas de narrativas. A linguagem das HQs iniciou-se com a narrativa gráfica, começou com as histórias com gravuras, no início do século XIX, porém esta uniformização das HQs só acontece com a disseminação, a qual se conecta ao desenvolvimento da Indústria tipográfica ligada ao surgimento do jornalismo, na passagem do século XIX para o século XX. Como aponta Vergueiro, o desenvolvimento da indústria tipográfica e a emergência de extensas cadeias jornalísticas no século XIX "criaram as condições necessárias para o aparecimento das histórias em quadrinhos como meio de comunicação de massa" (2018, p. 10).

Experiências do uso dos HQs no ensino da História demonstram como é importante e proveitosa esta vivência em sala de aula, conforme alguns trabalhos com HQs dentro do Programa de Mestrado Profhistória, entre eles podemos destacar: *Das HQs à imaginação: reflexões para o ensino de História*. Este trabalho propõe utilizar História em Quadrinhos (HQs) de super-heróis como ferramenta pedagógica no Ensino de História, ao integrar conceitos como identidade, narrativa e imaginação histórica. A metodologia proposta busca ultrapassar a lógica tradicional de ensino de História, abrindo espaço para uma experiência de aprendizado mais dinâmica e engajadora Mateus Bertolino (BERTOLINO, 2019).

A dissertação intitulada *Aprendizagem histórica e o ensino de história por meio das histórias em quadrinhos* apresenta uma análise aprofundada da utilização das histórias em quadrinhos como aliada importante no Ensino de História, ao articular teoria e prática e conceitos como narrativa e cultura histórica. A pesquisa explora as aproximações entre as HQs e o processo de compreensão histórica, demonstrando como as narrativas gráficas podem auxiliar o desenvolvimento de habilidades com análise crítica e interpretação de Cicero Soares Varela (2020).

A dissertação de Maria Cristina Soares dos Santos (2021), nomeada *Erguer a voz: a luta e a construção de uma narrativa antirracista no contexto escolar. Por uma história das mulheres negras protagonistas*, revela uma abordagem de extrema relevância e urgência no contexto educacional brasileiro. Destaca-se pela análise crítica da ideia de "democracia racial" e pela denúncia do racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira, revelando como discursos neutros perpetuam ideias racistas e machistas. O estudo mostra a capacidade em contextualizar a escola por meio das HQS da UNESCO e análise dos discursos imagéticos nas HQs Casa Grande e Senzala e Turma da Mônica promove uma discussão sobre a representatividade negra, refletindo sobre o racismo à brasileira e a construção da ideia de raça pardo/mestiça (SANTOS, 2021).

É evidente o quanto, nos últimos anos, as HQs passaram por inúmeras modificações no mundo atual, objetivando se encaixar na realidade da atualidade. Entretanto, este importante recurso pedagógico só foi percebido como recurso didático a partir do século XX, quando a tecnologia da informação, comunicação eletrônica, se espalhou. Então, passou a ser vista como menos pavorosa e começou a ser utilizada. Vergueiro destaca que, as HQs também acompanharam esse processo, ao chamar a atenção para as especificidades narrativas e aproximar os quadrinhos das práticas educacionais, fazendo com que muitos obstáculos ou recriminações fossem gradativamente derrubados e anulados (VERGUEIRO, 2018, p. 17).

A utilização de história em quadrinhos como ferramenta pedagógica no ensino de História tem se mostrado cada vez mais frequente, porque, ao combinar a linguagem visual com a narrativa, as HQs proporcionam uma experiência de aprendizado mais dinâmica, atrativa e acessível aos estudantes, especialmente os mais jovens. Neste contexto, elas podem contribuir para que as aulas de História sejam mais prazerosas. Uma vantagem da utilização de HQs, no ensino de história é a sua capacidade de despertar o interesse do discente.

Ao apresentar os conteúdos de forma visual e interessante, as HQs contribuem para a superação de estereótipos associados à disciplina, como a ideia de que a história é "chata". Ao se depararem com personagens históricos que representam a região, apresentados de forma humanizada e em situações cotidianas, os estudantes se sentirão mais motivados a aprender e a explorar o passado. Contribuem também para o desenvolvimento de diversas habilidades cognitivas e críticas, estimulando os alunos a: compreender os significados implícitos nas imagens e nos diálogos, avaliar a veracidade e a confiabilidade das informações contidas na HQ, perceber as relações entre os fatos e seus resultados e consequências, construir suas próprias interpretações sobre os fatos históricos.

As histórias em quadrinhos são artefatos da cultura histórica que mobilizam a expressão narrativa dos sujeitos, têm se consolidado como importante fonte histórica no ensino de diversas disciplinas, especialmente na área de História. A popularidade e a acessibilidade tornam-se um meio para atrair a atenção dos alunos, promovendo uma aula mais dinâmica, fornecedora de experiências históricas a partir de narrativas.

O trabalho com histórias em quadrinhos durante as aulas de história pode possibilitar aos docentes e discentes a construção do pensar historicamente e com sentido aproximando o passado histórico a realidade presente do estudante, especialmente quando as HQs são mobilizadas nas aulas como fontes históricas que retomam o passado. A fim de orientá-lo temporalmente para que partindo de inquietações do presente, para este sujeito busque no passado significações que possam significar o presente e dar esperanças para o futuro. Como destaca Fronza (2016),

> É por causa da função narrativa, estruturada por um fio condutor de sentido, que as histórias em quadrinhos e outras narrativas históricas visuais podem contribuir para esse processo de libertação dos sujeitos. A função narrativa das histórias em quadrinhos diz respeito às formas de expressão da cultura jovem. A "unidade global da memória histórica", expressa no narrar dos sujeitos, sintetiza e integra as funções da legitimação, da crítica, do ensino, do entretenimento, das imagens e dos mais variados modos de rememorar o passado. A rememoração histórica se dá por meio de uma operação mental do "ato de contar histórias" (FRONZA, 2016, p. 46).

A presença das histórias em quadrinhos no cotidiano de crianças e jovens se consolidou ao longo de décadas e nos, dias atuais, deixou de ser mero entretenimento; sua popularidade, enraizada na familiaridade e no apelo visual, abre um leque de possibilidades para o campo educacional, especialmente no contexto do ensino de História. Isto se justifica porque ela se torna uma fonte histórica e a junção entre a linguagem visual a narrativa e as imagens que complementam o texto facilitam a compreensão e estimulam a imaginação.

Nesse caminho, o papel do docente é de grande importância quando se trata do uso de HQs em sala de aula, transformando-se no mediador e o responsável por favorecer um momento de conversa que desperte a atenção dos discentes aos detalhes da HQ estudada – com o intuito educativo. Para Silvério e Rezende, “o gênero discursivo HQs, muito mais do que páginas multicoloridas e humorísticas, propõe leituras que exploram signos diversificados, contribuindo para que o aluno possa ampliar e aprofundar aquilo que lê, ou seja, dar sentido à leitura” (2011, 232). O professor deve ter cautela ao levar as HQs para a sala de aula, mostrando sua importância, a fim de que os estudantes a percebam como recurso

didático para a construção do conhecimento histórico. E para que reconheçam o vínculo entre a História e a sua realidade histórica e a temporalidade.

Para tanto, é preciso conectar o ensino de história às mudanças ocorridas no modo de produzir a historiografia e à própria transformação tecnológica ocorrida nos últimos anos, haja vista que o espaço escolar e o próprio ensino passaram por tais mudanças, que não ocorreram só no dia a dia, mas na forma de organização também da práxis em sala de aula. Os discentes vivem uma onda de tecnologia que os afeta diretamente, estão conectados quase o tempo todo à internet, às mídias sociais. Diante disso, as histórias em quadrinhos são fontes históricas e digitais, capazes de transpor essas mudanças tornando o ensino prazeroso e mais concreto.

> [...]. Desde a primeira aparição dos quadrinhos na imprensa diária, na virada do século [XIX para o XX], essa forma popular de leitura encontrou um público amplo e, em particular, passou a fazer parte da dieta literária inicial da maioria dos jovens. As histórias em quadrinhos comunicam numa "linguagem" que se vale da experiência visual comum ao criador e ao público (EISNER, 1999, p. 5).

Ressalta-se que a História em Quadrinhos (HQs), desde a sua aparição na imprensa diária do século XIX para o XX, consolidou-se como uma forma de leitura popular e acessível; sua linguagem singular e sua capacidade de explorar temas que fazem parte do universo cultural dos estudantes capturam a atenção dos jovens e até mesmo dos adultos, estabelecendo uma conexão entre os conteúdos e o interesse dos leitores.

O caráter lúdico das HQs possibilita um ensino com mais criatividade e significativo, por meio dos personagens, do diálogo e dos cenários desenhados. Isto aproxima os estudantes do conteúdo, de maneira mais próxima da sua realidade, estimulando, a cada página, a curiosidade e o interesse pela sua história e pela disciplina de História. De acordo com Oliveira, "o ensino mediado por histórias em quadrinhos possibilita um aprendizado mais inclusivo, pois atende diferentes perfis de estudantes e favorece a retenção das informações por meio da associação entre palavra e imagem" (2020, p. 89).

Enfim, a utilização dos quadrinhos no ensino contribui para a formação de cidadãos críticos e reflexivos a respeito da sua própria história. Ao apresentar diferentes perspectivas e narrativas históricas, as HQs incentivam estudantes a questionar versões únicas dos acontecimentos e a compreender a história como um campo de interpretações e disputas. Conforme destaca Santos, "as histórias em quadrinhos favorecem a construção do pensamento crítico, apresentam múltiplas abordagens dos fatos históricos e estimulam os alunos a refletirem sobre o papel das fontes na escrita da história" (2019, p. 102). O ensino de história por meio de HQs não apenas amplia o conhecimento histórico, mas fortalece a autonomia

intelectual dos estudantes, preparando-os para analisar criticamente os acontecimentos históricos e sua relação com o presente. Em contrapartida, a educação histórica são as metodologias da aprendizagem histórica focada nos alunos, a partir da epistemologia da história, que reconstroem as abordagens do ensino de história, e não as metodologias de ensino de história ou da didática geral.

4.1 APRENDIZAGEM HISTÓRICA E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ's)

A aprendizagem histórica transcende a mera memorização de datas e fatos. Ela envolve um processo complexo de construção do conhecimento, no qual os discentes são convidados a levar em conta suas vidas práticas dentro da realidade em que vivem e no espaço que se encontram, sendo a própria consciência histórica. Perpassa também pela historiografia, que é o modo como a história se encontra nas consciências de cada sujeito. Rüsen define que:

> Novas capacidades de aprendizado ganham forma, assim que esta experiência da mudança é trabalhada sob a forma de um modelo interpretativo da consciência histórica, especificamente moderna. O "aperfeiçoamento" e a "formação" indicam, como categorias das didáticas do conhecimento histórico, a expansão da capacidade de aprendizado da consciência histórica, inseparável do processo de modernização do pensamento (RÜSEN, 2012, p. 22).

A aprendizagem histórica constitui um meio de interpretar o passado, ao estabelecer conexões entre os diferentes eventos e desenvolver habilidades de pensamento crítico. Ao longo da vida, a história nos auxilia a compreender o presente, a tomar decisões e a construir um futuro mais justo e equitativo.

No campo educacional, as Histórias em Quadrinhos (HQs) têm se consolidado como uma ferramenta pedagógica importante para o ensino de História, especialmente no Ensino Fundamental II. A junção de elementos visuais e narrativos favorece a compreensão dos fatos históricos, tornando o aprendizado mais eficaz aos estudantes.

Segundo Vergueiro e Ramos (2009, p. 25), "as histórias em quadrinhos apresentam uma estrutura que favorece a construção do pensamento histórico, ao permitir a associação de diferentes tempos, espaços e narrativas". Rüsen define que a aprendizagem histórica pode se distinguir com base na tipologia da narrativa, que são quatro formas típicas: tradicional, exemplar, crítica e genética. No que se refere à tradicional:

> Nesta forma, trata-se de satisfazer as necessidades da orientação por meio da tradição. Aprendizagem histórica, nesse caso, significa aquisição da tradição. Os padrões prescritos de interpretação da experiência do tempo e as estratégias relacionadas com a autocompreensão humana são internalizadas e processadas pela atualização de suas próprias experiências de tempo (para adequar, modificar e desenvolver as suas características especificas) (RÜSEN, 2012, p. 80).

Rüsen (2012) argumenta que a aprendizagem histórica é um processo de aquisição da tradição, em que os indivíduos internalizam o padrão de interpretação do passado, que é moldada pela tradição, porquanto fornece um quadro de referência para a compreensão do passado, sem nenhuma ruptura. Esta perspectiva pode ser enriquecida com a utilização das (HQs), que podem apresentar diferentes perspectivas e interpretações dos eventos históricos, desafiando a visão única e linear da tradição.

Rüsen descreve que a Aprendizagem Histórica Exemplar trata da formação do sentido exemplar sobre a experiência.

> Nesta forma, as necessidades de orientação precisam ser satisfeitas pelo fato de algumas das experiências temporais são submetidas às regras gerais que são aplicadas a casos individuais. Ao longo do relativamente estreito horizonte das tradições, as experiências tradicionais são processadas como regras de orientação do agir. As experiências de determinadas mudanças temporais são relacionadas a outras experiências de tal modo que se reconheça uma regra abrangente de todos os casos, relacionável com outros análogos, que porventura ocorram tanto no âmbito da experiência de vida atual quanto na expectativa de futuro (RÜSEN, 2012, p. 81).

De acordo com Rüsen (2012), a aprendizagem histórica se manifesta na orientação humana, através da internalização e aplicação de regras gerais derivadas da experiência temporal, sendo que a tradição fornece um horizonte de interpretação, onde as experiências passadas são transformadas em regras que guiam o agir no presente e no futuro. Então, inserir as HQs como fontes históricas no Ensino de História produtoras de narrativas que mobilizam uma forma de aprendizagem histórica pode desafiar os educandos a refletirem sobre suas próprias experiências temporais e a construírem suas próprias narrativas.

Rusen (2012) define ainda a aprendizagem histórica da formação do sentido crítico sobre a experiência temporal.

> Nesta forma de aprendizado, as experiências temporais interpretadas tornam-se tão indicadas, que ela coloca as orientações temporais (socialmente benéficas) fora do jogo. Os sujeitos aprendem a dizer não às amostras de interpretação histórica sobre a realização do passado, que orientam suas vidas, nas mudanças temporais dos seus mundos e de si mesmos. Suas ações são intencionalmente articuladas e sua autocompreensão organizada (RÜSEN, 2012, p. 82).

Portanto, esta é uma forma de aprendizado que supera o simples fato de interiorizar os padrões tradicionais, dando ênfase à capacidade crítica dos sujeitos de questionar as interpretações históricas que não se adequam as suas experiências e necessidades de orientação no tempo. Neste sentido, a aprendizagem se torna um processo ativo de construção de sentido, em que os indivíduos articulam suas ações e autocompreensão de forma intencional. Diante disto, o uso das HQs complementa a visão crítica da aprendizagem histórica proposta, levando os alunos a refletirem sobre os vieses e as ideologias presentes nas interpretações históricas tradicionais.

Por fim, Rüsen descreve a forma de aprendizagem da formação de sentido genético sobre a experiência temporal.

> Esta forma de aprendizagem é a aquisição de uma competência, que é baseada, enfaticamente, no pensamento histórico moderno. Esta capacidade é caracterizada com o mérito do "fato histórico" (que, conforme demonstrado por estudos empíricos, está presente das aulas de história). Aqui as experiências temporais sobre as memórias históricas são processadas de modo que o momento da mudança temporal torna-se próprio (histórico), como a garantia da estabilidade da orientação prática e da autocompreensão. A mudança e a capacidade de mudar são vistas como condições necessárias da duração e continuidade (RÜSEN, 2012, p. 83).

A aprendizagem histórica está sendo apresentada como um processo de aquisição de competência fortemente influenciado pelo pensamento histórico moderno, que é exatamente a capacidade de reconhecer o fato histórico e de processar experiências temporais, de modo a garantir a estabilidade da orientação pela prática e da autocompreensão. A mudança, nesse contexto, é vista como uma condição necessária para a continuidade e duração. Desse modo, as HQs podem ser utilizadas para mostrar as causas e as consequências das mudanças históricas e como os diferentes eventos se interconectam e influenciam uns aos outros.

Diante do exposto, pode-se perceber que a capacidade de pensar a história está para o ser humano assim como o de interpretá-la e de como comunicar as experiências do passado, sendo esta experiência não igual para todos os sujeitos, isto vai depender muito das suas intenções e carências. Dessa maneira, Rüsen (2012) classifica esta capacidade do ser humano de falar do passado, perceber os eventos e as experiências nesse percurso. No que concerne à realidade da sala de aula, pode-se dizer que ao analisar o desenvolvimento da aprendizagem é preciso observar se o estudante consegue perceber as complexidades, ou se ele é mais centrado sem perceber as diferenças, quais habilidades serão demonstradas.

A inclusão das Histórias em Quadrinhos nas aulas pode contribuir para a alfabetização histórica, ao introduzir os conteúdos como fontes históricas, podendo, também, levar o

docente a investigar em qual das tipologias defendidas por Rüsen (2012) os alunos mobilizam, uma vez que nos permite entender como os indivíduos se posicionam em relação à história tradicional e memorialista. Isto inclui aceitar a tradição, transformá-la em uma regra universal, negá-la por meio de uma contranarrativa histórica ou superá-la ou temporalizá-la e adaptá-la com base nas experiências interculturais vivenciadas pelos sujeitos na construção de sua identidade histórica e prática social.

Os estudantes, nas aulas, podem desenvolver uma consciência histórica. Para Fonseca (2011), a utilização das HQs como fonte e recurso didáticos permite que os alunos desenvolvam habilidades de leitura e interpretação de documentos históricos, facilitando a construção do conhecimento e a percepção de múltiplas perspectivas sobre os fatos. Além disso, os quadrinhos criados com a história da localidade promovem uma abordagem mais concreta ao ensino, correspondendo à realidade de onde ele mora.

Assim, a leitura de HQs estimula não apenas a compreensão dos fatos históricos, mas o desenvolvimento de uma interpretação mais ampla da realidade, percebendo-se, assim, como parte do mundo também. A associação entre texto e imagem permite que os alunos estabeleçam conexões entre o passado e o presente, compreendendo os processos históricos de forma mais ampla e concreta.

Segundo Vergueiro e Ramos (2021, p.45), “os quadrinhos favorecem uma leitura ativa e crítica da História, pois estimulam a associação entre diferentes fontes e a contextualização dos acontecimentos”. Desta maneira, os discentes não apenas aprendem sobre os fatos históricos, mas também desenvolvem uma percepção crítica sobre suas próprias experiências e contextos, o que amplia sua visão de mundo e sua capacidade de análise.

4.2 BOA NOVA EM HQ E O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

A utilização de HQs para contar a história da formação de Boa Nova permitirá aproximar os alunos do seu próprio contexto histórico e cultural. A linguagem visual das HQs, junto com a experiência histórica narrada é significativa para os que leem e quem os narra, com seus desenhos e diálogos, torna a história mais palpável e interessante, permitindo que os estudantes se identifiquem com os personagens e os acontecimentos narrados. Esta aproximação com o passado no presente fortalece o interesse do educando pela sua história, promovendo a compreensão de conceitos como: a organização espacial de uma cidade, a dos eventos históricos, evolução da sociedade e a dinâmica das identidades locais.

O diálogo dos estudantes com a historiografia apresentada, filtrada pelas necessidades de orientação dos próprios alunos, pode facilitar a compreensão, pois poderão visualizar o que, muitas vezes, em formato de texto, não conseguem entender. Ter a história da localidade em quadrinhos pode ser uma fonte histórica de grande importância para o desenvolvimento da aprendizagem histórica. Segundo Vergueiro e D'Oliveira (2011, p. 137), "uma reflexão acertada das Histórias em Quadrinhos no cenário brasileiro deve considerar a via de mão dupla entre real e a representação do real".

A incorporação da história da localidade Boa Nova de forma efetiva ao currículo escolar por meio das HQs como fonte histórica, pode ampliar a compreensão dos alunos sobre os processos históricos, que, em vez de reforçar a identidade histórica do lugar e da região, será mais proveitoso explorar as diversas identidades em coexistência e conflito a partir das narrativas dos alunos que será feita posteriormente como continuidade, e fortalecer as identidades históricas e culturais da região, em convívio e em conflito que existem a partir das narrativas dos estudantes situada atualmente no sudoeste da Bahia e no território do Médio Rio de Contas. A região de Boa Nova possui uma trajetória marcada pela ocupação de bandeirantes e viajantes que buscavam riquezas e novas terras entre os séculos XVIII e XIX; a localidade, então denominada Bocca do Matto, tornou-se uma ponte de passagem para os comerciantes e tropeiros.

Trata-se, nesta pesquisa, de reconhecer as histórias em quadrinhos como fontes históricas que mobiliza a aprendizagem em história e, como objetivo específico, compreender a Formação histórica de Boa Nova, em forma de HQ, apresentando o potencial das HQs para o desenvolvimento da aprendizagem do componente curricular Referencial Curricular do Município de Boa Nova Bahia (RCMBN-BA), sendo uma aliada do processo reconstrução do conhecimento, tanto para o docente quanto para o discente. Como sinaliza o documento,

> [...] para o ensino de História versa sobre a contextualização da história mundial com a história local, a compreender que as realidades históricas da localidade e de seus habitantes no tempo não se dão isoladas do mundo, mas como parte do processo histórico, sem perder de vista os principais fatos importantes que levaram a tais acontecimentos (RCMBN-BA, 2020, p. 744).

É fundamental que todas estas descrições anteriores estejam anexadas à proposta de HQ e sejam abordadas, pois isto permitirá a construção de uma Educação Histórica que fomente nos jovens uma formação cidadã, para que lutem contra as estruturas estáticas deste mundo que, mesmo forjadas há muito tempo, ignora muitos direitos do ser humano. Fronza pondera que "a ruptura que os conhecimentos científico e escolar imprimem ao conhecimento

cotidiano não suprime a continuidade entre os dois, pois ambos são marcados por certa coincidência de conteúdos ou, pelo menos, existe uma clara ligação entre eles" (2007, p. 28).

Para Isabelle de Luna Alencar Noronha (2007), "a história local dá ao aluno um referencial analítico para compreender a dinâmica social". Nesse sentido, a criação de uma HQ sobre a Formação Histórica de Boa Nova constitui uma estratégia eficaz para auxiliar os estudantes a mobilizarem a conhecer a história do seu território, as identidades, as histórias, buscando desvendar e entender as raízes que conectam a comunidade. Desta forma, o uso das HQs, no ensino da história de Boa Nova não apenas mobiliza o aprendizado, mas também fortalece o vínculo dos alunos com suas heranças históricas, estimulando uma visão de como as histórias da região do Sertão da Ressaca estão conectadas.

As HQs vão muito além de atrair atenção do aluno, mas sim fontes históricas e narrativas gráficas fundamentais para a mobilização da consciência histórica. Passam a serem compreendidas como expressões da cultura histórica. Elas deixam de serem meros reflexos da realidade e passam, mas sim interpretações do passado que circulam na sociedade e ajudam a mobilizar como os jovens compreendem o tempo. Ao mobilizar um diálogo entre as ideias previas dos alunos (todo seu contexto familiar e social), a narrativa visual e textual das HQs, a mediação cientifica do saber histórico. Este processo facilita a mobilização da consciência histórica porque o confronto entre as representações visuais e o rigor documental permite que o aluno identifique tensões entre o "passado real" e o "passado narrado".

> As palavras e as imagens são ideológicas e seu uso na língua e em artefatos culturais como as histórias em quadrinhos é ligado à história ideológica das sociedades. Este uso, portanto, refere-se ao fenômeno social da interação verbal realizada pelo diálogo entre sujeitos; no caso das histórias em quadrinhos, entre os autores e os leitores destes artefatos (FRONZA, 2007, p. 36-36).

Os quadrinhos são muito mais que sequencias narrativa, são documentos históricos vivos, ao reconhecermos que palavras e imagens são fontes ideológicas, passamos a compreender o leitor e o autor como agentes ativos em uma sociedade complexa, removendo o véu do entretenimento, posicionando-as como espaço de disputas, resistência e reafirmação de valores. A língua não é apenas um sistema com regras gramaticais, assim como as imagens não são apenas um conjunto de formas e cores, ambos são artefatos culturais que carregam consigo as memórias, os conflitos, os interesses da sociedade que os produzem.

> Outro motivo para que se desenvolva essa análise é que nesta investigação as histórias em quadrinhos são consideradas como documentos, os quais permitem construir conhecimento histórico. A ideia de artefato cultural, [...]

> está intimamente relacionada ao conceito de que todo documento é construído de uma determinada forma por uma determinada sociedade em um determinado contexto espaço-temporal. Essa consideração leva à exigência do estudo dos elementos formais constituidores dos documentos denominados histórias em quadrinhos, pois são esses elementos que permitem a compreensão da especificidade de um artefato ou documento. (FRONZA, 2007, p. 33).

Marcelo Fronza segue tecendo sua análise sobre o uso das HQs como fontes, para uma aprendizagem com mais significado, mediante as ideias da narrativa histórica, inclui o estudo de novas para incentivar o estudo de fontes históricas e documentos, demostrando o quanto a sociedade esta se reinventando. Apresentando como devemos afastar a narrativa convencional que costuma concentrar em eventos, datas ou personalidades importantes. Neste contexto, a história em quadrinhos atua como fontes históricas, brindando uma plataforma visualmente interessante para expressar tais narrativas históricas de forma encantadora incentivando na critica e reflexão. Essa abordagem de integrar a narrativa histórica por meio de imagens, não só recorda eventos, personagens, mas torna o aprendizado mais significativo.

4.3 OS CAMINHOS E CONTORNOS DA SOLUÇÃO MEDIADORA

A proposta de solução mediadora é apresentar e abordar a produção e contexto por meio de HQ, para narrar o passado com o título: “Bocca do Matto de Villa a Cidade”, contribuindo para ampliação e transformação da maneira como os alunos de 6º e 7º e 8º anos do Fundamental II, aprenderão a própria história, entendendo o conjunto de eventos e processos históricos que moldaram o mundo ex: fenômenos políticos, sociais, econômicos e culturais, que influenciaram a história da região. Fazendo com que os alunos entendam as mudanças e permanências que aconteceram ao longo dos tempos, desde a ocupação das terras da América Portuguesa , percebendo também a região de Boa Nova. Através da HQ propõe-se reafirmar a identificação, o sentido e a disseminação do conhecimento da história da localidade, articulada aos conhecimentos e vivências dos discentes. As HQs podem se efetivar como elemento facilitador e mediação de conhecimentos.

Utilizar HQ como fonte histórica permite aos educadores e educandos aulas mais descontraídas e que tenham mais sentido. Túlio Vilela salienta que,

> [...] o uso dos quadrinhos pode ser feito de diferentes maneiras: para ilustrar ou fornecer uma ideia de aspectos da vida social de comunidades do passado; como registros da época em que foram produzidos e como ponto de partida de discussões de conceitos da História (VILELA, 2004, p. 109-110).

A solução mediadora é um apoio didático-pedagógico histórico de aprendizagem histórica, que está fundamentada nas obras historiográficas de Rüsen (2012) e Schmidt e Cainelli (2004). A HQ: “Bocca do Matto de Villa a Cidade!” é narrada pelo personagem gravatazeiro, ave endêmica da região, especialmente porque Boa Nova atualmente é referência em observação de aves. Sua representatividade justifica-se por ser uma ave resiliente, que quase entrou em extinção, porém recuperou-se dessa condição e hoje é uma das aves mais observadas pelos visitantes e observadores. Dessa forma, essa ave, na HQ, acompanhará a passagem do tempo, vendo e narrando o passado, desde os primeiros habitantes da região, os indígenas, as lutas, mortes e perdas do povo originário, seguidos da chegada dos bandeirantes, os exploradores em busca de metais preciosos, a formação das primeiras fazendas, seu crescimento, a criação da Vila até a emancipação política, trazendo os personagens, todo o cenário e história, as figuras de João Gonçalves da Costa e seus herdeiros, como os invasores destas terras; Antonio Dias de Miranda, João Dias de Miranda, Raymundo Gonçalves da Costa; bem como outros fazendeiros: Antonio Coelho Sampaio e Jose Coelho Sampaio, Lucinda da Uruba, mulher de Antonio Dias de Miranda.

Considerando que a HQ é uma fonte histórica, o uso deste será um meio para entrelaçar estímulos atrativos com informações pertinentes, salientados nos recentes escritos dos memorialistas, Tanajura (1992), Torres (1996), Vianna (1882), de historiadores como: Ivo (2012, 2016) e produções historiografias sobre os sertões da Bahia: Pires (2009), Ribeiro (2019), o cronista Neves (1998, 2016), com o propósito de que os discentes possam identificar certas familiaridades e, assim, estabelecer ligações das carências atuais locais e os objetos de conhecimentos estabelecidos pela grade curricular.

Almeja-se que a Consciência Histórica do aluno seja qualificada e ampliada, possibilitando sua instrumentalização em relação à autocompreensão como sujeito e o entendimento de que é um ser social e, portanto, apto a contribuir relevantemente na sociedade, por meio de ações plenamente conscientes, ainda que seja um ambiente conflitante e diverso. A consciência histórica, em sua essência, é a capacidade de um sujeito de se situar no tempo, compreendendo a historicidade da existência humana e a conexão entre passado, presente e futuro. Enquanto a aprendizagem é o processo contínuo de aquisição de conhecimento, habilidades e valores, que molda a consciência histórica. Pretende alcançar este objetivo, depois de distribuída as HQs, os alunos irão fazer uma leitura coletiva e assim construir sua parte da história, para dar continuidade nesta fonte histórica.

Diante disso, o Quadro 1, a seguir, esquematiza os conteúdos e habilidades a serem trabalhados na HQ conforme a unidade temática, série/ano, o que trabalhar, objetos de conhecimento e habilidades.

Quadro 1 - Esquema com conteúdos propostos pelo Documento Curricular Município de Boa Nova (doravante, DCMBN)

UNIDADE TEMÁTICA	**SÉRIE /ANO**	**O QUE TRABALHAR**	**OBJETOS DE CONHECIMENTO**	**HABILIDADES**
História: tempo, Espaço e formas de registros	6º ano	- Primeiros Povoadores da região de Boa Nova.	As origens da humanidade, seus deslocamentos e os processos de sedentarizarão.	(EF06HI01BN) Identificar os povos nativos que ocupavam o território de Boa Nova e região observando suas áreas de atuação.
O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias	7º ano	- Histórias Conectadas e Sertões Conectados. Escravidão e Mestiçagem.	A construção da ideia de modernidade e seus impactos na concepção de História A ideia de "Novo Mundo" ante o Mundo Antigo: permanências e rupturas de saberes e práticas na emergência do mundo moderno A construção da ideia de modernidade e seus impactos na concepção de História A ideia de "Novo Mundo" ante o Mundo Antigo: permanências e rupturas de saberes e práticas na emergência do mundo moderno	EF07HI02) Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.

			Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial	
Lógicas comerciais e mercantis da modernidade	7º ano	- A expansão dos portugueses na região do Sertão da Ressaca.	Estruturação dos vice-reinos nas Américas Resistências indígenas, invasões e expansão na América portuguesa As lógicas mercantis e o domínio europeu sobre os mares e o contraponto oriental	(EF07HI13) Caracterizar a ação dos europeus e suas lógicas mercantis visando ao domínio no mundo atlântico e o modo de produção agrária implantado na Bahia.

Sabemos que as HQs, nas escolas do Brasil estão muito distantes da realidade escolar, o que dificulta a utilização desta fonte pelos professores da escola pública, utilizá-las em sala de aula, tendo muitas vezes que adaptar a pequenos fragmentos. Mesmo sendo difícil as escolas públicas utilizarem as HQs nas suas salas de aula, o ProfHistória veio para minimizar esta dificuldade, apresentado soluções mediadoras que podem e devem ser aplicadas nas salas de aula e de escola publica, são arquivos que podem ser acessados por todos.

Este estudo contribui para a valorização e reflexão da história local, partindo da premissa para aplicação e eficácia em sala de aula existe um passo a passo, que será necessário fazer; entre eles a sugestão de um encontro com os professores de História do município, onde será apresentada minuciosamente a Solução Mediadora, a partir desta apresentação serão explanadas as possibilidades de como trabalhar em sala de aula:

- Fazendo recortes da dissertação e trabalhando primeiro os recortes e posteriormente a HQ.
- Leitura coletiva da HQ, seguida de pesquisa na localidade pela busca de tropeiros, parteiras, professores, feirantes, fazendeiros, antigos e assim acrescentar estes povos a HQ.
- Leitura individual, seguida de uma roda de conversa, onde os discentes irão apresentar suas opiniões, seguidos de sugestões do que poderá ser acrescentado a partir da localidade de cada um.
- Atividade para casa: Leitura para os familiares e para a comunidade. Os alunos irão reunir estas pessoas e vai fazer uma leitura da fonte histórica. E a partir daí os ouvintes poderão

fazer contribuições com os saberes que eles possuem onde o aluno irá anotar e compartilhar com o professor que junto com os outros alunos e contribuições irão acrescentar as contribuições criando uma nova HQ, a partir do que foi falado pela comunidade.

A escola é um lugar de grande importância, onde discussões como formação Histórica, política, economia, população e demais temas podem ser debatidos com o intuito de construir e disseminar saberes, prezando pela coletividade, uma vez que a escola é um espaço em constante transformação, e essas mudanças são o resultado de um longo processo histórico.

REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. 1853-1924. *Capítulos de história colonial*: 1500-1800. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998. 226p. (Biblioteca básica brasileira)

AGUIAR, Durval Vieira de. *Descrições práticas da Província da Bahia*. Rio de Janeiro, Cátedra; Brasília: INL, 1979.

ASSUNÇÃO, Luís Felipe Bantim de; CAMPOS Carlos Eduardo da Costa (Orgs.). *História em quadrinhos na perspectiva da prática de ensino*. Vassouras-RJ: Editora Universidade de Vassouras, 2024. 453f.

BERTOLINO, Mateus. *Das HQs à imaginação histórica:* reflexões para o ensino de História. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2019.

BITTENCOURT, Circe. *Identidade nacional e ensino de história do Brasil*. In: KARNAL, Leandro (Org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 185-204.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história:* fundamentos e métodos. Coordenação: Antonio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008 (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental).

CERRI, Luís Fernando. *Ensino de história e consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERMIANO, Maria Belintane; SANTOS, Adriane Santarosa dos. *Ensino de história para o fundamental 1:* teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Ruiz Felippe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREYRE, Gilberto, 1900-1987. *Casa-grande & senzala:* formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 481. ed. rev. São Paulo: Global, 2003. (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 1).

FRONZA, Marcelo. *O significado das histórias em quadrinhos na Educação Histórica dos jovens que estudam no Ensino Médio*. 2007. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

FRONZA, M. *As possibilidades investigativas da aprendizagem histórica de jovens estudantes.* Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 60, p. 43-72, abr./jun. 2016.

GAMBOA (Grupo de Amigos de Boa Nova). *Parque Nacional coloca Boa Nova em evidência*. Jornal Virtual GAMBOA [on-line], Boa Nova, junho/julho/2010. Disponível em: https://www.facebook.com/jornal.gamboa?mibextid=ZbWKwL. Acesso em: 06 jan. 2025.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social.* 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRUZINSKI, Serge. *As quatro partes do mundo:* história de uma mundialização / Serge Gruzinski; Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago, tradução. - Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Edusp, 2014.

HOLANDA, Sergio Buarque, 1902. *Caminhos e fronteiras*. 2. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, Departamento de Cultura da Guanabara, 1975. xxxii, 334p. ilust. 2 l cm (Documentos brasileiros, v.89)

INSTITUTO CULTURAL VIA MAGIA (Org.). *Valentim:* um passarinho me contou... Salvador: Casa Via Magia, 2015.

INSTITUTO CULTURAL VIA MAGIA (Org.). *Boa Nova:* um passarinho me contou... Salvador: Casa Via Magia, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Boa Nova*: história e fotos. 2023. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/boa-nova/historico. Acesso em: 06 jan. 2025.

IVO, Isnara Pereira. *Homens de Caminho:* trânsitos, comércio e cores dos sertões da América portuguesa. Século XVIII. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2012.

IVO, Isnara Pereira. *O Anjo da Morte contra o Santo Lenho*: poder, vingança e cotidiano no Sertão da Bahia. 2. ed. Rev. e amp. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017.

IVO, Isnara Pereira; GUEDES, Roberto (Orgs.). *Escravidão:* seus temas e problemas em aulas de História. [livro eletrônico]. Recife, PE: Edupe, 2023.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. (Reunião dos artigos do autor publicados na Enciclopédia Einaudi). Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: História e Memória. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

MATTOSO, Katia M. de Queirós. *Bahia Século XIX:* uma província do império. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.

MESSEDER, Edson. *Um mundo chamado Boa Nova*. 1. ed. Cotia-SP: Editora Cajuína, 2018.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *Cônicas, memória e história:* formação historiográfica dos sertões da Bahia. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *Uma comunidade sertaneja apegada ao minifúndio*: um estudo de história regional e local. Salvador: Edufba, 1998.

NOVAIS, Idelma Aparecida Ferreira. *Mulher, família e negócio:* o papel da mulher no Sertão da Bahia. Pol. Hist. Soc., Vitória da Conquista, v. 20, n. 2, p. 61-73, jul. Dez . 2021.

NORA, Pierre. *Entre mémoire et histoire*: la problématique des lieux. In: NORA, Pierre (org). Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard, [1984]. Vol 1 La République. p. XXIV.

NORA, Pierre. (dir.). *Les lieux de mémoire*. v. 2. Paris: Quarto Gallimard, 1997.

NORONHA, Isabelle de Luna Alencar. *Livro didático e ensino de história local no ensino fundamental.* Associação Nacional de História - ANPUH XXIV. Simpósio Nacional de História, 2007.

OLIVEIRA, Adil Souza. *A presença dos Kamakã-Mongoyó no Planalto da Conquista:* uma abordagem decolonial para o ensino de história e cultura indígena. / Adil Sousa Oliveira, 2022. 141f. il.

PAIVA, Eduardo França. *Brasil-Portugal:* sociedades, culturas e formas de governar no mundo português (século XVI – XVIII). São Paulo: Annablume, 2006.

PIRES, Maria de Fátima N. *Fios da vida:* tráfico interprovincial e alforrias nos Sertoins de Sima - BA (1860-1920). São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. *Quadrinhos e educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

RIBEIRO, Marcos Profeta. *Mulheres sertanistas:* transmissão e sedimentação cultural do trabalho feminino na formação das primeiras fazendas de gado dos sertões baianos (1704-1838). 250 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ROCHA, Altemar Amaral. *O papel de João Gonçalves da Costa na produção do espaço baiano*: entre os séculos XVIII e XIX as origens do território de Vitória da Conquista. Geopauta, v. 2, n. 3, p. 83-99, 2018. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/5743/574362571006/html/. Acesso em: 05 ago. 2025.

RÜSEN, Jörn. *A razão histórica:* teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.

RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado.* Tradução da Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. 188p. (Teoria da História 2).

RÜSEN, Jörn. *História viva:* teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

RÜSEN, Jörn. *Aprendizagem histórica:* fundamentos e paradigmas. Jörn Rüsen, com a colaboração de Ingretaud Rüsen. Tradução de Peter Horst Rautmann, Caio da Costa Pereira e Daniel Martinenschen. Curitiba: WA Editores, 2012.

RÜSEN, Jörn. *Contribuições para uma teoria da Didática da História.* Curitiba: W&A, 2016.

RÜSEN, Jörn. *Qué es la cultura histórica?* Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. Versão inédita em espanhol traduzida da versão original em alemão disponível em:

FÜSSMANN, Klaus; GRÜTTER, Heinrich Theo; RÜSEN, Jörn (Eds.). *Historische Faszination*; Geschichtskultur heute; Keulen, Weimar and Wenen: Böhlau, 1994, p. 3-26.

SANTOS, Cristina Soares dos. *Erguer a voz:* a luta e a construção de uma narrativa antirracista no contexto escolar. Por uma história das mulheres negras protagonistas. 2021. 308f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021.

SAVIANI, Demerval. *Formação de professores:* aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação, v. 14, n. 40, p. 143-155, jan./abr. 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *A formação do professor de história*. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1998.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora ; CAINELLI, Marlene. *Ensinar história.* São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. GARCIA, Tânia Maria F. Braga. *A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história*. Cad. CEDES, v. 25, n. 67, p. 297-308, dez. 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/S0101-32622005000300003.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica*. In: MONTEIRO, A. M.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHAES, M. S. (Org.). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. 1. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2007. p. 187-198.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora ; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão Rezende (Orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de história.* Curitiba: Ed.UFPR, 2010

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BOA NOVA. *Referencial Curricular do Município de Boa Nova Bahia para Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Boa Nova: Secretaria Municipal de Educação, 2020.

SILVA, Zezito Rodrigues da. *Uma Vila na periferia do Império:* sociedade, território e poder no Alto sertão da Bahia (Vila nova do Príncipe e Santa Anna de Caetite,1810-1821) / Zezito Rodrigues da Silva ; Glaydes Sabina Ribeiro, orientadora. Niterói, 2021.380
f.: il.

SOUSA, Maria Aparecida Silva de. *A conquista do Sertão da Ressaca:* povoamento e posse da terra no interior da Bahia. Vitória da Conquista: UESB, 2001.

SOUZA, Manoel Alex da Silva. ALVES, Rhanes Souza. *Ocupação da terra e pecuária no Arraial dos Poções no século XIX*. 2002. 78f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2002.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Impérios em concorrência:* histórias conectadas nos séculos XVI e XVII. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

TANAJURA, Mozart. *História de Conquista:* crônica de uma cidade. Vitória da Conquista: Brasil-Artes Gráficas, 1992.

TORRES, Tranquilino Leovigildo. *O Município da Conquista.* Edição Crítica anotada por Ruy Araújo Hermann Medeiros. Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/UESB, 1996.

TORRES, Tranquilino Leovigildo. *O Município dos Poções* (Anotações de Ruy Herman A. Medeiros). Vitória da Conquista: Museu Regional/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1996.

VARELA, Cícero Soares. *Aprendizagem histórica e o ensino de história por meio das histórias em quadrinhos.* 2020. 152f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Regional do Cariri, Crato-CE, 2020.

VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. p. 7-29.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Uso das HQs no ensino*. In: RAMA, Angela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2010.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. *História em quadrinhos e educação:* práticas e reflexões no ensino de História. São Paulo: Martins Fontes, 2021.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Os quadrinhos nas aulas de história*: uma empreitada que exige cuidados. Omelete [site], 2003. Disponível em: https://www.omelete.com.br/quadrinhos/os-quadrinhos-nas-aulas-de-historia-uma-empreitada-que-exige-cuidados. Acessada em 25 jul. 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro; D'OLIVEIRA, Geisa Fernandes. *De discursos não competentes a saberes dominantes*: reflexões sobre as Histórias em Quadrinhos no Cenário Brasileiro. Revista Iberoamericana, São Paulo, Vol. 77, Núm. p.135-148, 2011.

VILELA, Túlio. *Os quadrinhos na aula de História*. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2004. p. 105-129.

VIANNA, Aníbal Lopes. *Capítulo II*. *Revista Histórica de Conquista*, v. 1, p. 62-69, dez. 1982.

WIED-NEUWIED, Maximilian. *Viagem ao Brasil.* 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.